

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário
ISSN 0870-1865

9 de Setembro de 1993

Preço: 120\$00
(IVA incluído)

N.º 1030

Director:
Carlos Brito

Avante! especial
da Festa
distribuído
com este número

Pág. 40



Esta é a Festa do futuro!

Projectar a Festa no desenvolvimento da luta



Festa do «Avante!»

RESUMO

1 Quarta-feira

■ Bancários manifestam-se frente ao Ministério das Finanças contra o aumento para o sector que reduz em três por cento os salários reais ■ Embaixadora de Portugal em Tóquio demite-se do cargo ■ Konis Santana, líder da resistência, em mensagem enviada do interior de Timor Leste, afirma a sua confiança na busca de uma solução para os problemas do território ■ O governo moçambicano e a Renamo chegam a acordo sobre os novos mecanismos de governação e sobre a actuação da polícia ■ O Congresso venezuelano confirma por maioria absoluta a destituição do presidente Andrés Pérez ■ Três agentes da Polícia Militar brasileira são detidos na sequência do inquérito ao massacre numa favela do Rio de Janeiro.

2 Quinta-feira

O Conselho de Jurisdição do PSD/Madeira decide por unanimidade expulsar o ex-deputado regional Egidio Pita ■ Portugueses residentes no Cuíto, cidade angolana há vários meses cercada pela Unita, afirmam que a situação na cidade está um inferno ■ O chefe militar indonésio em Timor-Leste afirma que o massacre de Santa Cruz era inevitável ■ Milhões de sul-africanos, respondendo ao apelo do Secretariado Nacional da Paz, cumprem em todo o país um minuto de silêncio ■ O Comité para a América Latina e Caraíbas da Internacional Socialista pede o fim do bloqueio comercial a Cuba.

3 Sexta-feira

Na Atalaia, a Festa do «Avante!» abre as suas portas para o primeiro de três dias de festa onde acorrem milhares de pessoas ■ Os primeiros fuzileiros angolanos formados em Portugal recebem o seu distintivo numa cerimónia em Vale de Zebro ■ Termina em Maputo a cimeira entre o presidente Joaquim Chissano e Afonso Dhlakama com a assinatura de um documento final ■ O Parlamento russo congela o processo de destituição do vice-presidente da República, Alexander Rutskoi ■ A Turquia lança um ultimato aos arménios para que retirem do Azerbaijão «imediatamente e sem condições».

4 Sábado

O CDS/PP acusa o Governo de falta de transparência na aplicação dos fundos comunitários e exige uma justificação cabal para o destino dessas verbas ■ Um dos mais violentos tufões de sempre arrasa a ilha japonesa de Kyushu, no sul do país, e faz 45 mortos ■ Yasser Arafat

recebe luz verde da Fatah para assinar o acordo estabelecido com Israel ■ A Amnistia Internacional solicita à Indonésia autorização para visitar regularmente Xanana Gusmão.

5 Domingo

O secretário-geral do PCP afirma no discurso de encerramento da Festa do «Avante!» que o «PCP e os comunistas portugueses lutam e lutarão para que, tão cedo quanto possível, seja colocada na ordem do dia a demissão do Governo e a sua substituição» ■ Crise atinge o governo açoriano na sequência da decisão de aumentar a dívida regional, subindo de tom as críticas a Mota Amaral, alvo de contestação por parte do secretário das Finanças ■ Morrem sete capacetes azuis numa emboscada a sul de Mogadíscio ■ Generais recusam a demissão de Humberto Ortega anunciada por Violeta Chamorro.

6 Segunda-feira

O ministro do Emprego desmente que o Governo tenha já decidido pela imposição de um tecto salarial de quatro por cento ■ O PS acusa o Governo de ter sido incapaz de promover a integração dos imigrantes ■ Ilda Figueiredo, cabeça de lista pela CDU à Câmara do Porto, afirma em entrevista a um matutino que Fernando Gomes tem atitudes autistas ■ Presidente croata recusa concessões territoriais ■ O vice-presidente da Rússia, Alexander Rutskoi, afirma que o país está a viver um verdadeiro «golpe de Estado».

7 Terça-feira

A Comissão Política do PCP considera ser inadivável a realização de um grande debate nacional sobre os problemas de insegurança, racismo e violência na sociedade portuguesa ■ Cavaco Silva reúne a Comissão Política do PSD e diz ser prioridade da política do Governo o aumento da defesa da segurança dos cidadãos do aumento de criminalidade no país ■ O comandante-geral da PSP agravou o seu anterior pedido de suspensão temporária à subchefe Maria Goreti para a aposentação compulsiva por declarações desta à SIC onde a dirigente da Associação Sócio-Profissional da Polícia manifestou desacordo pela reestruturação imposta pelo Ministério da Administração Interna na PSP ■ Os partidos são recebidos pelo ministro da Administração Interna, chegando-se a consenso sobre a data das eleições autárquicas: 12 de Dezembro ■ Governo sul-africano e ANC chegam a acordo sobre o funcionamento do Conselho Executivo de Transição, a primeira instituição de transição democrática na África do Sul.

O êxito indiscutível da 17ª Festa do «Avante!» atesta o poder mobilizador desta realização anual dos comunistas portugueses e constitui, simultaneamente, uma demonstração muito clara do apoio popular ao PCP e aos objectivos da sua luta.

Já foi afirmado, com base nos dados disponíveis que confirmam plenamente as impressões da observação directa, que esta foi a maior de todas as Festas realizadas na Atalaia.

A afluência impressionante, pelos números e pelo entusiasmo combativo, que durante três dias inundou o espaço da Atalaia, ganha um destaque político ainda maior por se verificar em condições de aguda crise económico-social que atinge duramente as massas trabalhadoras, numa situação de ofensiva da direita no plano nacional e da conturbada situação internacional.

Por tudo isto, as mensagens políticas da 17ª Festa do «Avante!» estão revestidas da força de um vasto apoio popular e devem ser projectadas no desenvolvimento da luta em todas as vertentes fundamentais.

A Festa, e em especial o grande comício de massas que assinalou o seu encerramento, representaram «um poderoso e mobilizador impulso para a preparação das próximas eleições autárquicas e a realização dos objectivos eleitorais da CDU e para uma nova arrancada da luta popular contra a política da direita», como foi salientado pela Comissão Política do PCP, através da Conferência de Imprensa conduzida por José Casanova.

A Festa e o Comício marcam, também, um apreciável avanço na abordagem da questão do Governo e da necessidade de incentivar, incrementar e fortalecer o processo que conduza, quanto antes, à sua demissão e substituição por uma alternativa democrática.

A Festa e o Comício puseram em grande evidência igualmente, o papel indispensável e insubstituível do PCP na sociedade portuguesa e a importância da sua identidade comunista.

A questão da necessidade da demissão e substituição do Governo de Cavaco Silva foi apresentada em estreita relação tanto com o descalabro económico em que mergulhou o país e a generalizada regressão das condições sociais que quer impor a uma parte considerável do nosso povo - a população laboriosa da cidade, dos campos e do mar - como com a sistemática desfiguração e perversão autoritárias a que pretende reduzir o regime democrático português.

É esta abordagem que torna evidente a necessidade de interromper o mais depressa possível a política de direita.

O Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, traduziu com rigor e expressivamente esta combinação da necessidade com a urgência ao esclarecer: «O PCP afirma que a substituição do Governo do PSD se deve realizar o mais depressa possível, enquanto o regime democrático e o funcionamento das instituições têm potencialidades para tanto e não deve ficar guardada para o momento em que já as tenham perdido, por força do avanço e dos êxitos da ofensiva institucional do PSD.»

Como também foi esclarecido, «a realização de eleições antecipadas é um instrumento plenamente legítimo e democrático e pode ser um instrumento de estabilidade face a essa

As mensagens políticas da 17ª Festa do «Avante!» estão revestidas da força de um vasto apoio popular e devem ser projectadas no desenvolvimento da luta em todas as vertentes fundamentais.

política e a um governo que tudo desestabilizam.»

Para os comunistas está claro que não basta formular a necessidade de demissão e substituição do Governo, fundamentar a sua urgência, esclarecer a legitimidade das condições institucionais em que pode ter lugar, advogar a construção de uma alternativa.

É necessário trabalhar e lutar arduamente para acentuar a redução da base social e política de apoio do Governo e do PSD, a evolução positiva que se está a produzir na correlação de forças, assim como para ganhar mais e mais portugueses para o campo da alternativa democrática.

Como também afirmou o Secretário-Geral do PCP, «partimos para essa luta com uma firme vontade de fazer o trabalho que falta fazer...».

É uma luta em que doravante todas as frentes vão contar. Constará de forma destacada a frente das batalhas sociais contra o desemprego, os salários em atraso, a «contenção salarial», a chamada concertação social, em geral, a luta contra a política que pretende que sejam os trabalhadores a pagar os custos da crise; contarão as lutas dos agricultores pela sobrevivência da agricultura e da sua própria; contarão todas as lutas de resistência e por objectivos concretos da juventude e dos estudantes, dos professores, dos

médicos, e de outros sectores intelectuais. Constará a acção política institucional. Constará a frente autárquica e, sem prejuízo da especificidade das eleições para as autarquias locais, o seu resultado também pesará de forma especial neste processo.

É, assim, um processo que se transformará num rio tanto mais caudaloso quanto mais caudalosos forem todos os afluentes. A subida das águas do movimento de massas é que determinará a oportunidade e ditará a viabilização da alternativa democrática.

A identidade comunista do PCP, tal é a explicação do segredo do êxito inquestionável que constituiu a Festa do «Avante!», como referiu Álvaro Cunhal.

«Esse suposto segredo é afinal bem simples», salientou, «é que contrariando as campanhas, as intrigas, as pressões, as calúnias, as provocações, os vaticínios, o PCP não se vergou atemorizado às tempestades políticas e sociais, não se transformou em qualquer coisa inofensiva para as forças do capital e da reacção, não renunciou à sua luta firme, convicta e corajosa.»

Foi um discurso em que o Presidente do Conselho Nacional do PCP pôs em evidência os traços definidores da identidade comunista em que assenta a energia combativa do PCP e fazem dele uma grande força da esquerda no nosso país.

A Festa representou, afinal, uma ilustração destes traços e mais uma inquestionável confirmação de que o PCP é uma força necessária e indispensável na sociedade portuguesa, sem a qual não haverá verdadeira solução para os grandes problemas nacionais.

A valorização da imprensa do Partido e em especial a necessidade de um grande esforço para a promoção, a difusão, o aumento das vendas e das assinaturas do «Avante!» incluem-se, também, nas grandes mensagens da 17ª edição da nossa Festa.

Esta valorização tem que ser compreendida no quadro da acção política geral do PCP e do papel que está hoje reservado ao seu órgão central como o único jornal de difusão nacional que defende consequentemente as posições dos trabalhadores e das massas populares, as grandes referências do 25 de Abril, os valores democráticos, progressistas e de esquerda, os ideais do socialismo e do comunismo.

Os passos iniciados na Festa para a promoção do «Avante!» têm que ser agora continuados pelas organizações do Partido. É delas que depende o resultado final.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90, 7ª-A, 1100 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial «Avante!» — Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A, 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 Fax: 815 34 95

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição. Sede: Rua do Norte, 115, 1ª, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04. Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra Telef. (039) 71 35 77 Delegação Norte: R. Monte dos Pipos, 326, Guifões, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87 /815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7ª-A 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87 /815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composto e Impresso na Haska Portuguesa, SA R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (CONTINENTE) — 50 números: 5.400\$00; 25 números: 2.790\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 6.786\$00

ESPAÑA — 50 números: 8.326\$00

MACAU — 50 números: 13.042\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 14.066\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA) — 50 números: 14.960\$00

EXTRA-EUROPA — 50 números: 18.760\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____ Telef. _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

PCP

Nota da Comissão Política do CC do PCP

O PCP, força necessária na sociedade portuguesa

1. A Comissão Política sublinha o grande sucesso político, cultural e de afluência de visitantes que constituiu a Festa do "Avante!", confirmando-a como o maior evento político-cultural de massas regularmente realizado em Portugal.

O comício da Festa do "Avante!", pela sua dimensão de massas, pela participação combativa e confiante que transpareceu, reforçou a evidência de que o PCP é uma força necessária na sociedade portuguesa, cujo contributo é indispensável para uma política capaz de resolver os problemas do país e dos portugueses e constituiu um poderoso e mobilizador impulso para a preparação das próximas eleições autárquicas e a realização dos objectivos eleitorais da CDU e para uma nova arrancada da luta popular contra a política de direita.

A melhoria sensível das condições de acolhimento e das infra-estruturas, o visível e substancial aumento dos visitantes e a crescente participação da juventude, permitem afirmar que esta 17ª edição da Festa do "Avante!" reforçou o seu carácter de grande festa de juventude, demonstrou ser a mais verde e a mais cómoda de todas as festas já realizadas e constituiu a maior de todas quantas se fizeram já na Atalaia.

A Comissão Política saúda todos os membros do PCP e da JCP, todos os amigos da Festa do "Avante!" que, com o seu trabalho e criatividade contribuíram decisivamente para este resultado.

2. Apreciação dos trabalhos preparatórios das próximas eleições autárquicas, nomeadamente o processo de elaboração de listas, a Comissão Política confirmou a forma positiva como esse processo está a decorrer confirmando o objectivo político do PCP de apresentar candidaturas a todas as câmaras e assembleias municipais, no quadro da CDU e da Coligação "Com Lisboa".

A Comissão Política apreciou de forma igualmente positiva as candidaturas que nas próximas semanas irão ser divulgadas em dezenas de concelhos.

A Comissão Política valoriza particularmente a qualidade e capacidade das equipas que compõem as listas da CDU, destacando ainda o carácter democrático, participado e descentralizado das escolhas efectuadas, o que contrasta vivamente com as imposições centralizadas e autoritárias de candidatos desligados dos concelhos e das populações a que procederam outros partidos.

O PCP considera, entretanto, que as muito dispendiosas campanhas a que procedem desde já outros partidos podem representar um enfraquecimento a interesses económicos e à especulação imobiliária com graves consequências para os interesses das populações e para o equilíbrio ecológico e a paisagem. Considera, igualmente, que a utilização abusiva dos lugares e meios públicos na campanha eleitoral constitui uma violação de princípios éticos e dos deveres de neutralidade e imparcialidade perante as diversas candidaturas que ilustra as dificuldades e o receio dos resultados eleitorais que caracteriza o PSD.

Considerando que o trabalho eleitoral é uma tarefa de todo o Partido, a Comissão Política sublinha a importância de o PCP e a CDU levarem por diante uma campanha eleitoral dinâmica, de massas, assente na verdade e no respeito pela inteligência dos eleitores e tendo como preocupação essencial o reforço da CDU e a criação de melhores condições para dar melhor e mais forte combate aos problemas das populações.

3. A Comissão Política verificou, com enorme preocupação, o acentuar da frequência e gravidade de fenómenos de insegurança e violência, de marginalidade, de racismo e xenofobia que atingem expressões inusitadas, bem como a generalizada degradação de segurança e tranquilidade das populações.

A Comissão Política considera que as declarações de circunstância do Governo e as medidas avulsas que anunciou não resolvem os problemas, não são de molde a tranquilizar as populações e não conseguem esconder as enormes responsabilidades da política prosseguida pelo PSD na actual situação.

As questões de segurança e de tranquilidade passam, entre outros aspectos, pelo ataque às causas sociais geradoras dos fenómenos de marginalidade, passam pela resposta a questões fundamentais como sejam o nível de vida, a habitação, o emprego, os salários em atraso, o trabalho infantil, uma escola para os nossos tempos, uma política de correcta integração das diversas comunidades.

Na verdade, o Governo é o primeiro responsável pela profunda recessão económica e a correspondente crise social que grassa no país e cujas consequências desas-

sua política estava a crescer mais lentamente do que nos últimos anos e que, de 1991 para 1992, o acréscimo foi apenas de 8%, enquanto o PCP considerava o crescimento da criminalidade bem mais próximo dos 20% então adiados pela Procuradoria Geral da República.

Este é o Governo que reduziu o Orçamento para a segurança das populações, em números reais, de 1992 para 1993, entre 5 a 6%, que instaurou o critério da poupança, afastando as esquadras e postos das populações. É o Governo que apostou nas super esquadras mas não assegurou os meios de actuação, que não investiu no factor humano, que não coordenou devidamente as Forças de Segurança, que não respondeu às centenas de solicitações das autarquias para que seja melhorado o policiamento.

Este é o Governo que não tem credibilidade para anunciar novas esquadras quando fechou muitas em zonas de alto risco e não implementou outras já legalmente decididas, que não tem autoridade para falar em reforço de efectivos das Forças de Segurança quando se trata apenas da transferência de elementos da extinta Guarda Fiscal e não se registam incorporações recentes, que não tem moral para falar de medidas preventivas quando todos os dias, como no caso de Trofa, dá provas

de acentuada preferência pela via repressiva, o recurso à violência e a meios desproporcionados.

No entender da Comissão Política o agravamento dos problemas de segurança e tranquilidade das populações, os focos de racismo e xenofobia exigem outra política que este Governo já deu provas de não ter condições para implementar.

Exigem que se inverta a política económico-social, investindo na estabilidade do tecido produtivo e na melhoria das condições de vida das populações.

Exigem, ao contrário do que diz o PS, que foi um entusiasta defensor de Maastricht, não a pudica renegociação para as calendas gregas "de algum critério de convergência", mas o seu abandono e a sua substituição pelo critério de coesão económica e social, pelo aumento do produto, do emprego, de equilíbrio regional.

Exigem que se abandonem os critérios de Maastricht quer seja relativamente à política económico-social, quer seja relativamente à "Europa Fortaleza".

Exigem que se aposte na efectiva integração social das comunidades imigradas no nosso país, com uma política de emprego (que lhes assegure trabalho e os proteja dos alugadores de mão-de-obra miseravelmente paga), de habitação, de ensino, de saúde, de juventude que combata a sua marginalização e "guetização".

Exigem uma política de segurança e tranquilidade das populações essencialmente preventiva, que invista em Forças de Segurança judicializadas e desmilitarizadas, modernas e eficazes, dotadas de meios humanos e materiais adequados, devidamente coordenadas e entrosadas com as populações, as comunidades imigrantes e as autarquias.

O PCP, dispondo de propostas políticas e legislativas com incidência em muitas destas matérias, está entretanto absolutamente disponível para participar num grande debate nacional sobre estes problemas, debate que se revela indispensável e inadiável, e está na disposição de discutir e viabilizar quaisquer medidas que se revelem efectivamente capazes de evitar a derrapagem dos fenómenos de insegurança, racismo e violência na sociedade portuguesa.



tróneas (o desemprego, o subemprego, a redução do nível de vida, a degradação das condições de habitação, educação, saúde e tempos livres das populações, a desertificação de importantes zonas do país e a proliferação de bairros degradados nos grandes centros urbanos, o avolumar de factores de injustiça, a conflitualidade no tecido social, a competitividade exacerbada, a agressividade de determinados estratos da juventude e o surto de toxicod dependência) são a génese do crescimento dos fenómenos de marginalidade e criminalidade, de xenofobia e racismo.

A política do Governo relativamente aos imigrantes, condicionada pelos acordos de Schengen e pelo Tratado de Maastricht é estranha aos valores humanos e histórico-culturais nacionais, esquecendo que Portugal foi e é um país de emigrantes e com tradições e particulares responsabilidades e interesses nas relações com os PALOP e o Brasil, tem sido ela própria um elemento de desestabilização das relações entre as comunidades nacionais e as de origem africana.

Toda a actuação e propaganda do Governo do PSD em torno das questões da legalização de estrangeiros e do direito de asilo visou alimentar a guerrilha institucional e fabricar um bode espiatório para as dificuldades sociais e de segurança das populações e, por esta via, introduzir um novo instrumento de limitação dos direitos dos cidadãos.

Mas, de facto, o Governo é o principal responsável pela situação de insegurança generalizada que se abate sobre as populações nacionais ou imigradas em todo o país, nomeadamente nas áreas metropolitanas e no litoral.

Este é o Governo que ainda em Abril deste ano afirmava que a taxa de criminalidade em consequência da

Carlos Carvalhas no comício

Os comunistas lutam e lutarão para, tão cedo quanto possível, alcançar a substituição do Governo

Camaradas,

Com as suas ricas e multifacetadas características, com as raízes nacionais e a seiva popular que a percorre, anima e faz viver, com a alma democrática e revolucionária que lhe dá força, impacte e fôlego, a Festa do «Avante!» é, de facto, uma valiosa expressão e um forte e emocionante testemunho do que de mais sólido, mais genuíno, mais singular e mais fecundo marca a identidade, os ideais, os valores, o projecto e a acção do PCP e dos comunistas portugueses.

Ao mesmo tempo, em coerência com esta ideia fundamental, certamente estaremos de acordo que da nossa Festa se desprendem concepções, atitudes e valores que são indispensáveis para o desenvolvimento democrático da sociedade portuguesa e que são essenciais para a construção de um presente e de um futuro à medida das melhores aspirações e esperanças do povo português.

O amor de liberdade e da democracia, o sentido de justiça, a solidariedade, o inconformismo, a fraternidade, a conjugação de esforços e a mobilização de energias e capacidades em torno de objectivos colectivamente definidos e assumidos, o respeito pelo trabalho e a valorização do papel dos trabalhadores na vida nacional, a cidadania activa, a participação e a intervenção, o património mais profundo da revolução de Abril, a juventude como grande força social de dinamismo, avanço e renovação, uma concepção elevada e generosa da acção política, a paixão de criar, de construir e de transformar, a firme determinação de lutar e, com base nela, uma profunda confiança no futuro - tudo isto, que está presente e se afirma na nossa Festa, são valores que se projectam rasgadamente para a nossa caminhada como povo e como nação.

Crise económica e regressão social

Camaradas,

O País está confrontado com uma crise de grande gravidade.

Ao contrário do que o Primeiro-Ministro tem propalado através de sofisticadas operações mediáticas de auto-glorificação, um exame sereno, exigente e objectivo da situação e das realidades nacionais aí está para mostrar com clareza que o governo do PSD não foi capaz de aproveitar uma conjuntura externa extremamente favorável, e que hoje com um aparelho produtivo atrasado e mais vulnerável, se assiste à desindustrialização, à queda da produção, ao agravamento dos défices, à substituição da produção nacional pela produção estrangeira.

«É por isso que aqui afirmamos que o PCP não aceita ficar calmamente à espera que o PSD conclua o seu trabalho de desfiguração e mutilação da democracia política consagrada na Constituição, que o PSD crie um sistema de um único partido de poder, que o PSD altere as leis eleitorais de forma a assegurar para si próprio uma confortável maioria de deputados mesmo com uma flagrante minoria de votos, que o PSD fique dotado dos instrumentos para, ilegitimamente, se perpetuar no governo e barrar o caminho a uma mudança e a uma alternativa democráticas»

Ao contrário do que o Primeiro-Ministro tem inventado para enfeitar a sua política espectáculo, a "teoria do oásis", o "agarrar o pelotão da frente", o estamos a chegar ao "cimo da montanha" e outras patacoadas, a verdade aí está para o desmentir e mostrar a degradação do tecido produtivo, o estado de sítio em que se encontra a agricultura, a ruína das pescas, o encerramento de empresas, o acumular de prejuízos em sectores como as celulosas e o Turismo que ainda ontem eram apresentados respectivamente como o "nosso petróleo verde" e como a "árvore das patacas" a que se junta o avolumar de graves acidentes e atentados ambientais, incêndios florestais e descargas concentradas de resíduos tóxicos nos rios...

Ao contrário do que o Primeiro-Ministro tem procurado instilar na opinião pública, a verdade aí está para desmentir os slogans da modernização e da importância da Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento do país, comprovando que a política do Governo é responsável pelo progressivo enfraquecimento e até pela desintegração de partes significativas do sistema científico e tecnológico nacional, como é o caso do desmantelamento do sector público da Investigação Científica e Tecnológica.

Ao contrário da imagem laboriosamente tratada e encaçada de seriedade, de devoção à causa pública e aos interesses nacionais, que os propagandistas do PSD têm construído, a realidade aí está para comprovar que a governação do PSD está marcada pelo clientelismo, pelo negociatismo e pela corrupção, pelo espeznimento da isenção e da ética política no exercício das funções públicas.

É uma realidade que estamos perante uma crise de dimensão nova no Portugal democrático. Pela sua amplitude e gravidade. Pelos sectores económicos e sociais atingidos. Pela sua penetração em profundidade no conjunto do tecido produtivo. Pelo seu carácter estrutural. Por afectar alguns dos sectores mais jovens e dinâmicos da actividade produtiva. Pela sua conjugação com a profunda recessão e crise na generalidade dos países capitalistas desenvolvidos com quem Portugal tem o grosso das suas relações económicas. Por traduzir, no quadro de uma economia aberta fortemente desprotegida, a permanência (e mesmo agudização) dos défices estruturais, estrangulamentos e dependências.

Uma crise em que aos problemas de ordem material se juntam factores de ordem psicológica, de falta de confiança, de insegurança e incerteza dos rumos para a economia portuguesa no mar tormentoso da economia comunitária e mundial.

A situação actual sofre os reflexos da crise internacional mas é insofismável que são causas da crise, e da responsabilidade do Governo, o processo de restauração do capitalismo monopolista e a submissa e ordeira obediência da sua política económica às orientações macroeconómicas da União Económica e Monetária (UEM), com as suas exi-



FESTA

gências de convergência monetária manifestamente incompatíveis com as necessidades objectivas da nossa economia. É da responsabilidade do Governo a nefasta antecipação da completa liberalização dos movimentos de capitais e a precipitada e inadequada integração do escudo no mecanismo de taxas de câmbio do Sistema Monetário Europeu (SME). É da sua responsabilidade a irresponsável e persistente política de defesa de uma paridade cambial do escudo sobreavaliada e de elevadas taxas de juro, que comprovadamente sacrificou a produção, o turismo e as exportações nacionais e tem provocado o aumento exponencial do desemprego.

As causas da crise são também um longo libelo acusatório contra o PS. São ineludíveis as suas responsabilidades, entre outras pelos reforçados instrumentos que ofereceu ao PSD a partir de 1989, na revisão da Constituição. No entusiástico apoio a Maastricht. No fechar de olhos às privatizações. Nas facilidades que o PSD encontrou ao nível institucional, pelos acordos, cumplicidades e quantas vezes iniciativas do PS no socavar das bases essenciais e linhas de defesa do regime socioeconómico resultante de Abril.

A crise não é para todos

Também a análise serena e rigorosa das causas da crise mostra as justas razões das orientações, posições e propostas que, ao longo destes anos, fomos tomando e fazendo. A razão das nossas prevenções e alertas. A razoabilidade, racionalidade e coerência das medidas que, ao nível da intervenção institucional (Assembleia da República e Parlamento Europeu), ao nível da nossa intervenção política, ao nível das análises e teses dos nossos textos, fomos apresentando.

Uma vertente que geralmente não aflora as reflexões dos analistas sobre a crise, é a sua natureza de classe. Natureza que se impõe com meridiana transparência na visão da crise, pelo lado da movimentação social e popular. E no entanto é uma constatação, uma evidência, que não necessita de profundos exercícios analíticos, o facto de a crise não atingir todos os portugueses nem do mesmo modo, nem com a mesma intensidade. Que há os que ficam sem bolsos e há os que enchem os bolsos. Que, por exemplo, os problemas dos Mello com os Estaleiros da Lisnave, que lhes permitirão arrecadar 52 milhões de contos do Governo estão bem longe dos problemas que vão afectar os cerca de 4 mil trabalhadores que se prevê virem a ser despedidos...

A crise de facto não é para todos

À sombra da crise, a pretexto da crise, ou em consequência da mesma crise, florescem as negociatas, fazem-se fortunas, crescem os lucros especulativos.

A centralização e a concentração de capitais prossegue, à custa do desemprego, da liquidação de empresas e da extensão e multiplicação das bolsas de pobreza.

As negociatas das privatizações envolvem milhões, que são retirados do investimento para a compra de empresas, em meras transferências, sem criarem um grão de actividade produtiva. Compram-se bancos, com o dinheiro desses mesmos bancos. Os que avaliam empresas públicas são os mesmos que depois as compram por tuta e meia. É um escândalo.

Mas os negócios não se ficam só pelas Empresas Públicas.

Só entre Agosto de 1992 e Agosto de 1993 multiplicaram-se as mudanças de accionistas, as ofertas públicas de aquisição (OPA), as vendas ao estrangeiro e as pseudo-reestruturações. Na banca, na indústria e na distribuição, tem sido um fartote. A economia regride e o negociatismo progride!

E para se ter uma ideia de quem serve este Governo e a sua política, basta ter em atenção que no Orçamento do Estado para 1993 estão inscritos cerca de 120 milhões de contos de benefícios fiscais para as operações financeiras e especulativas, ao mesmo tempo que há cortes drásticos nas verbas para o ensino, a saúde e a habitação social. É a política do «funil».

Para a clientela do Governo temos os benefícios fiscais, os fundos da CEE, os subsídios a fundo perdido, as negociatas e a corrupção. Para os trabalhadores, agricultores, pescadores, pequenos e médios empresários, o aperto do cinto em nome da crise! Esta é a bússola daquele que enfaticamente se intitula o «homem do leme»!

Camaradas, Nós, comunistas, nós, comunistas portugueses, não ficamos indiferentes, nem lavamos as mãos como Pilatos, face ao aumento do desemprego, às tentativas congelamento de salários e de imposição de tectos salariais, à diminuição do subsídio de desemprego, nem à dramática situação dos trabalhadores e suas famílias que regressando de férias vêm as empresas em que trabalham encerradas.

Nós, comunistas, nós, comunistas portugueses, não nos limitamos a registar a difícil situação dos reformados e deficientes, as chagas do trabalho infantil e dos salários em atraso, a revolta e a indignação dos que com 40 ou 50 anos não encontram um posto de trabalho depois de terem sido atirados para o desemprego.

Nós, comunistas, comunistas portugueses, não aceitamos as alterações às pensões de reforma e de invalidez que o Governo aprovou este Verão e que representam um atentado muito grave contra a população trabalhadora.

Não aceitamos a alteração do seu cálculo, nem o aumento da idade de reforma das mulheres de 62 para 65 anos e exigimos que o Governo cumpra as suas obrigações orçamentais e constitucionais.

Nós dizemos não a uma política de efectiva descapitalização e de destruição da segurança social, como importantíssimo património dos trabalhadores portugueses que não pode deixar de merecer a nossa mais viva denúncia e combate.

Estareis certamente de acordo com a decisão da Comissão Política de propor ao Grupo Parlamentar que chame a ratificação da Assembleia da República estes diplomas do Governo e com a necessidade de emprendermos, nos próximos meses, um vasto e massivo movimento de protesto e de reclamação da sua revogação.

Nós não aceitamos que o Governo se desresponsabilize das devastadoras consequências sociais da sua política as quais têm um peso determinante a ampliação na sociedade portuguesa de preocupantes fenómenos de tensão, insegurança e exasperação, designadamente em torno dos problemas da droga, da criminalidade e do relacionamento entre diversas comunidades.

Nós não aceitamos, e por isso não podemos deixar passar uma séria chamada de atenção e uma vigorosa denún-

ciada, as concepções autoritárias e o tom intolerante que crescentemente se manifestam nas declarações do Primeiro-Ministro.

Na intolerável tendência para confundir o PSD e o Governo com Portugal e com os interesses nacionais e de qualificar como inimigos do progresso do país todos os que se opõem ao PSD, à sua política e ao seu Governo, na continuada contestação e hostilidade ao exercício por outros órgãos de soberania das suas legítimas competências, no desagrado com a acção de órgãos de fiscalização da actividade governamental e da legalidade das suas decisões, na arrogância do tipo «posso, quero e mando», na lei do segredo de Estado e nas ilegais actividades dos Serviços de Informações e em tantas outras decisões e comportamentos - o que se desvenda, sem pudor nem prudência, é uma manifesto conflito e incompatibilidade do Primeiro-Ministro e do Governo do PSD com o regime democrático e com os princípios mais elementares.

Não há por isso nenhum exagero em afirmar que, enquanto nós concebemos a democracia como forma natural de pensar, sentir, agir e viver, o Primeiro-Ministro e boa parte do pessoal político do PSD mostram encerrar a democracia e as suas regras como um enorme constrangimento e como um aborrecido e incómodo embaraço, não vivem a democracia antes são obrigados a viver em democracia, e também por isso nela se procuram vingar procurando o seu enfraquecimento, degradação e mutilação.

Nós não nos calamos nem nos calaremos também face à desresponsabilização do Governo nas áreas vitais da saúde e da educação.

Por isso apresentamos propostas e soluções alternativas e procuramos impulsionar a luta para derrotar esta política. Será aceitável, por exemplo, o que se tem passado com os hemofílicos ou com a dramática ocorrência do Centro de

Hemodiálise de Évora e os casos que quase diariamente se verificam, testemunhando a grave situação existente em muitos hospitais e serviços de saúde? Claro que não. Também na educação, a duas semanas da abertura do novo ano lectivo, a situação continua a ser preocupante num sector cuja importância estratégica o PCP não se tem cansado de sublinhar. Ano lectivo novo mas com problemas velhos e revelhos. Que se transformaram já numa crise profundíssima que atinge todos os sectores e níveis de ensino. E que estão a unir na indignação, no protesto e na luta, cada vez mais, os professores, os estudantes e as suas famílias. A reforma educativa, cujos objectivos democratizadores e modernizadores do ensino em Portugal a Lei de Bases do Sistema Educativo consagrou, está moribunda. Nós, comunistas, denunciámos a política do Governo de desvalorização e de desqualificação da escola pública. Denunciámos o aumento brutal das propinas e as chantagens e ameaças do ministro Couto dos Santos - e permiti que daqui exprima a solidariedade do PCP para com a valiosa luta que a JCP e os estudantes têm travado e que mostram disposição para continuar. Sintetizando a nossa atitude, queremos deixar inteiramente claro que o que o PCP nunca aceitará é a pretensão do Governo que a crise possa ser resolvida à custa dos que trabalham, à custa das novas gerações, à custa das gerações, hoje idosas, mas que muito trabalharam para o país.



Grandes linhas para a política necessária

Camaradas,

É necessário contrapor a uma deliberada política de liquidação de milhares de unidades produtivas, da agricultura, das pescas, da indústria, a defesa e modernização do sistema produtivo português. Com a defesa e promoção do mercado interno. Com políticas de crédito e cambial ajustadas. Com a defesa do núcleo estratégico das empresas do sector público.

É necessário contrapor a uma obstinada política de desemprego e baixos custos de mão-de-obra um programa de relançamento e

defesa do emprego estável e garantia de crescimento dos salários. Com a defesa dos postos de trabalho existentes. Com a anulação dos despedimentos em perspectiva em grandes empresas públicas e privadas e da legislação sobre os chamados disponíveis. Com a criação de novos empregos. Com a concretização do horário das 40 horas. Com o fim dos salários em atraso. Com o fim dos tectos salariais, dos famigerados 4% e do efectivo direito à contratação colectiva.

É necessário contrapor à provocatória política de degradação do sistema público de saúde do País, a reposição e concretização dos princípios, objectivos e valores fundamentais do Serviço Nacional de Saúde consagrado na Constituição.

É necessário contrapor à persistente política de descapitalização e falência dos serviços, a defesa da melhoria do sistema de Segurança Social. Com a revogação dos recentes diplomas do Governo, e o combate à privatização do sistema, alterando a natureza da sua função. Com a recuperação das dívidas e com as transferências devidas do Orçamento do

«Os comunistas portugueses propõem-se impulsionar e dinamizar uma grande arrancada que conduza à derrota do Governo do PSD e à conquista de uma nova política e de uma alternativa democrática»



FESTA

Estado. Com a proibição da utilização dos seus fundos no suporte de despesas estranhas aos seus fins. Com a elevação dos valores das prestações sociais, e em particular das pensões. Com a alteração do seu modo de financiamento de forma a aliviar o seu peso sobre o emprego.

É necessário contrapor a uma deliberada política de negação do direito à educação, e à mercantilização do ensino, a **defesa de uma política educativa democrática e a construção de uma escola para o nosso tempo.** Com a concretização do direito constitucional de cada português à educação. Com a defesa e revigoração da escola pública. Com a plena valorização dos recursos humanos do País.

É necessário contrapor a uma insistente política de efeitos mediáticos e desresponsabilizante da Administração Central, um **Plano Nacional de Habitação com a participação de todos os interessados.** Com a assunção pelo Governo das suas responsabilidades nesta matéria. Com a não ratificação do decreto do Governo sobre arrendamento urbano. Com uma incentivadora política de solos e ordenamento territorial. Com reformulação da política de crédito bonificado.

É necessário contrapor a uma palavrosa e demagógica política, a **defesa do ambiente como componente essencial do desenvolvimento integrado do País.** Com a oposição às tentativas de centralizar e privatizar a gestão da água e do saneamento básico. Com o combate à aceitação mais ou menos explícita da poluição da água e do ar pelos interesses instalados. Impedindo a transformação da política ambiental em instrumento de ataque ao Poder Local. Com uma intervenção concreta e meios financeiros suficientes na resposta descentralizada aos problemas dos resíduos, e em particular dos tóxicos, às graves situações de poluição dos principais rios portugueses, aos incêndios florestais e à necessária reflorestação das áreas ardidas.

Mas uma política de desenvolvimento exige que se avance corajosa e patrioticamente, e com urgência, em duas grandes direcções centrais e complementares:

● **No plano comunitário, a imediata rotura com as orientações, os objectivos e os critérios de convergência de Maastricht,** abrindo o processo de reexame da construção europeia e fazendo da **coesão económica e social** o eixo nuclear das políticas comunitárias. Não resta a uma economia pequena e fragilizada como a nossa, outro caminho que não seja o da defesa do seu sistema produtivo. Isto significa, a reconsideração da política monetária e financeira, a suspensão da liberalização dos movimentos de capitais de curto prazo, a salvaguarda do mercado interno para as produções gravemente afectadas pelo Mercado Único; a renegociação da aplicação das políticas comunitárias mais gravosas, e em particular a agrícola e a das pescas.

● **No plano interno,** a concretização de políticas económicas e sociais orientadas pelo objectivo de um desenvolvimento nacional e regional, centrado na defesa da produção nacional, no combate à crise, ao desemprego, à desertificação do interior, e na melhoria sustentada do nível de vida dos portugueses.

Força e significado do movimento de luta contra a política do Governo

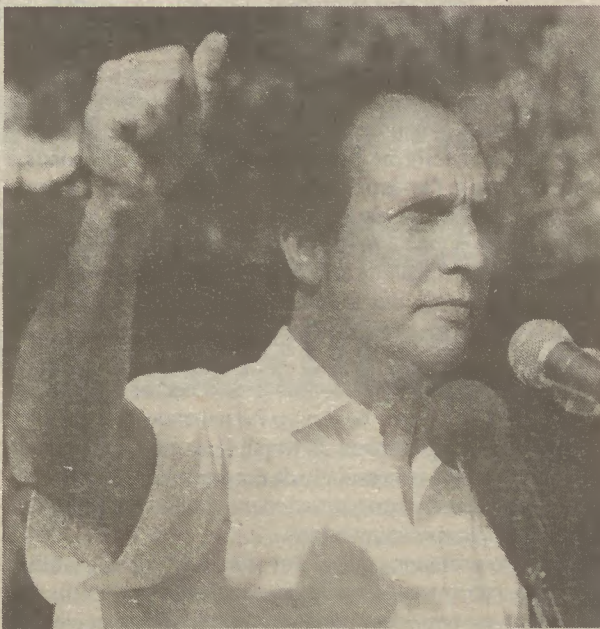
Camaradas,

Se as orientações e a política do Governo do PSD semearam na vida nacional tão fortes motivos de profunda inquietação e preocupação, é justo dizer que, em contrapartida, constitui um grande motivo de confiança e razão de esperança a resposta popular e o vasto movimento de protesto e de luta que se desenvolveu ao longo deste ano, marcado por uma grande diversificação social, abrangendo os mais diversos sectores da sociedade portuguesa, concretizado em centenas de acções e iniciativas e testemunhando uma grande veemência e combatividade.

Este amplo, intenso e persistente movimento de lutas tem colocado todo o país perante a agudeza e o dramatismo dos problemas que assolam a economia e as condições de vida e de trabalho da população, exprime um enorme descontentamento e, mais do que isso, transmite uma severa crítica e uma explícita rejeição e condenação da política do Governo do PSD e protagoniza justas reclamações e reivindicações que correspondem a aspectos efectivamente essenciais da política democrática de que Portugal precisa.

Procurando disfarçar o seu isolamento social e a vigorosa condenação da sua política, o Governo de Cavaco Silva empenha-se cada vez mais em **duas grandes mistificações** que são, ao mesmo tempo, dois casos de escandalosa hipocrisia e de revoltante cinismo.

A primeira mistificação é a que se desvenda sempre que o Governo se procura apresentar como um grande defensor e campeão da «concertação social». A verdade, porém, é que há razões de sobra para dizer que a única «concertação social» que se vê na política do Governo é a sistemática, arbitrária e unilateral imposição, sem qualquer discussão ou consideração pelas opiniões do movimento sindical, de medidas altamente gravosas para os trabalhadores e são planos e projectos que não escondem que o que o Governo verdadeiramente desejaria era, em troca de umas promes-



sas vagas, indefinidas e insignificantes, conseguir colocar o movimento e as estruturas sindicais na situação de apoiantes e co-responsáveis pela política governamental de guerra aberta aos interesses, direitos e regalias dos trabalhadores.

A segunda mistificação é a que se revela na inqualificável chantagem que o Governo procura fazer sobre os trabalhadores em torno de uma alegada defesa e salvaguarda dos postos de trabalho (que realmente não tenciona minimamente assegurar) procurando fazer crer que a diminuição dos salários, a perda de direitos e regalias, o aumento da precariedade e da exploração seriam o grande remédio e o preço a pagar para evitar o desemprego. A verdade é que para se perceber que isto é uma pérfida armadilha, basta lembrarmo-nos que o Primeiro-Ministro e o Governo, que agora hipocritamente chegam a clamar pela união de todos em defesa do emprego são exactamente o mesmo Primeiro-Ministro e o mesmo Governo responsáveis por uma desastrosa política económica que é a grande causadora do brutal aumento do desemprego e que se recusam terminantemente a rectificar ou abandonar.

Camaradas,

O significado da acção dos portugueses que resistem, que protestam, que lutam, de todos os que não desanimam nem se resignam, de todos os que se movimentam e manifestam o seu descontentamento contra a política e as medidas do Governo, ultrapassa em muito a essencial e decisiva defesa dos seus próprios interesses, direitos e aspirações.

Muito para além disso, o que o grande movimento nacional de resistência, de protesto e de luta testemunha é também a força e o nível de estruturação do movimento popular, uma elevada consciência social, um profundo enraizamento dos valores democráticos de intervenção e participação, um importante fortalecimento dos sentimentos de unidade, solidariedade e da acção colectiva, uma firme determinação de não permitir que a dignidade de cada um e de todos seja amarfanhada, em suma, realidades, energias e valores que são hoje e serão amanhã factores essenciais e insubstituíveis para travar e derrotar a política do Governo e defender os interesses populares e nacionais.

À classe operária, aos trabalhadores, aos agricultores, aos pescadores, aos reformados, às mulheres, aos jovens (com destaque para os estudantes do ensino superior pela sua luta, magnífica de resistência e combatividade, contra a lei das propinas);

- A todos os homens e mulheres de Portugal que são vítimas da política do Governo, a todos os que vencendo terríveis pressões, constrangimentos e coacções, têm vindo a afirmar alto e bom som que não abdicam do que é justo e não toleram o que é injusto, e que por isso, vão à luta e dão luta a uma política de definhamento económico e regressão social;

- Às organizações sociais de massas com justo destaque para a CGTP-IN, grande e prestigiada central sindical dos trabalhadores portugueses;

- A todos, mas a todos sem excepção, renovamos a activa solidariedade do PCP e a todos renovamos o sempre honrado compromisso do PCP de não se afirmar apenas solidário em palavras mas sobretudo solidário nos actos, nos esforços, no trabalho, na acção política a todos os níveis.

Rumo à alternativa democrática

Camaradas,

Os sacrifícios, dificuldades e inquietações que o governo do PSD está lançando de forma tão deliberada quanto obstinada sobre os trabalhadores e vastas camadas da população, os prejuízos e golpes que a sua negativa política está causando nos interesses presentes e futuros do País, as revoltantes injustiças e profundas desigualdades que está acentuando na sociedade portuguesa, bastariam só por si para legitimar uma conclusão e para fundamentar uma necessidade.

A **conclusão** de que este Governo não serve e a **necessidade** do seu urgente afastamento e substituição.

Mas esta conclusão torna-se ainda mais firme e mais sólida e esta necessidade torna-se ainda mais evidente e mais premente se pensarmos no que significaria para Portugal, para os portugueses e para o regime democrático e constitucional, o prosseguimento da política de direita, com o seu extenso somatório de factos consumados, de realidades negativamente alteradas, de direitos e regalias suprimidos, com o avanço da sua obra de destruição, com a concretização dos seus objectivos de fundo no plano económico, social, político, cultural e institucional.

Que ninguém tenha a mais pequena dúvida: se a política de direita não for interrompida, se o PSD não for afastado do poder, se o PSD conseguir levar por diante e concretizar os seus principais planos e objectivos, o Portugal democrático que construímos com o 25 de Abril e que temos vindo a defender palmo a palmo ficaria irreconhecível e os trabalhadores e o povo português teriam perdido muito do que justamente ganharam e conquistaram.

É por isso que profundamente envolvidos na luta e na resposta aos desafios e problemas do presente, aqui afirmamos que o PCP não se resigna a esperar que o PSD complete tranquilamente a total reconstituição do poder do grande capital sobre a economia e a vida nacional portuguesa com a correspondente ainda maior exploração de quem trabalha.

É por isso que aqui afirmamos que o PCP não se acomoda a esperar que o PSD tranquilamente mutile drasticamente os direitos fundamentais dos trabalhadores e as suas regalias.

É por isso que aqui afirmamos que o PCP não se conforma com esperar que o PSD tranquilamente reduza ao mínimo as responsabilidades do Estado no plano social, complete a sua ofensiva contra o sistema público de segurança social, de saúde e do ensino, institua a lei da selva e a ditadura dos privilégios sobre legiões de cidadãos desprotegidos e abandonados, segregados e marginalizados.

É por isso que aqui afirmamos que o PCP não se resigna a esperar que o PSD tranquilamente sacrifique e aprisione totalmente os interesses, a soberania e a independência nacionais nas malhas federalistas de uma «construção europeia» comandada pelo grande capital e pelos países mais desenvolvidos.

É por isso que aqui afirmamos que o PCP não aceita ficar calmamente à espera que o PSD conclua o seu trabalho de desfiguração e mutilação da democracia política consagrada na Constituição, que o PSD crie um sistema de um único partido de poder, que o PSD altere as leis eleitorais de forma a assegurar para si próprio uma confortável maioria de deputados mesmo com uma flagrante minoria de votos, que o PSD fique dotado dos instrumentos para, ilegitimamente, se perpetuar no governo e barrar o caminho a uma mudança e a uma alternativa democráticas.

E é porque não nos acomodamos nem resignamos a essa sombria perspectiva que, com todo o sentido da responsabilidade, o PCP afirma que a **substituição do governo do PSD se deve realizar o mais depressa possível, enquanto o regime democrático e o funcionamento das instituições têm potencialidades para tanto e não deve ficar guardada para o momento em que já as tenham perdido, por força do avanço e dos êxitos da ofensiva inconstitucional do PSD.**

Não há assim nenhuma razão para haver dúvidas sobre qual é a atitude do PCP face à questão do Governo.

Mas se porventura existissem, estamos em condições de as esclarecer com palavras bastante claras.

O PCP e os comunistas portugueses lutam e lutarão para que, tão cedo quanto possível, seja colocada na ordem do dia a demissão do Governo e a sua substituição, na base da vontade popular, por um governo democrático com uma nova política, com uma política radicalmente diferente da que vem sendo imposta ao país há muitos anos.

O PCP e os comunistas portugueses lutam e lutarão para que, com o desenvolvimento da luta popular e com uma séria derrota do PSD nas eleições autárquicas, se abra um processo mais avançado que crie condições para que, no quadro do funcionamento das instituições, o PSD seja afastado do governo e o país conquiste uma alternativa democrática.

Pelo povo e pelo país, este é um compromisso de luta que empenhadamente assumimos.

Pelo povo e pelo país, este é um objectivo democrático ao qual consagraremos as melhores das nossas energias e combatividade.

Ao contrário do PS, que, sem nenhuma necessidade a não ser a de ceder às pressões e à chantagem lançada pelo PSD, veio declarar que, depois das autárquicas, não tenciona reclamar eleições legislativas antecipadas e que acha que o PSD deve governar até 1995, nós declaramos que é **fundamental uma grande derrota do PSD nas autárquicas também exactamente para que se criem condições para que o povo português possa escolher outro caminho, outra política e outro governo.**

Ao contrário do PSD, que procura apresentar a dissolução da Assembleia da República como algo de ilegítimo e profundamente desestabilizador, o PCP aqui reafirma que a realização de eleições antecipadas é um instrumento plenamente legítimo e democrático e pode ser um instrumento de estabilidade face a uma política e a um governo que

FESTA

tudo desestabilizam, desde a economia aos direitos dos cidadãos, passando pela vida das instituições democráticas e pelas condições de vida da população.

Além do mais, o PSD não pode querer sol na eira e chuva no nabal.

Um partido, como o PSD, que por duas vezes (em 1985 e em 1987) chegou ao governo por via da dissolução da Assembleia da República e de eleições antecipadas, não pode seriamente contestar que seja igualmente legítimo e democrático que, também por via da dissolução da Assembleia da República e de eleições antecipadas, venha a ser afastado do governo.

Aqui neste grande e combativo comício da Festa do "Avante", neste início de Setembro, damos a Portugal inteiro uma sólida garantia e uma profunda certeza: os comunistas portugueses propõem-se impulsionar e dinamizar uma grande arrancada que conduza à derrota do Governo do PSD e à conquista de uma nova política e de uma alternativa democrática.

Não nos limitamos a formular uma necessidade, a levantar uma bandeira, a definir um objectivo, ou a proclamar uma aspiração. Mais do que isso, partimos para essa luta com uma firme vontade de fazer o trabalho que falta fazer, com uma grande audácia para alterar a correlação de forças e ganhar mais portugueses e portuguesas para o campo da luta pela alternativa democrática, com uma grande confiança na vontade dos trabalhadores e do povo e na força da democracia.

Cavaco Silva fala cada vez mais como se fosse dono e senhor da sorte dos portugueses e do destino de Portugal.

Mas nós temos confiança que, mais cedo do que tarde, será o povo português a decidir da sorte e do destino político de Cavaco Silva e do seu governo, pondo termo às malfetorias de anos e anos de política de direita e abrindo um novo caminho de esperança para Portugal.

A batalha das eleições autárquicas

Camaradas, a batalha das eleições autárquicas é uma batalha fundamental dos próximos meses. Em consonância com a intervenção na luta política geral e na luta social, é uma batalha de todo o Partido, de todos os militantes e simpatizantes em que todos se devem empenhar ainda mais profundamente. Aos que sonhavam com ver um Partido em perspectiva de diminuição de posições e de derrota, nós respondemos com realismo e serenidade na definição do objectivo de manter a maioria nos municípios e freguesias que adminis-

tramos, obter mais maiorias e reforçar as posições em minoria.

A concretização destes objectivos está ao nosso alcance. Resulta do trabalho geral do PCP em defesa dos trabalhadores e do povo, da grande obra que realizamos nas autarquias locais, da confiança que conquistámos junto das populações. De todos os quadrantes políticos se ouviu dizer: «nas autarquias eles, os comunistas, são os melhores»; e os factos comprovam que assim é.

O segredo do nosso êxito é a dedicação às populações, o cumprimento dos programas, a abertura, a participação na gestão, a prestação de contas, a honestidade exemplar, o trabalho colectivo. Por isso, camaradas, vamos para esta batalha com toda a confiança!

Também agora, na escolha de candidatos, se verificou um vivo contraste entre o carácter democrático, descentralizado e participado do processo de definição de candidaturas da CDU e o processo centralizado e autoritário seguido por outras forças políticas, com expulsões, perseguições, imposição de candidatos pela direcção central contra a vontade dos militantes.

Da mesma forma, há casos em que se verifica a sobrevalorização da personalização das candidaturas e campanhas do PS e PSD para esconder a ausência de trabalho, a fragilidade das equipas, a falta de projectos, o desconhecimento das realidades locais e dos mecanismos mais elementares da gestão autárquica. A CDU, pelo contrário, optou por candida-

tos com vocação autárquica, inseridos no meio, enraizados e bem conhecidos localmente, em vez de vedetas que, quanto mais aparecem na comunicação social, mais revelam as suas contradições profundas e que não têm qualquer relação com os concelhos por onde se candidatam.

É certo que se verifica desde já uma profunda desproporção de meios financeiros entre a CDU e as outras candidaturas. O anúncio e a ostentação de enormes meios financeiros de outros candidatos não pode deixar de constituir um factor de legítima preocupação quanto a compromissos com o poder e interesses económicos e os possíveis reflexos com a especulação imobiliária. Verifica-se também um abuso e instrumentalização de meios e do aparelho de Estado, ao serviço do poder e do PSD.

Em contraste com o «novo-riquismo» ou abuso de poder, a CDU privilegiará um estilo de campanha serena, assente na divulgação das suas propostas, na imaginação, no contacto, na reflexão e no debate directo com a população dos seus problemas e soluções, na mobilização de candidatos e activistas.

«Não nos limitamos a formular uma necessidade, a levantar uma bandeira, a definir um objectivo, ou a proclamar uma aspiração. Mais do que isso, partimos para essa luta com uma firme vontade de fazer o trabalho que falta fazer, com uma grande audácia para alterar a correlação de forças e ganhar mais portugueses e portuguesas para o campo da luta pela alternativa democrática, com uma grande confiança na vontade dos trabalhadores e do povo e na força da democracia»

A dinâmica das manifestações de apoio em torno das listas da CDU são um sinal da receptividade que rodeia as suas candidaturas. São homens, mulheres e jovens, são candidatos com provas dadas, são democratas que abraçam as causas mais generosas e servem por inteiro as populações.

É uma realidade, por exemplo, que a obra realizada em Lisboa nos municípios e freguesias, com a contribuição decisiva dos eleitos do PCP, angariou apoios crescentes e é bom que possa prosseguir, agora, no quadro da Coligação «Com Lisboa».

A unidade das forças democráticas, em especial do PS e do PCP, alargou apoios em vez de os estreitar e diminuir como alguns pretendiam. Por isso, foi natural que muitos democratas quisessem alargar esta experiência a outros concelhos do País. São muitos os que continuam a interrogar-se por que razão foi possível um entendimento em Lisboa do PS com o PCP e outras forças políticas em 1989 e a sua renovação em 1993 e não foi possível noutros municípios. Hoje, são cada vez mais os que compreendem que é ao PS que cabem as responsabilidades pela recusa do alargamento a outros municípios de entendimentos com o PCP que viabilizariam mais facilmente o aprofundamento da derrota da direita nas próximas eleições.

Nas condições que estão criadas nestes municípios, a CDU tem a autoridade moral e política para se apresentar também aí como a alternativa à direita e para apelar ao voto de todos os democratas que a querem ver derrotada.

Em geral, está ao nosso alcance confirmar a grande derrota que o PSD teve em 1989 nas eleições autárquicas e procurar fazer recuar as suas posições e influência no Poder Local. Está ao nosso alcance obter uma assinalável vitória da CDU e contribuir dessa forma para defender os interesses das populações. E, apesar da especificidade das eleições autárquicas que não dever ser desvirtuada, contribuir através da derrota da direita para preparar uma alternativa democrática ao Governo de Cavaco Silva e do PSD.

Esta alternativa é necessária para o País em geral, mas também para o Poder Local. O PSD já ameaçou não cumprir a lei de finanças locais em 1994, impondo um pesado corte de verbas, que teria consequências negativas para as populações, para as autarquias e para a sua capacidade de captarem fundos comunitários. Continua a tentar centralizar, ingerir-se, burocratizar, dificultar a vida e a acção das autarquias.

Na véspera de iniciar mais um mandato, e em contraste com a política anti-autárquica do PSD, o PCP propõe designadamente: a institucionalização das regiões administrativas; a descentralização administrativa, em coerência harmoniosa com o reforço dos meios financeiros; a dignificação das freguesias, dando-lhe recursos e permitindo a existência de eleitos a tempo inteiro; o reforço dos poderes das assembleias municipais e de freguesia; a despartidarização e a isenção na tutela administrativa.

O Poder Local democrático é uma componente essencial da democracia portuguesa. Em vez de uma política centralizadora, arrogante e autoritária, impõe-se cada vez mais uma política democrática, descentralizadora, de diálogo e colaboração entre o Governo, a Administração Central e as autarquias locais. Também por isso, impõe-se lutar por uma alternativa democrática. Esta é uma batalha em que todos os votos contam e em que todos os votos serão contados quer nas situações de maioria quer nas situações de minoria. Nenhum deve faltar.

Esta batalha que não diz respeito somente aos candidatos, mas que diz respeito a todos e a cada um de vós, em que cada um pode e deve dar o seu contributo, na dinamização



FESTA

da campanha, na mobilização de vontades e energias, no esclarecimento do que está em causa, para que a CDU tenha uma grande vitória para bem dos portugueses e de Portugal.

Os trabalhadores e o povo português podem contar com o PCP

Camaradas,

A poucas horas do termo desta nossa magnífica realização, aberta a todos e a todos dirigida e cuja riqueza humana, significado, densidade de iniciativas, momentos e acontecimentos nunca será possível descrever completamente, a Festa do Avante! intervém na actualidade política nacional com duas mensagens fundamentais:

- a primeira é a de que os trabalhadores e o povo português continuam a poder contar com a acção, o trabalho dedicado, o espírito de sacrifício, a generosidade, a firmeza e a coragem política e a audácia de olhar e andar para a frente dos comunistas portugueses nas duras batalhas que aí estão contra a política de direita, pela defesa do emprego, dos salários, dos direitos, condições de vida e conquistas sociais, pelo progresso do País e desenvolvimento da sua economia, pelo bem-estar da população, pelo triunfo da democracia sobre o autoritarismo e a intolerância, pela abertura de caminhos seguros para uma nova política e para uma alternativa democrática;

- a segunda é a de que, desmentindo sinistras profecias e arrogantes decretos de extinção e declínio, há na vida nacional um forte, influente e activo partido - o Partido Comunista Português - que, honrando os seus deveres e compromissos da hora presente, sustenta firmemente um projecto de aprofundamento da democracia e

de transformação social inspirado por elevados princípios e valores humanistas, um partido que defende os ideais do socialismo e do comunismo como grande e libertador horizonte de esperança num país e num mundo melhor em que a riqueza, os avanços e progressos gerados pelo trabalho humano estejam ao serviço de todos, mas de todos os homens e mulheres.

Infelizmente, é provável que alguns que se tornaram prisioneiros do preconceito e que, por isso, sempre olham mas nunca querem ver e sempre ouvem mas nunca querem entender, voltem de novo, a (des)propósito da nossa Festa, a falar de rituais de mera sobrevivência, ou de liturgias unicamente concebidas para «levantar o moral» dos militantes ou para «animar a malta», ou manifestação de «fé» promovida e vivida pelos «últimos moicanos» do comunismo ou de um mero acontecimento festivo onde as ideias políticas estariam cada vez mais apagadas.

A verdade é que, mais uma vez, se estarão a enganar a si próprios, mais uma vez estarão a esgrimir contra caricaturas, fantasias e fantasmas, mais uma vez estarão a perder uma soberana oportunidade de compreenderem que nesta Festa o que se respira não é a angústia da morte ou o desespero do declínio mas a alegria de viver e a juventude da idade e das ideias, de que esta Festa não é um santuário de ideias acoçadas e de homens cercados mas um espaço aberto ao país e ao mundo, voltado para a vida, para o trabalho e para a luta, de que Festa, onde se fundem tradição e modernidade, problemas e aspirações, reflexões e divertimento, é inseparável das ideias do nosso Partido.

É certo que conhecemos todos melhor do que ninguém as nossas próprias deficiências e dificuldades. É certo que sabemos todos melhor do que ninguém quanto caminho nos falta andar para melhorar e ampliar ainda mais a nossa reflexão, a nossa intervenção e a nossa acção. É certo que, melhor do que ninguém, temos boa consciên-

cia de que o PCP é um apaixonante, mas necessariamente imperfeito, empreendimento humano que todos os dias se prossegue e desenvolve, e cujo caminho e destino dependem acima de tudo da contribuição, da opinião, do trabalho e da vontade dos homens e mulheres que nele se integram e que nele confiam, do apoio no presente e no futuro dos trabalhadores e do povo.

Exigentes connosco próprios, distantes e avessos a qualquer autoglorificação e auto-satisfação, temos todos entretanto fundadas e consistentes razões para nos orgulharmos do partido que somos e do papel insubstituível que desempenha na sociedade portuguesa.

Porque o PCP é um partido que diz o que pensa e faz o que diz, um partido que fala verdade e respeita a inteligência dos cidadãos, um partido sempre pronto a aprender com a vida, com os trabalhadores e o povo, um partido de portugueses que dispensam os dogmas mas não dispensam as convicções, um partido de portugueses que prezam a abertura de espírito e a tolerância mas têm orgulho na sua verticalidade e firmeza.

Porque o PCP é um partido que, num tempo mundial e nacional de não poucas abdicções, rendições e interesseiras conversões e mudanças de campo, pela sua orientação e objectivos, pela sua acção e projecto, pela sua coerência, pelo seu corajoso confronto com o complexo movimento da vida e com as lições da experiência, pelo seu empenho inovador, não só marca a diferença radical da esquerda que nem por sombras se confunde com a direita como também reabilita os valores da esquerda que foram abandonados e traídos pela colagem à política de direita por parte de tantos partidos socialistas e social-democratas.

Porque o PCP é um partido que é um esforço combatente pela indispensável convergência e entendimento das forças democráticas mas que em absoluto rejeita qualquer hipótese de vender a sua honra, a sua dignidade e os seus profundos compromissos com o povo português seja por um prato de lentilhas seja por uma montanha de benesses e de cargos, e que, em caso algum, se associará, será muleta ou dará apoio a soluções ou planos que, mudando apenas as caras, as etiquetas ou as siglas, visem assegurar, no essencial, a continuação da política de direita.

Porque o PCP é um partido que nunca esquece os que mais sofrem e nunca rasga os seus compromissos com os mais directamente agredidos e afectados pela política de direita mas é também um partido que, pela sua acção no presente, pelo seu projecto de uma democracia avançada, pelo seu renovado projecto de democracia e socialismo para o futuro de Portugal merece o apoio e a confiança de todos os que, independentemente da sua situação pessoal ou estatuto social, são capazes de sofrer com o sofrimento dos outros, são capazes de se indignar com as injustiças que atingem outros, são capazes de se inquietar com o rumo que a direita impõe a Portugal, são capazes de partilhar a aspiração a uma sociedade mais justa e mais humana.

Porque o PCP é um partido que está na primeira linha na resistência às injustiças e prepotências, marca presença inconfundível na luta contra a exploração e as desigualdades e é uma força de protesto e de reivindicação mas é sobretudo um partido que integra essas suas características e atributos no seu fundamental empenho na construção de uma vida melhor para os portugueses, que incorpora no seu património político uma imensa obra concreta de transformação da vida, que apresenta propostas fundamentadas e realistas para a solução dos problemas nacionais e que está apto a exercer, para bem do povo e do país, as mais altas responsabilidades políticas e institucionais.

Porque o PCP é um partido que, fortalecido pelas importantes análises, orientações e decisões do seu XIV Congresso, está audaciosamente voltado para o reforço da sua influência e para ganhar o apoio de mais e mais portugueses, não para mero proveito próprio, mas porque é essa ampliação de influência que mais aproximará e tornará viável uma nova política e uma alternativa democrática.

Finalmente, porque o PCP é um partido que, hoje como ontem, é activamente solidário com todas as forças revolucionárias, progressistas e democráticas - que aqui saudamos fraternamente através dos nossos convidados de todas as partes do mundo - com todos os homens e mulheres que em condições muito diferentes e por caminhos muito variados, se batem contra a opressão social e nacional, por avanços progressistas e por projectos de transformação social em alternativa ao capitalismo e porque o PCP é um partido que reconhece as realizações, a luta e os êxitos de outros partidos e povos constituíram e podem constituir estímulos e referências para a sua própria luta mas é também um partido em cuja história, vida e percurso brilham, como referência fundamental e determinante, os interesses dos trabalhadores e do povo português e os interesses da nossa Pátria.

Viva a luta dos trabalhadores e do povo!
Viva a Festa do «Avante»!
Viva a CDU!
Viva o Partido Comunista Português!



FESTA

Álvaro Cunhal no comício

A Esquerda será tanto mais forte quanto mais forte for o PCP

Camaradas e amigos:

Mais um ano, mais uma Festa do «Avante!», mais uma grande afirmação do nosso Partido, como grande partido nacional - partido de que o povo português e Portugal precisam.

Como nos anos anteriores, o discurso de fundo e de encerramento no comício da Festa será pronunciado pelo Secretário-geral do Partido, o camarada Carlos Carvalhas, eleito por ocasião do XIV Congresso. Limitar-me-ei pois a dizer algumas palavras sobre o nosso Partido e a importância da sua identidade comunista.

Explicação de um suposto segredo

Todos temos presente que nos últimos anos há quem tenha anunciado "a morte do comunismo" e o "declínio irreversível" do PCP. Se muitos outros desmentidos não houvesse, o êxito desta nossa Festa do «Avante!» aqui está para desmentir tais vaticínios.

Como o anticomunismo anda sempre à busca de supostos segredos do PCP, há então quem pergunte qual é o segredo do êxito desta extraordinária realização político-cultural que é a Festa do «Avante!».

Há quem pergunte como é possível uma tão grandiosa realização no mundo conturbado e na perigosa situação nacional que vivemos? Qual é o segredo desta afirmação política responsável, serena e convicta? Do trabalho voluntário e entusiástico de milhares e milhares de homens e mulheres membros do Partido de todas as idades, de amigos do Partido, de jovens comunistas e outros jovens que construíram esta cidade de três dias? Qual é o segredo da amplitude e riqueza das realizações culturais, da actividade artística, das provas desportivas? E desta imensa participação popular? E desta juventude que vindo à Festa dos comunistas a vive como sua, que de facto o é? E desta atmosfera de liberdade, de alegria, de única de convívio humano e de confraternização? E deste comício, que se junta a tantos outros testemunhos da força militante, do apoio de massas e da confiança do PCP e no PCP?

Esse suposto segredo é afinal bem simples: é que, contrariando as campanhas, as intrigas, as pressões, as calúnias, as provocações, os vaticínios, o PCP não se vergou atemorizado ante as tempestades políticas e sociais, não se transformou em qualquer coisa de inofensivo para as forças do capital e da reacção, não renunciou à sua luta firme, convicta e corajosa. Ao contrário: **o PCP, por vontade dos seus militantes, decidiu continuar a ser (e estamos aqui todos, aqui está a nossa Festa, mostrando que o é) um partido comunista digno desse nome, um partido que não abandona, antes confirma, afirma e renova, a sua identidade comunista.**

Partido dos trabalhadores partido do povo

Afirmar, confirmar e renovar a identidade comunista significa antes de mais ser o PCP partido da classe operária e de todos os trabalhadores, defensor infatigável - em todas as circunstâncias mesmo as mais difíceis - dos seus interesses e direitos. Defensor também dos interesses e direitos, de todas as classes e camadas sociais atingidas pela política do governo de direita.

Os trabalhadores portugueses sabem pela sua própria experiência, o que tem significado um tal partido para a sua vida. É indubitável que se não existisse um tal partido a situação do povo português seria incomparavelmente mais grave. Para os trabalhadores, para o povo, para a democracia, para Portugal, **o PCP é não só necessário mas indispensável e insubstituível.**

É tão profunda a convicção de que o ideal comunista corresponde e responde aos interesses e aspirações dos trabalhadores e dos povos que **temos por certo que, tal como em Portugal, em toda a parte são indispensáveis partidos portadores desse ideal, sejam de longa ou de curta data, recriados ou renovados, com esse ou com outro nome.**

O capitalismo não é solução

Confirmar, afirmar e renovar a identidade comunista significa também a expressão da natureza explora-

dora, opressora e agressiva do capitalismo.

Bem gostariam as forças do capital que o PCP, arrastado por correntes ideológicas envenenadas predominantes neste findar do século, reconhecesse o capitalismo como o "modelo vitorioso" e aceitasse integrar-se ideologicamente no sistema - "adaptar"-se como agora se diz. Talvez apoiando uma fantochada de concertação social ditada pelo grande capital e seus governos, ou talvez mesmo como candidato a gestor do próprio capitalismo, que estaria a democratizar-se.

O nosso Partido conhece há muito tais teorizações - velharias agora recauchutadas - e essas sim "adaptadas" aos novos tempos - que a vida continua cada dia a desmentir.

Nós, portugueses, temos uma dolorosa experiência do que é o capitalismo, tanto no meio século de ditadura fascista, como agora com a política restauracionista do Governo de direita.

Os acontecimentos mostram cada dia que se agravam as desigualdades, as injustiças, os flagelos sociais em cada país e a nível mundial.

Com a crise que se aprofunda mesmo nos países mais desenvolvidos e com as imensas zonas de fome, miséria e doença, os acontecimentos mostram cada dia que o capitalismo é incapaz de dar solução aos grandes problemas do desenvolvimento e do bem-estar dos povos.

Mostram ainda que com o desaparecimento da União Soviética o imperialismo norte-americano, mas sem menosprezar o alemão, o francês, o inglês, o japonês, ganhou o freio nos dentes e com bloqueios económicos, imposições diplomáticas, intervenções militares, acções terroristas, guerras declaradas e não declaradas, mesmo que a coberto de iniciativas humanitárias, procura impor de novo o seu domínio mundial.

O capitalismo é um sistema nem desejável nem definitivo. Não serve

a humanidade. Seja mais ou menos prologanda a sua agonia, virá a ser superado por um sistema melhor.

A luta com objectivos imediatos e a luta por uma nova sociedade

Na situação actual concentramos as nossas capacidades, recursos e energias na luta com objectivos imediatos: a defesa dos interesses dos trabalhadores e das massas populares, dos direitos dos cidadãos, do regime democrático e da independência nacional. Por um grande resultado nas próximas eleições autárquicas e por uma alternativa democrática ao Governo e à política de direita.

Mas continuamos a ser inspirados por uma aspiração que está no âmago e no horizonte do nosso pensamento e da nossa acção: **a construção de uma sociedade nova e melhor.**

Os objectivos a longo prazo não contradizem os objectivos concretos e imediatos nem são por estes contraditados.

Este fim de século não desmente antes confirma as mil e uma razões para continuar firme e convictamente a luta por uma sociedade libertada dos males do presente, que aprofunde radicalmente a democracia nas suas quatro vertentes inseparáveis (a económica, a social, a política e a cultural) - uma socieda-



de socialista com objectivos, processos e garantias redefinidos tendo em conta as condições de cada país e as experiências positivas e negativas verificadas ao longo do século XX nessa obra gigantesca de libertação.

A libertação dos seres humanos da exploração e opressão violenta e cruel de outros seres humanos, foi sonho, foi revolta, foi utopia, foi projecto, foi acção revolucionária, foi finalmente a partir da revolução de Outubro de 1917, transformação da vida económica, social e cultural para bem do povo. **O ideal dos comunistas, projecto humanista de transformação da sociedade, não morreu antes começou a ser realizado no século XX.** Por muitas voltas que o mundo dê, o futuro acabará por ser não do capitalismo mas do ideal dos comunistas.

Ideal que não é apenas património das gerações passadas. A juventude, como grande força social, tem e terá uma palavra a dizer. Estamos certos de que, a par da exigência da solução dos seus problemas presentes, **uma das motivações que mais pode estimular a intervenção social da juventude é a consciência de que, vivendo numa sociedade que apodrece, pode com a sua luta contribuir para transformá-la.**

Os milhares de jovens que com o PCP, com a JCP, participam nesta Festa dão razão àquilo que dizemos.

Teoria revolucionária necessária aos povos

Os defensores do capitalismo proclamam agora o fim das ideologias, escondendo que essa mesma proclamação faz parte da ideologia do capitalismo neste findar do século. Proclamam que entrámos numa nova época em que o poder e a direcção dos Estados deve orientar-se pelo pragmatismo e a tecnologia e simples gestores do capitalismo.

Um dos objectivos é claro: tentar fazer desaparecer da consciência dos povos a explicação do mundo em que vivem e a indicação do caminho para transformá-lo. Ou seja: tentar fazer desaparecer da consciência dos povos a teoria revolucionária que ao longo do século XX foi elemento integrante da sua luta, dos seus êxitos, das suas conquistas.

Reescrevendo e falsificando a História, tentam fazer esquecer a influência do pensamento de Marx na evolução mundial e procuram com ódio particular que o nome de Lênine seja não só esquecido, mas renegado ou silenciado. Porquê? Precisamente porque Lênine não só actualizou e enriqueceu o pensamento de Marx, como dirigiu, com o seu partido, a primeira revolução socialista vitoriosa, esse acontecimento cimeiro na história da humanidade, que inspirou e dinamizou a luta dos trabalhadores e dos povos de todo o mundo, as grandes conquistas democráticas e transformações progressistas ao longo do século.

Nós, comunistas portugueses, consideramos inseparáveis de Marx e de Lênine o nosso património ideológico e o enriquecimento da teoria e da acção política na época que vivemos.

«No quadro político partidário existente em Portugal, a Esquerda será tanto mais forte quanto mais forte, em termos absolutos e relativos, for o PCP»

«O ideal dos comunistas, projecto humanista de transformação da sociedade, não morreu antes começou a ser realizado no século XX. Por muitas voltas que o mundo dê, o futuro acabará por ser não do capitalismo mas do ideal dos comunistas»

FESTA

Álvaro Cunhal no comício

Enriquecimento necessariamente antidogmático e criativo. Porque a estagnação e dogmatização de uma teoria é a morte da sua validade. Porque, a par de elementos mais ou menos duradouros, a sociedade está em constante movimento. Porque as novas situações exigem respostas novas. Porque o renovar de análises e de conceitos se torna indispensável não apenas para compreender e explicar o mundo mas para descobrir e redescobrir os caminhos e as formas de intervenção e de luta que conduzam à sua transformação para bem do ser humano.

O PCP não é um partido sem ideologia, mas um partido com uma teoria revolucionária que, actualizada e enriquecida criativamente e levada ao nível das massas, constitui também uma força material.

Democracia interna do Partido

Também na vida interna do nosso Partido afirmamos, confirmamos e renovamos. Enriquecemos os nossos conceitos e a nossa prática. Não adoptamos métodos que conduziriam à institucionalização de grupos e fracções com programas próprios e chefes próprios em constante luta entre si, em luta pelo poder. Um tal caminho envolveria e absorveria o Partido em infundáveis conflitos internos, impediria um rumo certo e enfraqueceria a ligação às massas e a acção política.

Os trabalhadores, o povo português, a democracia precisam de um partido coeso, unido, com uma política clara, voltado para a vida, para o povo, para a solução dos problemas e a luta por alcançá-la.

A nossa coesão, a nossa unidade, não resulta de qualquer forma de pressão sobre a consciência e a acção dos militantes mas da convicção num ideal e da democracia na vida partidária.

O Partido é um grande colectivo militante. Os membros do Partido têm direito de intervir com a sua livre opinião, com as suas críticas, com as suas propostas para a definição das orientações e decisões. A valorização e papel do militante como indivíduo é um elemento de formação e expressão da ideia e da vontade do colectivo.

A democracia interna do Partido é um elemento fundamental para a capacidade de analisar, reanalisar, reconsiderar e corrigir. Para a sua orientação, a sua unidade, a sua acção, a sua forte dinâmica de intervenção. Para a renovação da direcção e dos quadros, renovação que tem sido e continuará a ser realizada não para destruir o Partido como alguns desejavam mas para o reforçar e para garantir o seu futuro.

A vida democrática do nosso Partido, sem paralelo em qualquer outro partido português, é ainda uma fonte do colectivo empenhamento na luta, do ambiente humano e fraterno que nos une a todos e nos une ao povo português, do entusiasmo e alegria empolgante que nos tomam a todos na nossa actividade, como é patente aqui na Festa do «Avante!».

Patriotismo e internacionalismo

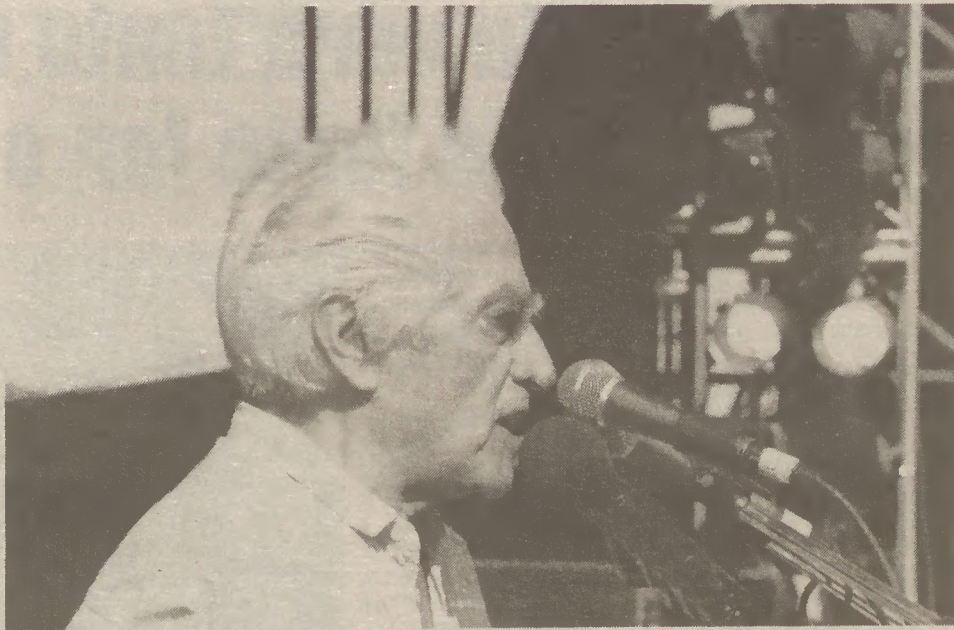
A democracia que defendemos e propomos insere-se no quadro da defesa e garantia da independência e soberania nacionais.

Não se trata de uma atitude nova do nosso Partido. Trata-se de atitude de sempre.

Ao longo de toda a sua já longa história, no quase meio século da ditadura fascista, na revolução de Abril que foi em si mesma uma esplendorosa expressão de independência do povo português, desde então e em particular na luta contra a política de capitulação nacional dos governos de direita - o nosso Partido assumiu e assume a defesa dos interesses portugueses.

Patriotas que somos, rejeitamos estreitos critérios nacionalistas. Patriotas que somos, somos também internacionalistas. Somos solidários para com os trabalhadores e os povos dos outros países, para com os comunistas e outras forças revolucionárias e progressistas de todo o mundo.

Numa situação mundial em que o imperialismo, apesar das suas contradições, se entende para dominar e explorar os trabalhadores e os povos mais fracos, para



lançar criminosas guerras, intervenções e agressões armadas, é imperativo não só a recuperação renovadora do movimento comunista, como o reforço da cooperação e da solidariedade recíproca dos comunistas e das forças progressistas de todo o mundo.

É esta a posição do PCP bem patente na nossa Festa e aqui reafirmamos, perante o nosso povo e perante os nossos convidados de tantos países, que o PCP, partido da pátria portuguesa, está empenhado em cumprir com honra os seus deveres internacionalistas.

A luta pela unidade ou convergência democrática

A história do nosso Partido está assinalada por uma luta constante pela unidade dos trabalhadores, pela unidade das forças democráticas e progressistas.

Elemento promotor e motor ao longo dos anos de amplos movimentos unitários e respeitando a identidade das outras forças políticas,

o PCP nunca foi nem aceitaria ser um apêndice ou uma muleta de qualquer outro partido - como estão sendo muletas alguns daqueles que queriam que o Partido o fosse. Nunca se diluiu em movimentos democráticos mais largos - o que, se tivesse lugar, significaria não o reforço e o alargamento, mas o enfraquecimento e a redução do campo democrático no seu conjunto. O PCP nunca aceitou nem aceita deixar de ser o que é como condição para a unidade.

A nossa luta pela unidade, a nossa abertura ao diálogo, ao entendimento, à acção comum, pressupõe a afirmação coerente da identidade do nosso Partido. O campo democrático reforça-se com a existência, a intervenção e a luta do Partido Comunista. No quadro político partidário existente em Portugal, a Esquerda será tanto mais forte quanto mais forte em termos absolutos e relativos for o PCP.

«Uma das motivações que mais pode estimular a intervenção social da juventude é a consciência de que, vivendo numa sociedade que apodrece, pode com a sua luta contribuir para transformá-la»

«Um partido com uma teoria revolucionária que, actualizada e enriquecida criativamente e levada ao nível das massas, constitui também uma força material»

Também quanto mais forte e influente for o PCP, mais se tornará possível afastar a direita do poder e assegurar uma alternativa democrática.

Temos por diante este ano a grande batalha das eleições autárquicas. Travamos a batalha a partir da notável e ímpar obra realizada pelos nossos eleitos.

Concorremos no quadro da CDU - Coligação Democrática Unitária com os Verdes, a ID, os independentes - projecto unitário de comprovado valor. E na capital no quadro da coligação

«Com Lisboa», com o PS, os Verdes, a UDP e o PSR - coligação que é valioso exemplo de unidade democrática que tornou possível afastar a direita e que foi possível porque ninguém absorve ninguém e se salvaguarda e respeita a identidade de cada força participante.

Nestas batalhas, lado a lado com os nossos aliados, valorizando a sua acção empenhamo-nos nas propostas unitárias, mas não escondemos a cara. Sempre ligados aos trabalhadores, sempre ligados ao povo, damos a cara e expomos com inteira verdade os nossos objectivos e a firme determinação de cumprir tudo quanto prometemos.

Uma mensagem ao povo português

Ser comunista não fecha o Partido em si mesmo antes lhe confere uma elevada capacidade de abertura, de compreensão da sociedade e do ser humano, de diálogo, de soluções unitárias, de intervenção tranquila e sem preconceitos para a unidade dos trabalhadores, para dinamização da ampla frente social contra a direita, para a acção comum e a unidade ou convergência democrática.

Todos aqueles que vieram à nossa Festa puderam verificar pelo que viram e ouviram que aqui não há quaisquer mostras de arrogância ou intolerância. A intolerância é atitude de quem não se sente seguro de si próprio. O PCP é um partido seguro do que é e do que quer ser.

Os milhares e milhares de portuguesas e portugueses de todas as idades e profissões que vieram à Festa do «Avante!» podem testemunhar que as numerosíssimas realizações de carácter cultural, político, recreativo, desportivo, tendo a marca inconfundível do PCP, têm, encerram, traduzem e transmitem uma mensagem democrática e humanista que respeita a liberdade e a diversidade - mensagem com a qual objectivamente se identificam trabalhadores, intelectuais, artistas, agricultores, pequenos e médios empresários, militares e agentes das forças de segurança, reformados e deficientes, emigrados e imigrados.

A participação militante e a afluência de tantos e tantos milhares de mulheres pode explicar-se porque a mulher, como mulher, encontra na nossa mensagem uma resposta concreta aos seus direitos e aspirações mais sentidas.

A participação militante e a afluência de tantos e tantos milhares de jovens pode explicar-se porque os jovens, como jovens, encontram na nossa mensagem não só a compreensão e a defesa dos seus direitos, mas também um estímulo a que a juventude, como grande força social, intervém na sociedade com a sua dinâmica, iniciativa e vontade própria.

A Festa do «Avante!», festa do PCP, é festa do povo, festa da juventude, festa da liberdade, festa de Abril.

Temos razões para pensar que aqueles que, não sendo comunistas, vieram à Festa, sairão da Festa mais próximos dos comunistas. E mais convictos. E mais confiantes no futuro.

Convictos e confiantes na luta que continua em todas as frentes contra o Governo de Cavaco Silva e do PSD. Para avançar na campanha das próximas eleições autárquicas com vista a uma grande vitória da CDU. Para abrir caminho a uma alternativa democrática.

Viva a Festa do «Avante!»!
Viva a CDU!
Viva a JCP!
Viva o Partido Comunista Português!



FESTA

Carlos Brito no comício

«Vamos daqui fortalecidos»

Camaradas,

O êxito da Festa do «Avante!» é feito, acima de tudo, da participação vasta e entusiástica que o presente comício testemunha e que durante três dias manteve repleto este nosso belo espaço da Atalaia. Os dados disponíveis, além do que é visível, já permitem afirmar que esta é a maior de todas as festas realizadas na Atalaia.

Em nome do «Avante!» e da Comissão Organizadora, saudamos efusivamente e exprimimos os nossos agradecimentos a todos os que estiveram connosco nestes dias e que dessa maneira contribuíram para o sucesso da 17ª edição da nossa Festa.

Saudações muito especiais queremos dirigir à juventude, que de ano para ano constitui uma percentagem cada vez mais significativa do povo da Festa.

Aos jovens, especialmente aos que vieram pela primeira vez, desejamos que se tenham encontrado na Atalaia, não diríamos como em vossas casas, mas como num vosso espaço e que tenham sentido que a irreverência, o inconformismo, a necessidade de contestar, a vontade de mudar, o esperar no futuro, não só não incomodam os comunistas, como são atributos genuínos da alma comunista.

Dirigindo-nos a todos, não nos limitamos a desejar que voltem para o ano, mas permitimo-nos propor-vos que voltem a estar connosco nas atalaias da luta social e política que vai seguir-se nos próximos dias e nos próximos meses.

O comício é o ponto mais alto da Festa e simultaneamente o sinal de que ela se começa a aproximar do fim. Mas, ao contrário do conhecido provérbio popular que diz que «não há bem que sempre dure», acho que posso afirmar que a Festa do «Avante!» dura muito para além dos três dias em que se realiza, pois, vamos daqui retemperados e fortalecidos para enfrentar as dificuldades crescentes da luta e até as prementes preocupações pessoais, numa situação de profunda crise social como aquela em que o País está mergulhado.

Vamos daqui fortalecidos pela sua camaradagem, os reencontros fraternais, a convivência e a alegria incomparável destes dias, com os belos espectáculos e realizações musicais, artísticas, culturais e desportivas que a Festa nos proporcionou.

Vamos daqui fortalecidos pelos debates, discussões, colóquios e outros actos políticos, especialmente por este magnífico comício, para as grandes tarefas que nos esperam e onde se salientam a nova arrancada da luta social e toda a batalha eleitoral para as autarquias em torno das coligações em que participa o PCP, com destaque para a CDU.

Vamos daqui fortalecidos pela própria natureza comunista da nossa Festa, na justeza das causas e dos

grandes valores humanistas - da liberdade, da justiça, da paz e do socialismo - por que lutamos.

O espaço aprazível da Atalaia reservou-nos este ano a grata surpresa de assinaláveis melhoramentos que tornaram a Festa ainda mais agradável. Melhoramentos na Praça e Alameda 25 de Abril, na Avenida da Juventude, no Polidesportivo, nas entradas, entre outros, e ampliaram-se as zonas verdes, de sombra, os lugares para sentar e para repouso, há mais equipamentos de apoio aos visitantes.

Estes melhoramentos são o resultado de importantes investimentos do Partido e do trabalho perseverante e planificado do Colectivo da Festa, mas só puderam ter concretização pelo grande empenhamento das organizações do Partido e pelo trabalho voluntário dedicado à Festa por milhares de camaradas, especialmente nas jornadas de trabalho de fim-de-semana. Mais uma vez podemos salientar, com toda a importância política que o facto reveste, que aqui não houve crise de militância.

A todos os construtores da Festa - membros e simpatizantes do Partido, membros e simpatizantes da JCP e outros amigos da Festa - apresentamos agradecimentos reconhecidos e as melhores saudações.

É também o momento de agradecer os apoios, as facilidades, as boas-vontades e a compreensão que a nossa Festa mais uma vez mereceu a numerosas instituições, organismo e entidades, designadamente autarquias de diferentes cores partidárias, associações de bombeiros, associações recreativas, federações e colectividades desportivas, forças de segurança, empresas diversas, designadamente no domínio dos transportes.

Nomeamos entre todas a Câmara Municipal do Seixal, a Junta de Freguesia da Amora e o Amora Futebol Clube.

É também o momento de saudar os nossos vizinhos das urbanizações próximas da Atalaia, pela cooperação que manifestaram na preparação e o funcionamento da Festa e da qual muitos deles, cumpre salientar gostosamente, já se tornaram assíduos e entusiásticos frequentadores.

A expressão internacionalista da Festa do «Avante!» está mais uma vez patenteada na participação de um grande número de delegações representativas de órgãos da imprensa operária e popular e de partidos comunistas e outras organizações democrá-

ticas, progressistas e revolucionárias que nos honraram com a sua presença solidária.

Entre as manifestações de solidariedade internacionalista que teve este ano particular destaque a campanha «Angola no Coração». Com ele exprimimos a indefectível solidariedade do PCP e do povo português com o MPLA e o povo angolano; com a luta que travam em condições muito difíceis e que confiamos ardentemente que será vitoriosa.

Saudamos fraternal e calorosamente os nossos ilustres convidados da Alemanha, Angola, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, República Checa, China, RPD da Coreia, Cuba, Espanha, Filipinas, França, Grécia, Guiné-Bissau, Índia, Itália, Líbano, Moçambique, Palestina, Peru, Rússia, Sahara Ocidental e Vietname.

Uma das grandes novidades da Festa do «Avante!» de 1993 foi a publicação de um número especial do nosso jornal, distribuído na própria Festa e trazendo já as primeiras notícias do seu acto de abertura. Com esta iniciativa, pretendeu-se valorizar a Festa - a presente e as dezasseis anteriores - e o seu papel na acção política geral do PCP. Mas pretendeu-se muito especialmente chamar a atenção para a necessidade de valorizarmos a imprensa democrática e progressista, com destaque para a imprensa do nosso Partido e, dentro dela, para o nosso «Avante!».

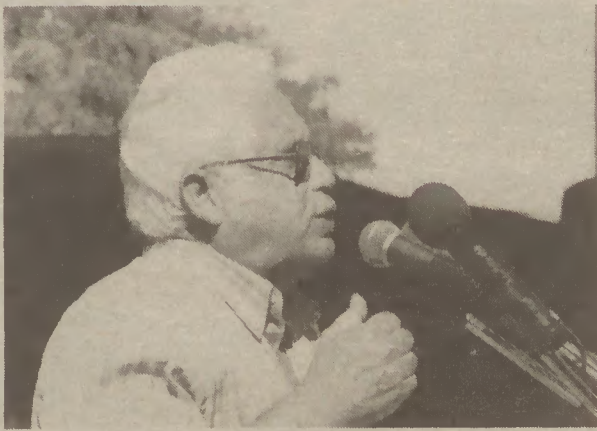
Numa situação de grande concentração da comunicação social, que ou é controlada pelo Governo PSD, ou está nas mãos de um pequeno número de grupos capitalistas, o «Avante!» desempenha um papel único, como jornal de difusão nacional, atento, resoluto e conseqüente defensor dos direitos dos trabalhadores e das massas populares, das grandes referências do 25 de Abril, dos valores democráticos, progressistas e de esquerda, dos ideais do socialismo e do comunismo.

Para que o «Avante!» possa continuar a desempenhar este honroso papel temos que nos empenhar seriamente na sua valorização, promoção e divulgação, no aumento das suas vendas e assinaturas, na considerável ampliação da sua projecção e influência. O êxito da venda do «Avante!» especial no terreno da Festa é mais uma circunstância encorajadora para emprendermos um grande esforço de promoção do «Avante!».

Tal é o último apelo que daqui lançamos, ao mesmo tempo que fazemos votos para que a atmosfera confiante, determinada e combativa da 17ª Festa do «Avante!» vos acompanhe no regresso às vossas casas e às vossas terras e no retomar de outras tarefas profissionais, políticas e partidárias.

Viva a Festa do «Avante!»!
Viva o Partido Comunista Português!

«Vamos daqui fortalecidos, pela própria natureza comunista da nossa Festa, na justeza das causas e dos grandes valores humanistas - da liberdade, da justiça, da paz e do socialismo - por que lutamos»



Sara Canavezes no comício

«Vale a pena levar avante este sonho transformador da sociedade»



«Todos os dias sentimos e vemos mais atentados à nossa condição de jovens, mas também sentimos que há gente com vontade de lutar, de transformar, de mostrar que as coisas podem mudar, podem ser diferentes»

Camaradas e amigos,

Gostaria de, em nome da JCP, saudar o grande Partido que é o Partido Comunista Português, e saudar também os milhares de jovens que participam na Festa ajudando sempre a conferir-lhe uma nova dinâmica e alegria, e a fazerem dela a mais bonita festa que se realiza no nosso país.

Na construção desta Festa pusemos aquilo que nos caracteriza na vida: a alegria, a amizade, o companheirismo e a solidariedade.

Esta festa é assim porque na Festa estão presentes muitos dos valores e das razões por que lutam comunistas e todos e todos aqueles que nos acompanham: a vontade de fazer um mundo melhor, uma sociedade diferente, mais justa e mais humana, onde o ser humano possa ser mais livre e mais feliz.

Por tudo isto, mais uma vez o PCP e a JCP estão de parabéns, mostrando que vale a pena ser comunista, que vale a pena ser da JCP, que vale a pena levar avante este sonho, este motivador projecto de transformação da sociedade.

Camaradas,

Todos os dias sentimos e vemos mais atentados à nossa condição de jovens, mas também sentimos que há gente com vontade de lutar, de transformar, de mostrar que as coisas podem mudar, podem ser diferentes.

Milhares de jovens têm-no demonstrado na sua intervenção e luta ao longo do último ano, nomeadamente na prolongada e vigorosa acção dos estudantes do Ensino Superior contra o aumento das propinas.

E porque a política do Governo PSD/Cavaco Silva compromete o nosso futuro, a luta vai continuar.

Vai continuar pelo emprego, por um ensino melhor e diferente, por um futuro com perspectivas, pela solidariedade

entre os povos e a juventude de todo o mundo independentemente da cor da pele ou da religião.

E vai continuar com o empenho dos jovens comunistas, dando sentido ao lema do nosso 4º Congresso - **Ser Jovem Comunista, Agir para Transformar!**

É também por isso que a cada um dos milhares de jovens que aqui se encontram e que ainda não são da JCP, faço um convite: adere à Juventude Comunista Portuguesa, junta-te aos mais de mil jovens que aderiram à JCP desde a última Festa do «Avante!».

Camaradas,

Este é o último dia da nossa Festa, mas o nosso trabalho vai continuar, temos pela frente uma grande batalha - as eleições autárquicas.

A CDU, nas autarquias em que é maioria, tem mostrado que os jovens e os seus interesses são preocupações constantes, procurando proporcionar-lhes um espaço mais agradável para viver e promovendo a sua participação activa.

Estar com a CDU nestas eleições é continuar a participar e a exigir melhores condições de vida.

A nossa participação na campanha eleitoral é fundamental para o reforço das posições da CDU e da Coligação «Com Lisboa» em que também estamos empenhados,

Voltar-nos-emos, por isso, a encontrar na Juventude CDU, no espaço de alegria, festa, amizade e combatividade que é sempre a nossa campanha.

Viva a Festa do «Avante!»!
Viva o PCP!
Viva a JCP!
Viva a Juventude CDU!

FESTA

Uma Festa de internacionalismo



Carlos Carvalhas saúda a participação das delegações estrangeiras convidadas

A recepção às delegações

Como já é tradicional, as delegações estrangeiras presentes na nossa Festa, cujos partidos e organizações progressistas que representaram são referidos nestas páginas, foram recebidas pela Direcção do PCP, nas instalações da Quinta da Atalaia, no passado domingo, de manhã. Com algum atraso, pois mesmo a essas horas era difícil chegar lá, e algumas delegações e acompanhantes haviam ficado retidos pela Corrida da Festa, cujas muitas centenas de participantes haviam praticamente bloqueado um dos acessos. No entanto, ninguém, entre as delegações presentes, quis encurtar o tempo de diálogo que, no final das intervenções do Secretário geral e do Presidente do Conselho Nacional do Partido, se estabeleceu entre estes e os convidados estrangeiros.

Carlos Brito, Director do "Avante!" e membro da Comissão Política, dando as boas-vindas aos visitantes, apresentou os camaradas que tomaram lugar na mesa: Carlos Carvalhas, Secretário-geral, Álvaro Cunhal, Presidente do CN, Albano Nunes, do Secretariado do CC, responsável da Secção Internacional, Henrique de Sousa, do

Secretariado e responsável da Festa, Fernando Vicente e Manuela Bernardino, do Comité Central e da Direcção da Festa.

O camarada Carlos Carvalhas, que agradeceu a presença e a solidariedade dos convidados para com a Festa do "Avante!" e para com o PCP, deu uma informação sucinta mas circunstanciada da situação política nacional, cujos temas viria a desenvolver, nessa mesma tarde, no comício.

O camarada Álvaro Cunhal, na sua intervenção, sublinhou algumas ideias sobre a actividade do Partido e sobre a reflexão ideológica e política dos comunistas portugueses, sublinhando entretanto o interesse do PCP na troca de opiniões e de experiências dos comunistas e das forças progressistas que, em condições diferentes, lutam em todo o mundo.

Vários representantes de partidos intervieram depois, colocando questões sobre a actualidade política portuguesa e sobre o papel e as propostas do PCP, estabelecendo-se um frutuoso diálogo que seria, mais tarde, num beberete oferecido aos convidados, continuado de modo informal e fraterno.

De novo, um grande espaço da Festa foi dedicado ao internacionalismo. De novo numerosas as presenças, vivas e coloridas dos pavilhões dedicados a muitos partidos e organizações progressistas do mundo que se fizeram representar entre nós, na Atalaia. Sempre em enchente, sempre movimentado, o espaço internacional era lugar de encontro - e mesmo de reencontro para muitos de nós, que ali convivemos com as mensagens de cada pavilhão, com a solidariedade prestada e recebida pelos camaradas e amigos que vinham de longe partilhar momentos de alegria e de combate. Lugar para provar petiscos de sabores exóticos, lugar para adquirir artesanato de todas as partes do mundo, lugar para se receber informações de lutas de tão longe mas de tão perto. Lugar para os colóquios em que não apenas tomavam a palavra os camaradas e amigos estrangeiros, mas havia espaço para perguntas, para palavras de com-

preensão e de fraternidade, para actos de solidariedade.

As representações estrangeiras na Festa de novo deixaram surpresos apenas aqueles que pensam que o comunismo morreu, que os revolucionários desapareceram e que as ideologias já foram. Da Alemanha estavam representados o Partido do Socialismo Democrático e o Partido Comunista Alemão. Estiveram lá o MPLA, de Angola, o Partido Comunista da Argentina, o Partido do Trabalho da Bélgica, o Partido Comunista da Bolívia, o Partido Comunista Brasileiro, o Partido Socialista Búlgaro, o PAICV de Cabo Verde, o Partido Comunista da Boémia e Morávia, o Partido Comunista da China, o Partido do Trabalho da Coreia, o Partido Comunista de Cuba, o Partido Comunista de Espanha e a Esquerda Unida, a Frente Democrática Nacional das Filipinas, o Partido Comunista Francês, o Partido Comunista da Grécia, o PAIGC da

Guiné-Bissau, o Partido Comunista da Índia (Marxista), o Partido da Refundação Comunista, da Itália, o Partido Comunista Japonês, o Partido Comunista Libanês, a representação de Moçambique, da Organização de Libertação da Palestina, do Partido Comunista Peruano, o "Pravda", da Rússia, a Frente Polisário, do SDahara Ocidental, o Partido Comunista do Vietname.

No espaço de Solidariedade, que muitas vezes vimos completamente cheio de gente a seguir com atenção vários colóquios, desenrolaram-se também espectáculos, tanto de música portuguesa como estrangeira. Música sahariana, música chinesa, música de Timor-Leste, música de Angola alternaram com cantares alentejanos, canções de intervenção, folclore.

Particularmente significativos foram os momentos de solidariedade ali organizados, com Cuba e com Angola, que destacamos noutra local.



FESTA



O camarada Silvestre Perez, no momento de solidariedade com Cuba

Solidariedade com Cuba

A "hora" com o representante do Partido Comunista de Cuba estendeu-se pela noite dentro, na passada sexta-feira, constituindo um ponto alto da solidariedade dos comunistas portugueses com o povo da Ilha da Liberdade. E não apenas dos comunistas, porque muitos dos que acorreram a assistir e a participar no colóquio que teve lugar no vasto espaço de internacionalismo da Festa não eram comunistas. Mas nem por isso deixaram, com o seu aplauso, com perguntas, com testemunhos de viagens e de um conhecimento mais profundo da realidade cubana, de manifestar o seu apoio aos que não deixaram cair os braços e continuam lutando para salvar o socialismo, a independência e a soberania de Cuba, face ao bloqueio do capitalismo liderado pelos Estados Unidos. Disso ficou certo o camarada Silvestre Perez, membro do Comité Central do PC de Cuba e sub-

director do seu órgão oficial, o "Granma", cuja intervenção inicial foi no sentido de informar os presentes da dramática situação que se vive no seu país, das medidas tomadas pelos comunistas e pelo Governo para fazer face ao bloqueio, do espírito combativo que anima os cubanos nesta situação tornada mais adversa após a derrocada do socialismo na URSS e nos outros países do Leste europeu.

A assistência revelava-se, por outro lado, conhecedora de notícias frescas sobre Cuba, e ali se exprimiram, por exemplo, as preocupações suscitadas pelo recente levantamento da proibição de possuir divisas estrangeiras. Perguntas francas exigem respostas francas, e foi o que fez o camarada Silvestre Perez, afirmando que os dirigentes do país estão cientes dos riscos, mas também não ignoram as dificuldades do presen-

te exigem algumas medidas. Entretanto lembrou não só a necessidade que o seu país tem em divisas, como o facto de que também em Cuba, para além da emigração política registada no início da revolução e por aqueles que, sendo criminosos, fogem para Miami, existe uma emigração que não é radicalmente anti-socialista, que é económica por via das dificuldades que o país atravessa e que pretende enviar aos familiares meios que permitam melhorar as suas vidas. O facto de algumas famílias receberem ajudas cria, de facto, algumas situações de privilégio, risco que se não compara com as vantagens do recebimento de divisas que permite a Cuba usá-las para obviar às situações de carência nos domínios da energia, da medicina e da alimentação. Foi um debate aberto e franco, durante toda a noite, marcado pela solidariedade internacionalista.

Solidariedade com Angola

Solidariedade com Angola não aconteceu apenas no espaço internacional. Digamos que, na Festa, se concluiu aí, no colóquio em que participou Roberto de Almeida, do Bureau Político do MPLA. Porque, um pouco por todo o lado, nos três dias em que nos reunimos na Atalaia, a solidariedade com o MPLA e com o povo angolano esteve presente. Em diversos locais uma campanha recolhia fundos para a compra de leite para as crianças angolanas. Com Angola no coração foram muitos os que quiseram contribuir, quer no espaço internacional, quer no Pavilhão Central, quer na zona da Juventude, ou nos postos de informações, ou ainda nos pavilhões de Lisboa, Porto e Setúbal.

No domingo à noite, entretanto, os participantes no colóquio eram mais do que o vasto espaço reservado para

o mesmo e alastrava pelas ruas adjacentes. Roberto de Almeida recordou longamente o evoluir da situação em Angola, desde a altura dos acordos que levaram à realização de eleições no país, fiscalizadas pela ONU e por meio milhar de observadores estrangeiros. Recordou a legitimidade dos resultados eleitorais, reconhecidos internacionalmente, e a ilegítima postura da Unita, que recorreu à guerra como forma de conquistar o poder que lhe fugira nas urnas. Recordou a resistência do Governo e das populações, rechaçando as tropas da Unita apesar das dificuldades decorrentes da desmobilização das tropas em consequência dos acordos que o MPLA respeitara. E falou da situação actual, em que se regista já o progresso das forças do Governo de Luanda, quando começa a faltar à Unita o apoio que os EUA

lhe davam, embora haja ainda alguns países capitalistas, com destaque para a África do Sul que persistem no apoio a Savimbi.

Chegou, finalmente, o momento em que o camarada Carlos Brito, Director do "Avante!" e membro da Comissão Política do PCP, anunciou que haviam sido recolhidos, até àquele momento, na Festa, dois mil e trinta e quatro contos, o que correspondia a 20 mil litros de leite. O camarada salientou no momento que "mais importante que o quantitativo ali obtido e entregue é o significado político do acto, que representa a condenação da actuação criminosa da Unita e de todos os crimes contra o povo de Angola, e que representa também a mais entranhada solidariedade do PCP com o MPLA e com o povo angolano, e a grande confiança de que a sua luta sairá vitoriosa".



Carlos Brito, acompanhado por Aboim Inglez, cumprimenta o camarada Roberto de Almeida, do MPLA



FESTA

A crise na Europa

Um colóquio com respostas

Tarde de sábado. Apesar do calor que se fazia sentir no Forum, o colóquio sobre a "crise capitalista na Europa e a resposta dos trabalhadores", que ali trouxe representantes de partidos convidados - o PDS da Alemanha, o Partido Comunista de Espanha, o Partido Comunista Francês, o Partido Comunista da Grécia e o Partido da Refundação Comunista, de Itália - iniciou-se com a "lotação esgotada". O tema em debate, os participantes e a vontade de conhecer as opiniões dos comunistas de vários países europeus sobre as suas próprias realidades nacionais e sobre a possível convergência de pontos de vista e da acção de todos, levaram ao Forum centenas de visitantes. Na mesa, o camarada Albano Nunes, do Secretariado do CC do Partido, responsável pela Secção Internacional, deu sucessivamente a palavra a cada um dos convidados e, por fim, ao camarada Domingos Abrantes, da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP.

A representante do PSD da Alemanha, começou por recordar que nascera "num país onde se tentava construir uma sociedade humana e justa, a RDA". Após a unificação, vive hoje num país capitalista. Hoje é o capitalismo real que se vive no antigo território da RDA, com o seu exército de desempregados - 7 milhões de pessoas no desemprego, ou em reciclagem, ou com reforma antecipada. A camarada referiu-se detalhadamente aos diversos aspectos da crise que, disse, é já mais grave do que nos anos 30, ao mesmo tempo que não se verifica entre os sindicatos e as organizações progressistas a cooperação que se regista entre as forças do capital para aprofundarem a exploração. Sublinhou ainda a necessidade de um estreitamento dos laços entre as forças progressistas europeias e a sua cooperação.

O representante do PCE lembrou, de início que, em Portugal, enquanto comunistas da Europa se encontravam na Festa do "Avante!", também se registava um encontro de dirigentes socialistas europeus. E assinalou o facto de estes, em Espanha e noutros países, se encontrarem ou terem encontrado recentemente à frente de governos, sendo assim responsáveis pela actual crise que, disse, não é apenas

económica e social, mas de "civilização". Depois de se referir detalhadamente aos aspectos mais graves da crise em Espanha, acentuou que a resposta que a esquerda europeia terá de dar a esta crise passa por uma alternativa progressista, "firmemente europeísta" e que terá de ser dada a nível das eleições europeias.

Por sua vez, o camarada grego do PCG, salientou o facto de ser a segunda vez que os partidos ali representados se reúnem na Festa. Depois de manifestar o seu acordo "na generalidade", com as apreciações feitas à actual crise, falou mais especialmente na situação que se vive nos países da antiga Jugoslávia e na região dos Balcãs, onde paira a ameaça da guerra. Esta ameaça na península balcânica e em outros lugares - Somália, Médio Oriente, e o bloqueio a Cuba - mostra a situação em que se encontra hoje a ONU, cujo papel é o de "dar cobertura às agressões dos Estados Unidos e de outros países da Europa Ocidental. Esta ameaça à paz é o resultado, disse, dos acontecimentos negativos verificados na URSS e nos antigos países socialistas europeus.

O representante do PCF salientou o facto de as anteriores intervenções terem abordado muitos elementos comuns da "crise de civilização" na Europa e, referindo-se a França, recordou que o actual governo de direita avança com um projecto que visa liquidar as conquistas sociais adquiridas, algumas desde 1936. Esta liquidação de direitos dos trabalhadores e da população não se iniciou, porém, agora, é resultado da política de direita dos governos socialistas, desculpando-

-se hoje o governo da direita de não fazer mais do que levar a cabo anteriores projectos socialistas. Sublinhando, por outro lado, a unidade que se verifica hoje na resistência à política governamental por parte das cinco centrais sindicais francesas, o representante do PCF chamou a atenção também para a necessidade de acções comuns, em vários níveis, dos partidos e organizações progressistas europeus.

O camarada do Partido da Refundação Comunista, de Itália, falou em primeiro lugar da sua satisfação de participar neste encontro internacionalista promovido por um "dos mais prestigiados partidos comunistas da Europa e do mundo, o PCP", apresentando as fraternais saudações dos comunistas italianos do Partido da Refundação Comunista. Sublinhando a necessidade de se multiplicarem tais encontros e de se encontrar o caminho do internacionalismo, o camarada italiano afirmou que tal necessidade é uma imposição do adversário e do próprio processo em curso de internacionalização da luta de classes. O capitalismo, disse, que saiu vencedor da guerra-fria, quer agora estender as suas vitórias em todos os campos. Os Estados Unidos convencem-se de que podem intervir política e militarmente em qualquer parte do mundo. A dissolução da URSS, "qualquer que seja o juízo que se faça sobre as suas causas", constituiu uma derrota para o movimento comunista internacional, disse o camarada. Mas esta ofensiva esconde uma grave crise do capitalismo, que demonstrou na prática não ser capaz de resolver os grandes problemas do mundo. Caracterizando brevemente



Momento do debate com a participação de partidos comunistas europeus

alguns aspectos dessa crise, falou de seguida da realidade italiana, em que se verifica, de modo dramático, um retorno ao passado no campo dos direitos sociais dos trabalhadores. É necessário, sublinhou mais adiante, e é uma imposição da própria luta de classes, que as forças anticapitalistas e todos os partidos comunistas desenvolvam formas de cooperação permanente. O orador chegou mesmo a referir a necessidade de uma nova entidade política internacional, com todos os partidos comunistas europeus e outras forças anticapitalistas coerentes, uma frente, na prática, a nível europeu e mundial, claramente à esquerda da Internacional Socialista.

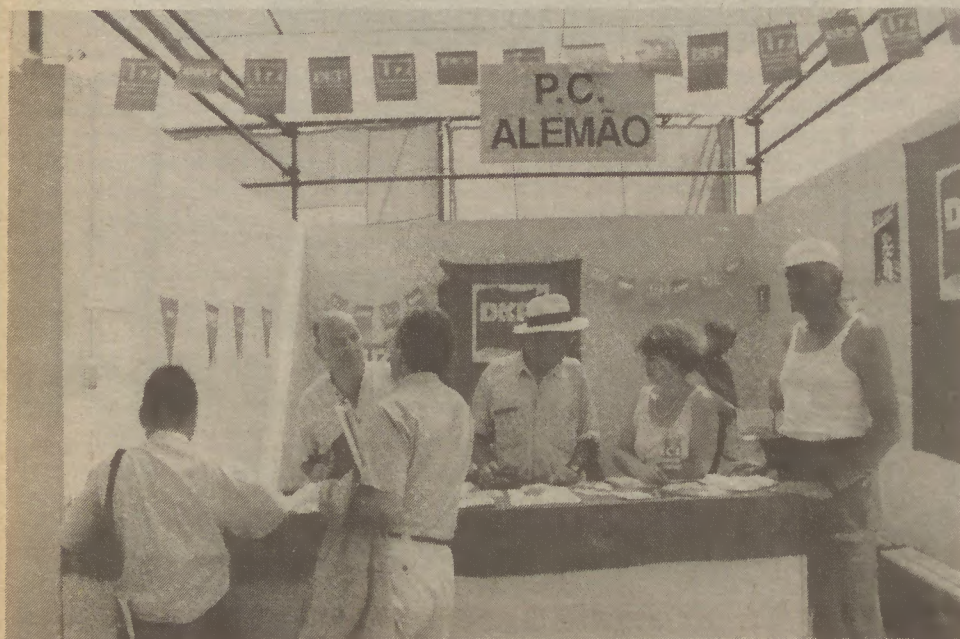
Se todas as intervenções que nessa tarde ali foram produzidas tiveram em comum a constatação da crise do capitalismo e dos ataques deste aos direitos e liberdades dos trabalhadores, foi também claro que diversos pontos de vista foram expressos, nomeadamente sobre o modo como os comunistas europeus, ali reu-

nidos significativamente, pensam agir e coordenar as suas acções.

O camarada Domingos Abrantes, que interveio no final, começou por recordar que, apesar das especificidades da situação nacional, Portugal não foge à regra, quanto à orientação da política de classe dirigida contra os trabalhadores, subordinada à estratégia de Maastricht. E propôs alguns pontos de reflexão: sobre a extensão da crise do capitalismo, que afecta hoje todos os países e sectores, com curtos períodos de retoma e de crescimento insuficiente, não se tratando, pois, de uma crise conjuntural, mas estrutural; as reestruturações a que se procede no sector produtivo são ditadas pela exigência do lucro máximo por parte das multinacionais, sob a palavra de ordem "mágica" e enganadora de melhorar a competitividade económica. A crise, efectivamente, não é igual para todos, registando-se ao mesmo tempo uma concentração e centralização de capitais, elevando o processo de

monopolização à escala mundial; registam-se entretanto tentativas de ultrapassar a crise intensificando a exploração dos trabalhadores, com uma mesma direcção desta ofensiva - contra os salários, contra o emprego, com a liquidação da segurança social, com o aumento do horário de trabalho, com a limitação dos direitos dos trabalhadores. Outra das reflexões avançadas por Domingos Abrantes no debate disse respeito às consequências das derrotas do socialismo, regime no qual importantes e históricas conquistas foram alcançadas e, por fim, o dirigente comunista português salientou que a intensificação das lutas dos trabalhadores, o reforço das organizações sindicais e do papel dos comunistas são imprescindíveis para responder com êxito à actual situação.

Depois das intervenções iniciais dos participantes, o debate alargou-se à assistência, com a colocação de questões e o relato de exemplos de luta, estendendo o colóquio até quase à noite.



FESTA

Portugal de lés-a-lés na Festa das regiões

Dê-se as voltas que se dê, é verdade e tem que se dizer, mais uma vez: a Festa do «Avante!» é uma oportunidade única para descobrir o melhor que cada canto de Portugal tem para mostrar ou para dar a provar. De Trás-os-Montes às ilhas, do Algarve às hortas de Loures, de Portalegre a Viana, da Ribeira portuense a Serpa, a Festa - com o empenhamento e a imaginação das organizações regionais do PCP - reúne tradições, artes, trajes, utensílios, petiscos, bebidas, músicas, trabalho, lutas e imagens de todo o País. Não é propriamente uma «volta a Portugal», mas é seguramente um bom ponto de partida para tal.



Açores

Açores

«Não, angelica já não há», respondia pouco antes das onze da noite de domingo o camarada Decq Mota lá de trás da janelinha do pré-pagamento a um casal que, uma vez que já não havia mais nada, se decidiu mesmo pelo vinho verde do Pico. Satisfeito e a fazer-nos crescer água na boca, o dirigente do PCP/Açores lá foi contando que também já estavam esgotados os *stocks* de polvo guisado, linguiça com inhame e morcela com ananás, e que o queijo de S. Jorge e o artesanato também se tinham vendido muito bem, resultado que foi motivo de natural satisfação também para os açorianos que se deslocaram à Festa, quer vindos da Região Autónoma, quer residentes no Continente, e para os outros camaradas e amigos que deram uma ajuda na montagem e funcionamento do pavilhão.

Alentejo

Num espaço nobre da Festa, entre o Auditório 1º de Maio e o Avanteatro, as organizações regionais de Beja, Évora e Portalegre juntaram esforços e vontades num aglomerado urbano típico e mostraram, numa exposição política também comum, o trabalho abnegado e prestigiado dos autarcas da CDU no Alentejo. Quando ali acompanhámos o secretário-geral do Partido, na sexta-feira à noite, os camaradas alentejanos fizeram questão de nos levar até ao *stand* dedicado ao Bairro da Falagueira, trabalho executado em Évora por Siza Vieira e cujos méritos são largamente reconhecidos. Antes de darmos uma volta pelos pavilhões de artesanato, fomos confrontados com uma «amostra» do que seria, no sábado, a prova de queijos e vinhos alentejanos. Pelo que sobrava no domingo à noite, os visitantes da Festa gostaram...

Algarve

Cinco pavilhões frente ao Palco 25 de Abril albergavam uma mostra do que os comunistas e os seus aliados da CDU pensam e fazem na região e, particularmente, nas autarquias onde estão representados; um *cocktail-bar* que já é presença obrigatória e tem freguesia certa; uma marisqueira e um restaurante, e um *stand* rico de artesanato e de produtos típicos algarvios. Na esplanada conjunta com a organização de Braga, o marisco casava perfeitamente com o vinho verde.

Aveiro

Ovos moles, no domingo à noite, ainda havia. Quanto ao restaurante, fechou logo depois do comício e não houve mais leitão da Bairrada para ninguém. Na «estação dos caminhos-de-ferro de Aveiro» (que serviu de tema-base para a decoração deste espaço regional) manteve-se a exposição sobre a actividade do Partido desde a última Festa. No *stand* dos produtos regionais restava uma lista onde tudo estava riscado e apenas se lia «voltou a haver mas já acabou».

Braga

A Organização Regional de Braga instalou-se este ano entre fachadas da Pousada de Santa Maria e de prédios da Praça de Oliveira, em Guimarães (o concelho teve um lugar de destaque, devido à campanha em curso para o novo centro de trabalho do Partido). O Tasco de Guimarães e a Adega Regional não tiveram mãos a medir, tal como os barros de Barcelos, as mantas e outras obras de artesãos bracarenses encontraram muitas

mãos para seguirem viagem com partida da Atalaia. Na esplanada conjunta com a organização do Algarve, o vinho verde casava perfeitamente com o marisco.

Bragança

A torre de menagem do castelo de Bragança proporcionava uma vista sobre a Festa que competia (a outro nível, evidentemente) com o panorama oferecido por uma viagem na roda gigante. A Domus Municipalis bragançina completava o conjunto onde o visitante da Festa tinha, para consumo imediato e também para levar para casa, alguns dos mais apetecidos produtos do Nordeste transmontano, dos cestos de Cidões ao azeite e às bagaceiras de Vila Flor, do rancho à mirandense ao vinho de Vale Pradinhos, do mel de Benlhevai aos trabalhos em madeira de Sendas.

Castelo Branco

Um sempre animado bar, com vinhos e «tapas» da região, era o coração da organização albacastense, que oferecia também aos visitantes a possibilidade de levarem para casa enchidos, queijos, presunto, broa de milho, mel. Um artesão mostrava como se fazem os adufes, enquanto a exposição política falava da actividade do Partido no distrito e das próximas eleições autárquicas.

Coimbra

Mais uma vez, a vasta e confortável esplanada da Organização Regional de Coimbra foi ponto de encontro para naturais do distrito e para muitos outros que, não



Alentejo



Algarve



Aveiro



Braga



Bragança

FESTA

sendo coimbrões, apreciam ali a chanfana, um bom panorama da Festa, dois dedos de conversa ou até um pratinho de caracóis comprado nos vizinhos da Emigração. Bom, isto nos intervalos das refeições, porque à hora de almoçar ou jantar o sítio enchia mesmo.

Guarda

A crise dos têxteis e da agricultura, as próximas eleições autárquicas e o trabalho do PCP preenchiam a exposição política que adornava a «Taberna da Guarda». Ao balcão e em amena cavaqueira, ali se podia apreciar o chispe com feijão, a salada de bacalhau, o queijo da Serra, presunto e vinhos de Mêda, Pinhel, Tazem, Figueira... Para mostrar como se fazem pipos, veio da Guarda um tanoeiro. E para os esvaziar, sabem como se faz?

Leiria

Os portões e a frontaria dos escritórios da Fábrica-Escola Irmãos Stephens, da Marinha Grande, delimitavam o espaço da Organização Regional de Leiria, onde o vidro marcava uma presença muito forte, num stand próprio onde estavam à venda cristais, vidros e alabastro das melhores empresas da região, até ao forno onde um artista marinhense trabalhava para muita gente ver como se chega da bola de fogo às belezas transparentes; e também numa exposição sobre as lutas dos vidreiros na história da Marinha Grande. Mas ainda cabiam ali uma padaria, dois snacks e uma grande quermesse.

Lisboa

Desde o café-concerto, sempre cheio e animado, aos grelhados, do «espelho de água» com os símbolos do Partido ao palco que mais decibéis por espectador debitou nesta Festa, o espaço cor-de-rosa da ORL poderia ser chamado de «capital» da Atalaia. Mas, como todos, não escapou à enchente destes três dias e apresentava no domingo à noite um «mercado agrícola» onde só havia uma vintena de garrafas de vinho e de onde já tinham desaparecido 3 toneladas de uvas, 500 quilos de melões e 300 quilos de maçãs; no Oeste, os pastéis de nata prometiam voltar só a partir da meia-noite; nas esplanadas apenas alguns retardados labutavam contra uns restos de fome. Enquanto a música africana transbordava do café-concerto, na saudade de quem provou ficavam o bife na pedra, os grelhados, a açorda de sável e o arroz de marisco, a catchupa... Pela Festa passeavam-se uns fatos que só podiam ter saído da Feira da Ladra.

Madeira

«Não foram enganados aqui na Festa», protestava o camarada Leonel Nunes ao contar que um casal, ao pro-

var a poncha que se vendia no pavilhão da Madeira, comentou que «tinha muito gosto a aguardente» por comparação com a poncha que tinham provado no Funchal. Genuínos e madeirenses eram também os bordados, os vimes, os chapéus de palha, a espetada no pau de louro, os vinhos, o bolo de mel...

Porto

Assim sem insistir muito, perguntaram à Ana (ou Joana, ou Marta), filha de um camarada, se não queria fazer um turno no pub do Porto; quando chegou a hora da verdade, ela apresentou-se e trouxe mais 13 amigas. Esta história da Festa foi contada à volta de um cálice de Porto pelos camaradas da ORP que ali receberam, sexta-feira à noite, Carlos Carvalhas e a comitiva que o acompanhava. Pintado de azul, o Porto teve, além do generoso que sai de Gaia e que mais uma vez mereceu um especial engarrafamento para a Festa, outras atrações: oito bares, dois restaurantes, um auditório com música ao vivo, exposições sobre a região e sobre os estuques decorativos do Norte, artesanato até mais não, e água fresca num bebedouro onde a surpresa eram a inscrições lá reproduzidas. Ah! E a vizinhança festiva do Palco Arraial.

Santarém

O Ribatejo foi à Festa deste ano dizer que «o Tejo é recuperável». Para que todos pudessem ver bem o que os comunistas do distrito de Santarém querem dizer com isso, levaram para a Atalaia um pedaço de rio,



A Cidade da Juventude na grande Festa dos jovens

Esta 17ª edição confirmou que a Festa do «Avante!» é a grande festa dos jovens portugueses que, sobretudo desta vez (opinião confirmada em várias conversas) não se contentam em ver os espectáculos, aplaudir, visitar, mas deitam mãos à obra, saltam para trás dos balcões e dão um importante contributo, por toda a parte, para o sucesso da iniciativa.

Os problemas, as aspirações e os ideias juvenis tiveram novamente um espaço próprio na Festa, ao cuidado da Juventude Comunista Portuguesa. Entre os «internacionais» e o Palco 25 de Abril, a Cidade da Juventude foi ponto de encontro de jovens comunistas e não comunis-

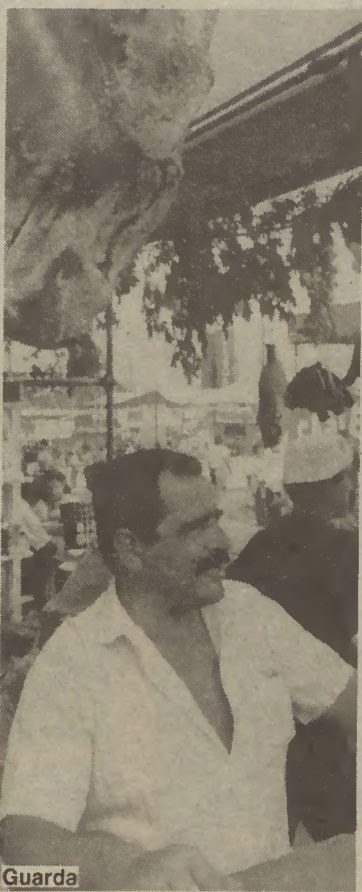
tas, oportunidade para divulgar as opiniões e as propostas da JCP, para lembrar as lutas juvenis e afirmar a necessidade de «agir para transformar» - particularmente nas autárquicas que se aproximam.

Nos pavilhões dos artesãos, no stand dos jovens inventores, na pista (profissional, sublinhe-se) de skate, no concurso de fotografia «Tomar a iniciativa», nos inúmeros improvisos que por ali aconteceram, no convívio e na alegria, a Cidade da Juventude foi também um espaço para os jovens mostrarem o que sabem fazer.

E se mostraram!...



Castelo Branco



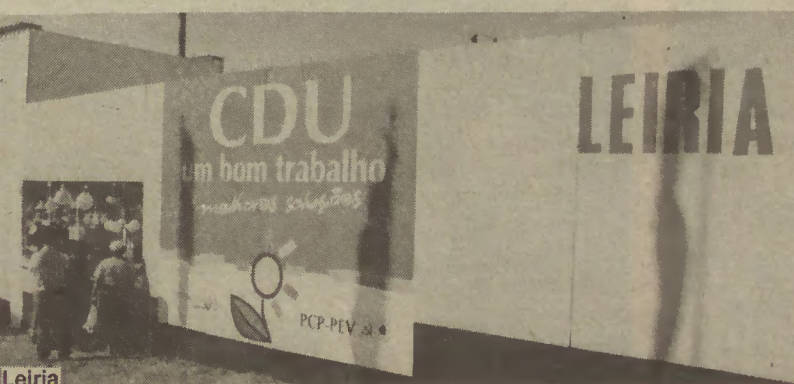
Guarda



Colmbra



Madeira



Leiria



Lisboa

FESTA

um barco, uma casa de pescador das caneiras e seus apetrechos, uma exposição sobre o Tejo e a região e outra sobre o trabalho das câmaras CDU. Da tijelada à sopa de pedra e ao marisco, das bifanas aos molhinhos com grão, consumidos ali mesmo, passava-se às loiças pintadas à mão e às mantas de Alcanena ou à serralharia artística, para levar na mão.

Setúbal

A Organização Regional de Setúbal apostou na fórmula já conhecida do ano passado... e ganhou. Desde a animação do Pátio dos Petiscos, aos petiscos mais consistentes dos restaurantes de cinco organizações concei-lhias, não houve mãos a medir quando tocou a servir moscatel ou vodka com laranja, caldeirada ou arroz de tamboril, ensopado de enguias ou pipis. Além de velharias para colecionadores, podia-se ali comprar peles de Grândola, bonecos de pano e artesanato de Alcácer do Sal. Em exposição estava o trabalho das câmaras e juntas CDU no distrito. E para o ano, quem adivinha como vai ser?

Viana do Castelo

Vistoso como os bordados minhotos, o pavilhão de Viana do Castelo chamava a atenção de todos os que entravam na Festa pela Medideira. Domingo à noite, quando fizemos «a volta do que já não há», ainda ali se convivia com grande animação à volta das malgas de verde. Antes, os visitantes da Atalaia puderam apreciar e adquirir louça em grés, miniaturas de barro, latoaria de Punhe e tamancos de Paredes de Coura, acompanhando os bons vinhos verdes com arroz de sarrabulho, rojões ou bacalhau.

Vila Real

Este ano, certamente, já mais visitantes da Festa conheciam o guizote. Sim, o de javali, que esteve também na Festa do ano passado e que agora repetiu o sucesso. Vinhos do Douro, de Chaves, de Murça, Mesão Frio, Régua, Alijó, Sanfins ou Pegarinhos, com engarrafamento próprio e num sortido variado, a acompanhar os paladares transmontanos. Tanta gente que por lá passou, provou e ficou a gostar...

Viseu

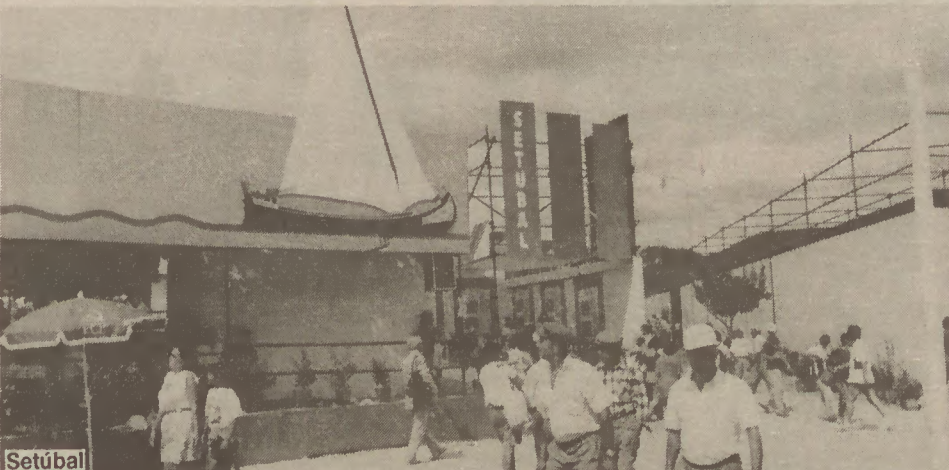
O Pátio Beirão, de cuja esplanada se tinha uma ótima panorâmica da Festa que ia pela Atalaia, não chegou para as encomendas. Domingo à noite, enquanto lavava e arrumava a tralha no restaurante, um camarada da direcção regional reconhecia que «comprámos pouca coisa» para a afluência que se registou, o que obrigou a fechar a tasca antes das onze horas: não havia sopa de cebola nem vitelinha da tia Lurdes, acabara-se o entrecosto à Beirão. Para consolo, talvez uma garrafinha de Dão, Ter-ram do Demo ou Lafões?



Porto



Santarém



Setúbal



Viana do Castelo



Vila Real



Viseu

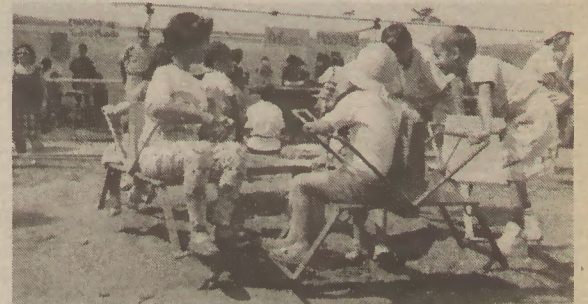


Deficientes - No stand dos deficientes o lugar nobre pertenceu às novas tecnologias: com a colaboração da ACAPO, os visitantes da Festa podiam ali observar como o computador pode ser um precioso auxiliar para os invisíveis. Para as papilas, houve bolo inglês, moscatel caseiro e mel.

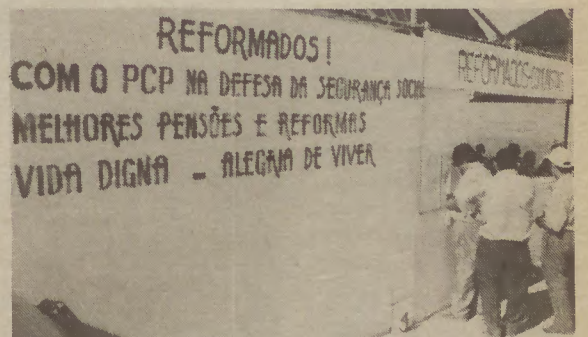


Emigração - Além dos caracóis bem portugueses que vimos comer na esplanada de Coimbra, no pavilhão das organizações dos comunistas emigrados havia ainda, como vimos no domingo à noite, farturas. O prato que se estava a vender mais a essa hora em toda a Festa, o «esgotado», também se juntava aqui às salsichas alemãs e aos pipis. No exterior das torres da emigração, fotos grandes e palavras certas mostravam a actividade e as propostas do PCP para os portugueses que foram forçados a ir para fora.

Mulheres - O pavilhão da organização das mulheres comunistas permitia uns agradáveis momentos de repouso, numa esplanada que ao mesmo tempo fazia de sala-de-estar, com quadros de Matisse (do que falamos mais adiante) e mesas a diferentes níveis... Um espaço mesmo a calhar para os apontamentos culturais e os debates que ao longo dos três dias da Festa ali tiveram lugar.



Pioneiros - Entre o Palco 25 de Abril e o rio, o «espaço criança» tinha, sobretudo, muitos putos e um grande reboição. Num lado pintavam a cara, mais à frente construíam ninhos (para pôr nas árvores agora, depois da Festa), sobre um lago debruçavam-se pescadores de peixes de pau; enquanto uns se divertiam nos baloços e escorregas, outros jogavam badminton ou ping-pong; e ainda havia uma biblioteca, jogos, brinquedos...



Reformados - O despacho que tiveram a aviar sandes, bebidas e sopa levou os reformados comunistas a encerrarem cedo o seu pavilhão. Ainda não eram onze horas e já, domingo à noite, meia dúzia de camaradas ali arrumavam mesas e cadeiras, adiantando a fase que costumamos chamar de desimplantação. Devem ter sido os primeiros e em breve estarão prontos para ajudar quem precise de uma ajudinha.

FESTA

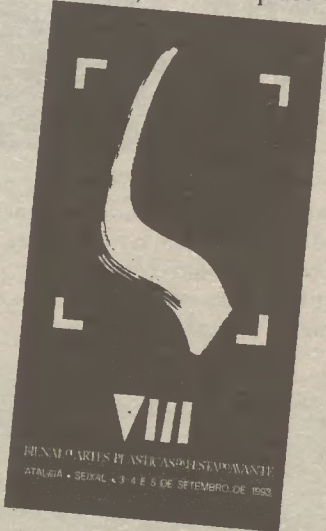
VIII Bienal de Artes Plásticas Voando sobre um ninho de elites

A Bienal de Artes Plásticas, este ano na sua VIII edição, é não apenas um património já adquirido na Festa do "Avante!" como uma referência reconhecida nacionalmente. O público confirmou-o, habitando ininterruptamente este espaço com uma atenção surpreendente num País onde a frequência de exposições de Artes Plásticas é pouco maior que o tamanho das elites culturais que por elas se interessam. Desta vez a Bienal ampliou-se à arquitetura e ao *design* industrial através de uma exposição com fotografias, reproduções de projectos e algumas maquetes, tornando ainda mais espectacular o fluir contínuo de visitantes que construíram o êxito desta VIII Bienal.

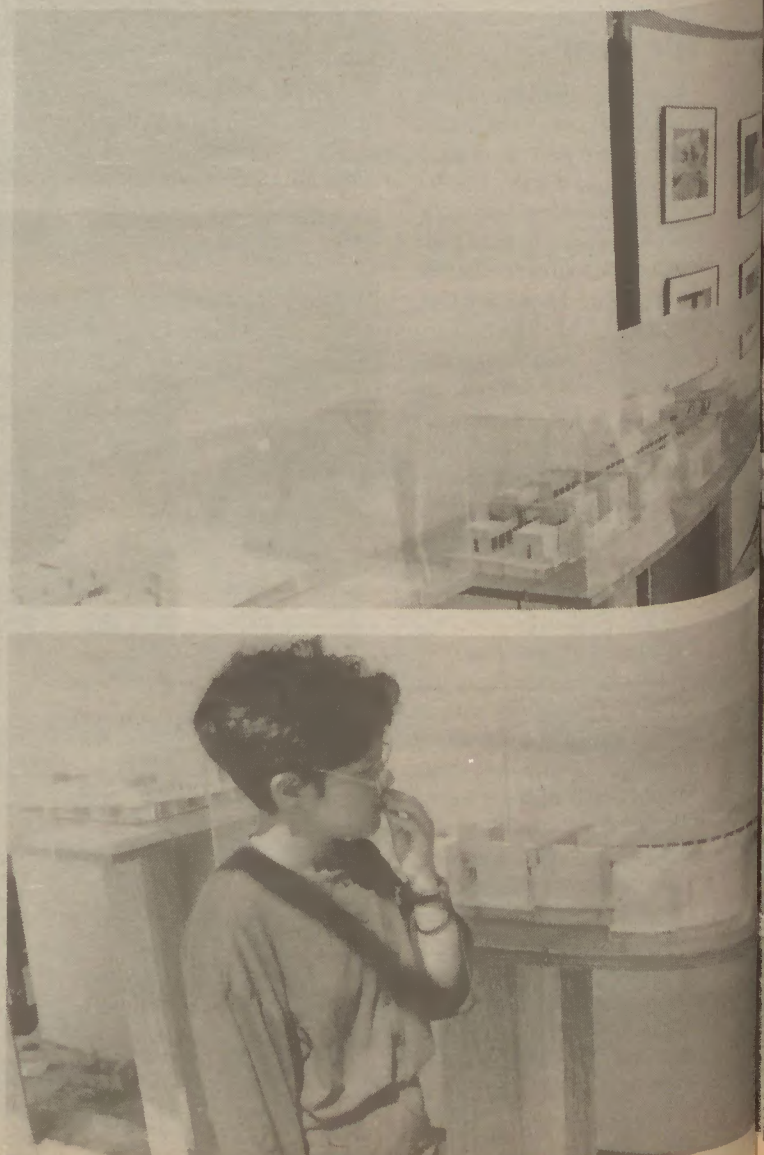
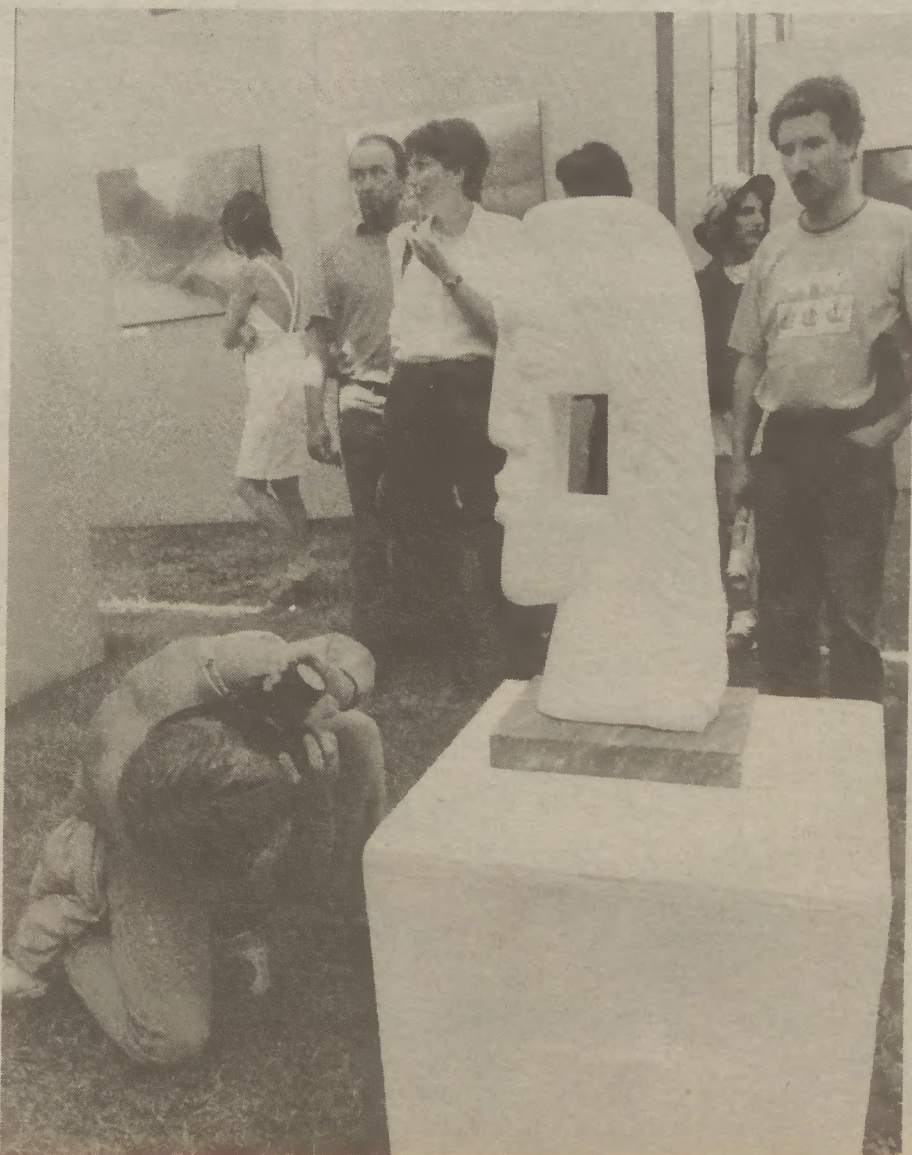
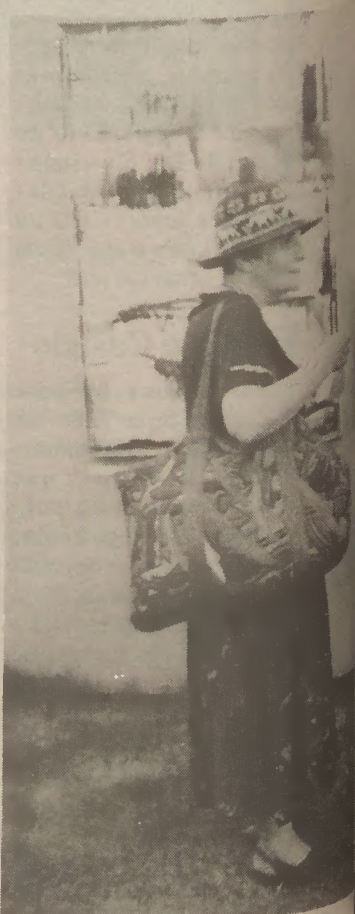
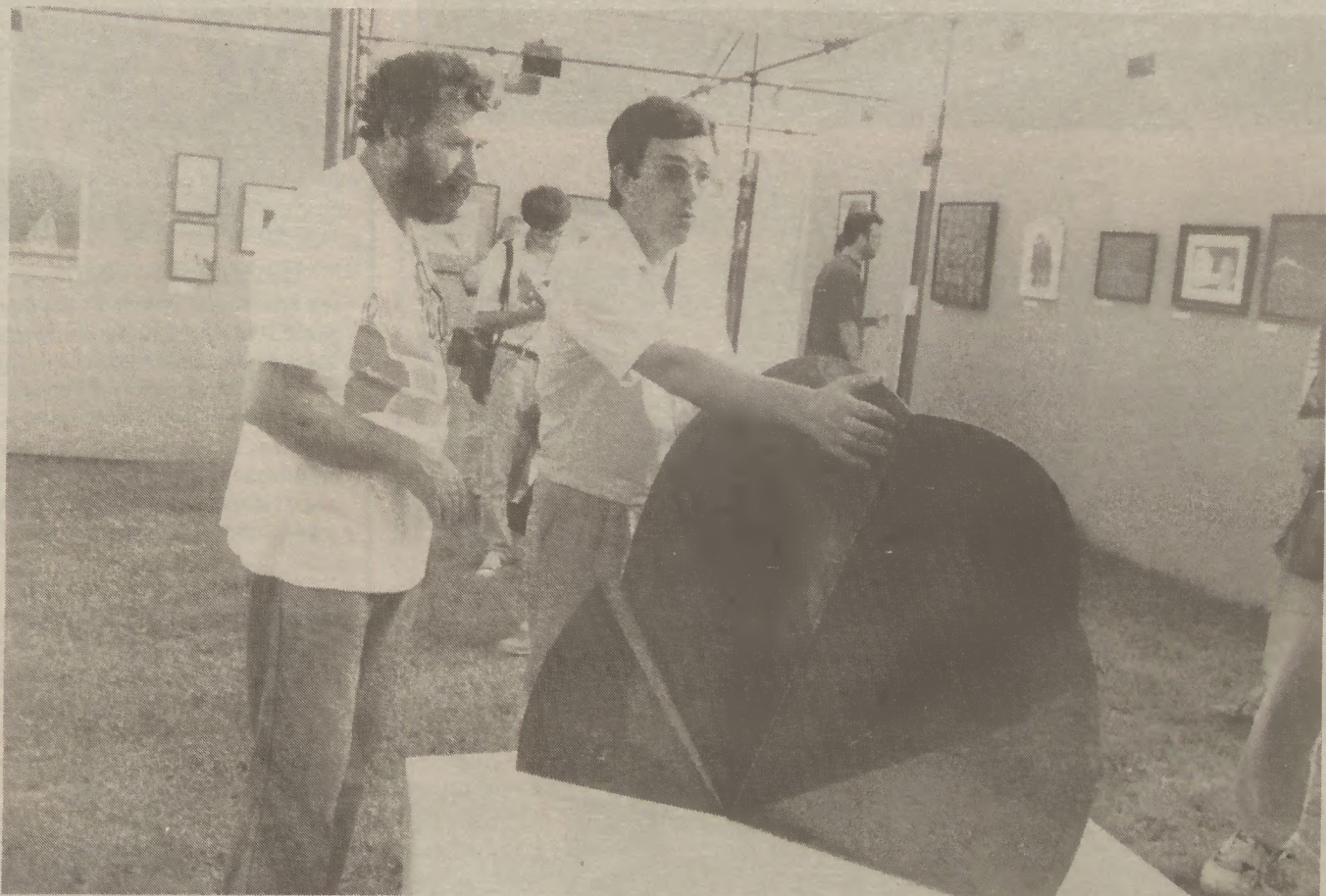
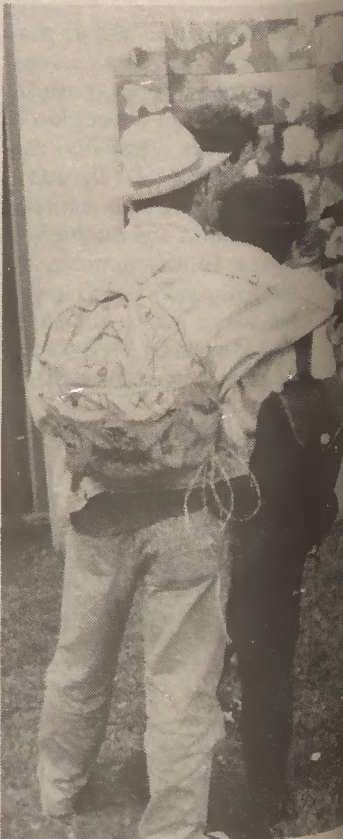
Começando por esta novidade da exposição de arquitetura e de *design* industrial, convém assinalar que a qualidade desta mostra se avalia facilmente pelos nomes nela representados: Siza Vieira, Alcino Soutinho, Souto Moura, Fernando Távora, Carriho da Graça, Manuel Tainha, Gonçalo Byrne, José Daniel Santa-Rita, Manuel Vicente, Afonso Dias, Cruz de Carvalho, Daciano Costa, Filipe Alarcão, José Viana, Luís Ralha, Marco Sousa Santos, Raul Cunha e Sena da Silva. Além das biografias dos autores, a maior parte dos trabalhos estava acompanhada de pequenos textos escritos pelos artistas, que igualmente chamavam a atenção dos visitantes, irresistivelmente atraídos para o confronto entre a obra concreta do artista ali exposta e as suas considerações subjectivas anotadas à margem.

Quanto às Artes Plásticas propriamente ditas, a VIII Bienal da Festa do "Avante!" surpreendeu, de novo, com uma espectacular mostra de obras e autores, patenteando um exuberante painel de abordagens, de diferentes estilos e escolas, saídos da criatividade e do labor de mais de 150 artistas, como por exemplo Álvaro Perdigão, António Domingues, Bartolomeu dos Santos, Costa Martins, Carlos Dutra, Luís Ralha, José Aurélio, Jorge Pinheiro, Edgardo Xavier, Eduardo Lima Teixeira, João Duarte, Henrique Silva, Eduardo Neves, Virgílio Domingues, Hilário Teixeira Lopes, Maria Gabriel, Maria João Franco, Sá Nogueira, Teresa Magalhães, Rogério Ribeiro, Rogério Amaral, Ribeiro Farinha, Marília Viegas, Noronha da Costa, Rui Filipe ou Matilde Marçal,

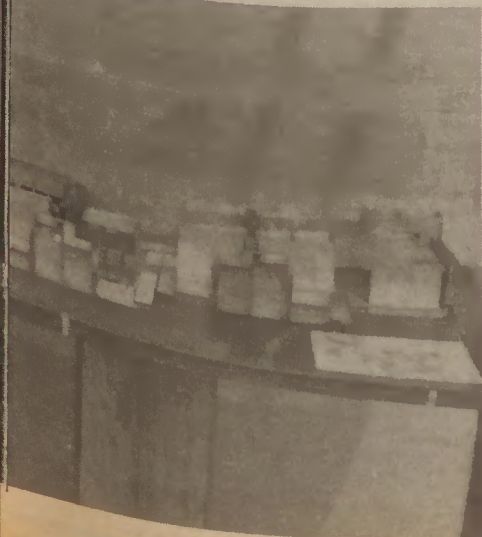
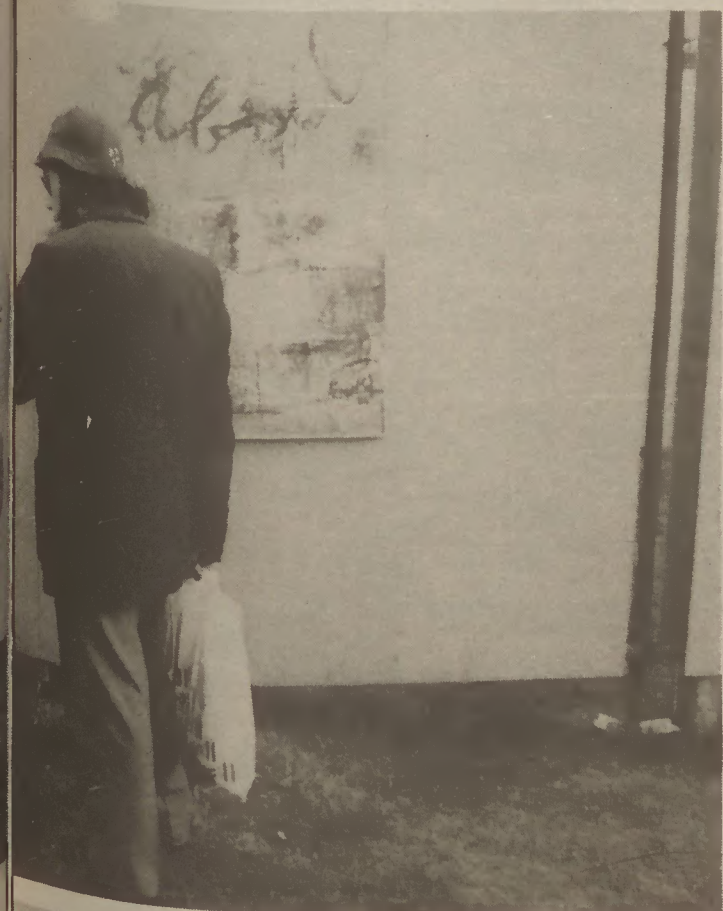
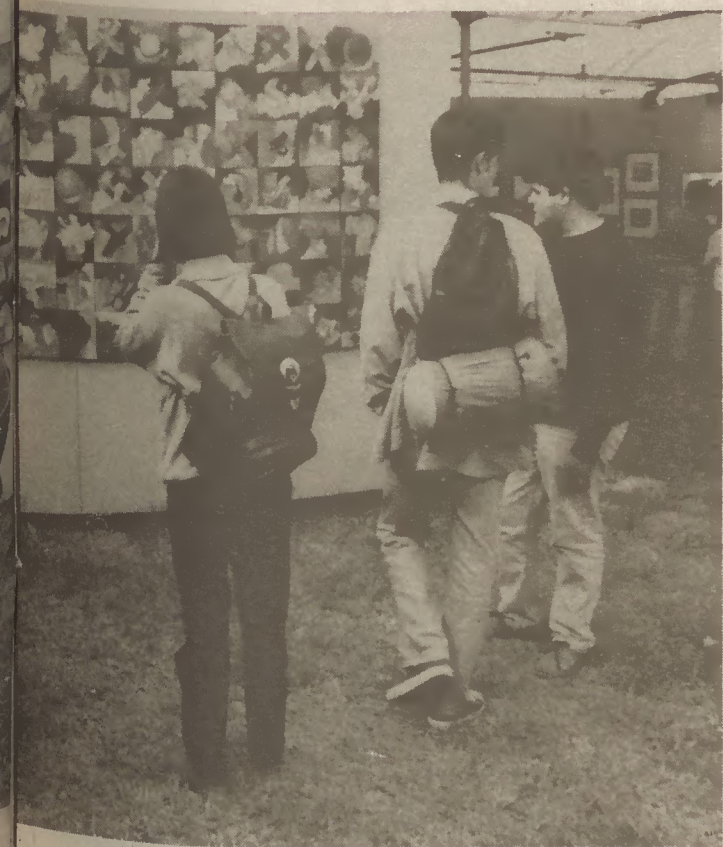
nomes que respigamos ao acaso, entre os quase 200



possíveis, como mera ilustração da elevada qualidade desta Bienal.



FESTA



Arquitectura

A arquitectura teve este ano forte presença na Festa, com uma exposição no espaço da Bienal (a par de uma mostra de *design*) e outra no Alentejo, sobre o projecto do bairro social da Malagueira, em Évora, da autoria de Siza Vieira.



Pavilhão da Mulher

De Matisse à luta autárquica

"No retrato ou como tema central, a mulher, nas cores dramáticas ou bucólicas de Matisse, é sempre uma figura luminosa e determinante". Esta frase imperava no Pavilhão da Mulher na Festa, que este ano utilizou uma decoração inspirada na obra deste grande pintor do nosso século. E não só: Matisse mereceu dois apontamentos culturais significativos, nomeadamente os colóquios onde estiveram presentes o crítico de arte José Luís Porfírio (no sábado) e Ana Paula Assunção, directora do Museu Municipal de Loures (domingo), onde circunstanciada e qualificadamente se analisou a presença da mulher na obra deste artista perante auditórios tão atentos e interessados que J. L. Porfírio assinalaria o facto, identificando ali, com agrado, um empenho que geralmente se espera não de um ambiente de "feira" - como é o da Festa - mas de iniciativas especializadas e públicos sofisticados.

Mas o Pavilhão da Mulher levou à Festa uma programação muito mais vasta - e que, aliás, cumpriu integralmente - com relevo para dois debates, um sobre os Direitos das Mulheres, abordando os problemas específicos das mulheres trabalhadoras e a luta contra o alargamento da idade da reforma imposto pelo Governo, iniciativa dinamizada pela dirigente sindical Ercília Talhadas e a dirigente, do MDM, Odete Brás. Um outro debate, subordinado ao tema "A Mulher no Poder Local", foi coordenado por Conceição Morais, do CC do PCP, e contou com a participação de Jacinta Ricardo, presidente da Câmara Municipal do Montijo, Regina Marques, vereadora na Câmara Municipal de Setúbal, e Helena Bastos, membro da Assembleia Municipal de

Lisboa, todas eleitas da CDU que falaram das suas experiências pessoais nos respectivos cargos autárquicos.

Este debate teve a presença do dirigente do PCP, Luís Sá, membro da Comissão Política e responsável do Partido pela frente autárquica, que valorizou o trabalho das eleitas CDU e sublinhou o facto de a Coligação Democrática Unitária ser a força política com a mais forte presença feminina nas autarquias, situação que, contudo, deve ser alargada e fortalecida para que o poder seja, efectivamente, exercido por homens e mulheres. Terminou com um brinde de bom moscatel feito à dirigente, do PCP, Luísa Araújo, membro do Secretariado, augurando sempre maiores êxitos no trabalho das candidatas da CDU e de todos os que estão empenhados nesta batalha eleitoral.

Quanto à exposição do Pavilhão da Mulher, nesta edição da Festa abordava a luta travada este ano pelas mulheres na defesa dos seus direitos, onde sobressaíam importantes acções de rua protagonizadas pelos trabalhadores. Uma referência ainda para o Momento de Solidariedade com Cuba organizado pelo Pavilhão da Mulher.

Entretanto, desnecessário se torna dizer que a sangria servida neste Pavilhão, a par de outros acespipes e petiscos, voltou a não deixar os seus créditos por mãos alheias!



Paragem obrigatória no Pavilhão Central

O Pavilhão Central é sempre um ponto de passagem obrigatória na Festa, quer pela sua dimensão, quer, sobretudo, pela diversidade e importância da sua programação. Este ano albergou as duas grandes exposições da Festa: a **VIII Bienal de Artes Plásticas** (que tratamos mais especificamente noutra local) e a exposição designada **"A actualidade política e a acção do PCP"**, que abordou duas grandes temáticas - uma sobre o papel do PCP na sociedade portuguesa e na sua luta firme para uma política diferente, outra sobre o papel e os objectivos do PCP e da CDU nas autarquias e nas próximas eleições.

O amplo espaço do Pavilhão Central oferecia ao visitante a possibilidade de "passar em revista" os aspectos mais marcantes da crise que se abateu sobre o País em consequência da política do Governo do PSD/Cavaco Silva. As lutas dos trabalhadores contra este estado de coisas estavam devidamente ilustradas através de diversificadas exposições, tal como as propostas que o PCP apresenta para modificar a situação e relançar o País numa linha de desenvolvimento e bem-estar. Concretizando este caudal de informação, lá estavam painéis de fotografias e gráficos, computadores, um *videowall* e outros meios audiovisuais.

Entretanto, vivemos um ano de eleições autárquicas, pelo que a actividade dos eleitos do PCP e da CDU no Poder Local mereceu um destaque particular: prestando contas do trabalho concretizado, lá estavam documentados os grandes traços da obra realizada no ordenamento do território, na construção de infra-estruturas, no desporto, na actividade sociocultural e noutros campos da intervenção autárquica, expondo um impressionante painel de testemunhos da competência da CDU nas autarquias, quer nos concelhos ou nas freguesias, quer trabalhando em maioria ou em minoria. O texto e a foto, os suportes audiovisuais e o debate, maquetes e esculturas às vezes com grande originalidade, como o conjunto que simbolizava a luta contra a poluição urbana, foram alguns dos recursos utilizados para exprimir situações, enunciar propostas, apresentar soluções e, sobretudo, confirmar o trabalho, a honestidade e a competência que, comprovadamente, caracterizam a actividade dos eleitos autárquicos da CDU.

Dialogando coloquialmente

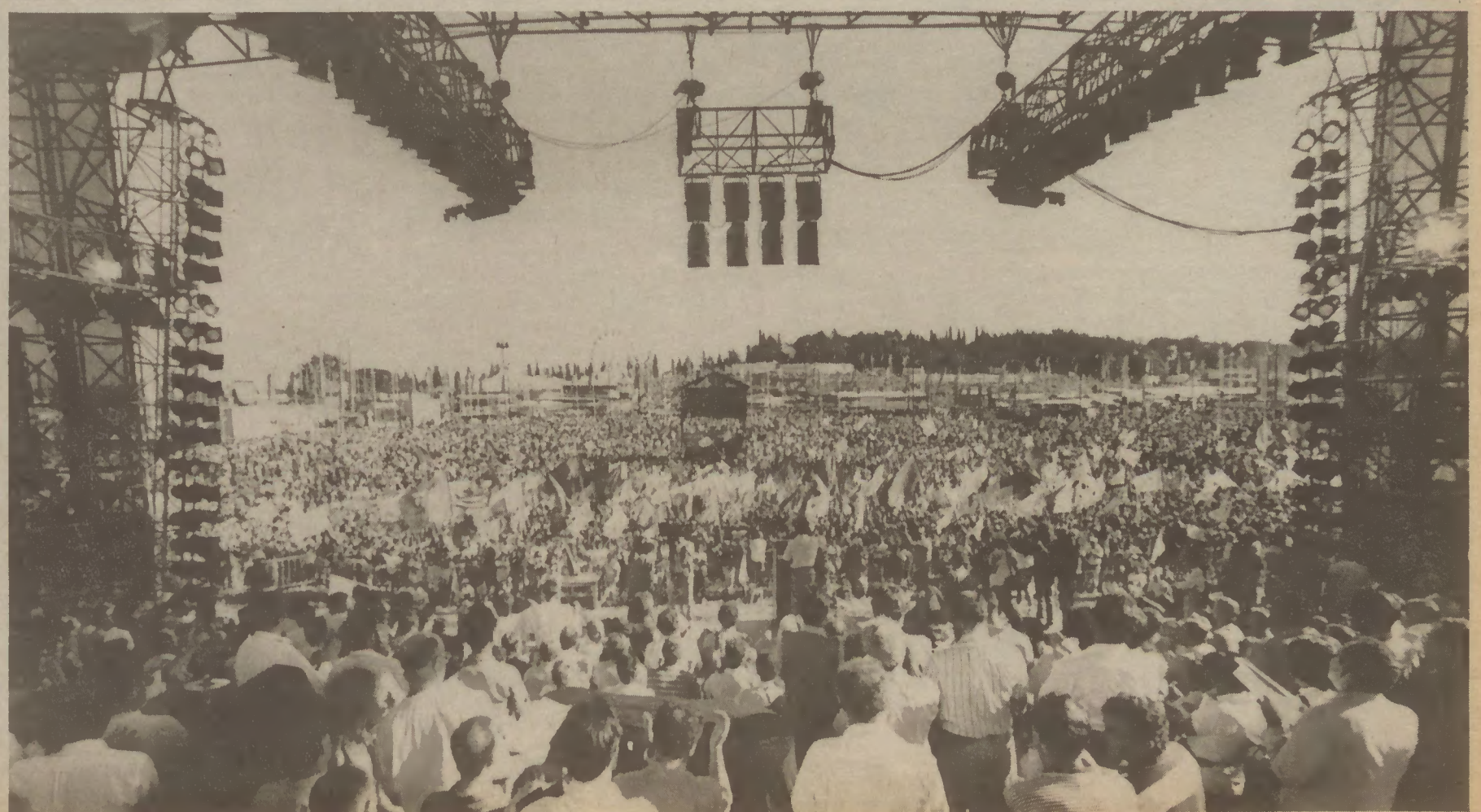
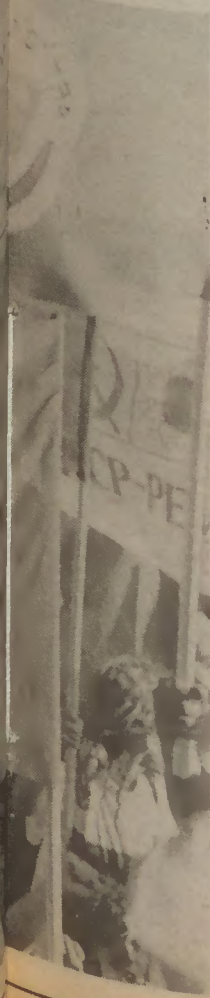
A troca de ideias e a discussão pública sempre foram linhas mestras da prática política dos comunistas. Daí o relevo mais uma vez dado aos colóquios, que tinham o seu espaço próprio no Pavilhão Central - o **Forum** -, onde, nos três dias da Festa, diversos dirigentes e quadros do Partido conduziram e dinamizaram alguns debates de grande sucesso, gerando muitas vezes intervenções do público (invariavelmente numeroso) que extravasavam os temas propostos e convocavam os palestrantes para intervenções inesperadas. Logo na sexta-feira, pelas 21.30 (pouco depois da abertura da Festa), esteve em debate **"O PCP, o processo de integração europeia e a defesa dos interesses de Portugal"**, enquanto o sábado foi o "dia forte" dos colóquios, com nada menos que três: o primeiro sobre **"A crise na economia e na sociedade portuguesa: os combates necessários para uma política diferente"**, o segundo abordando **"A crise capitalista na Europa: a resposta dos trabalhadores"** (que desenvolvemos noutra local), a terceira colocando **"As eleições autárquicas em debate: os caminhos da alternativa"**. No domingo um outro colóquio prosseguiria a discussão com incidência autárquica, desenvolvendo o tema **"As cidades, o litoral e o interior: a CDU e as estratégias de desenvolvimento necessárias"**.

Da Imprensa à Amizade

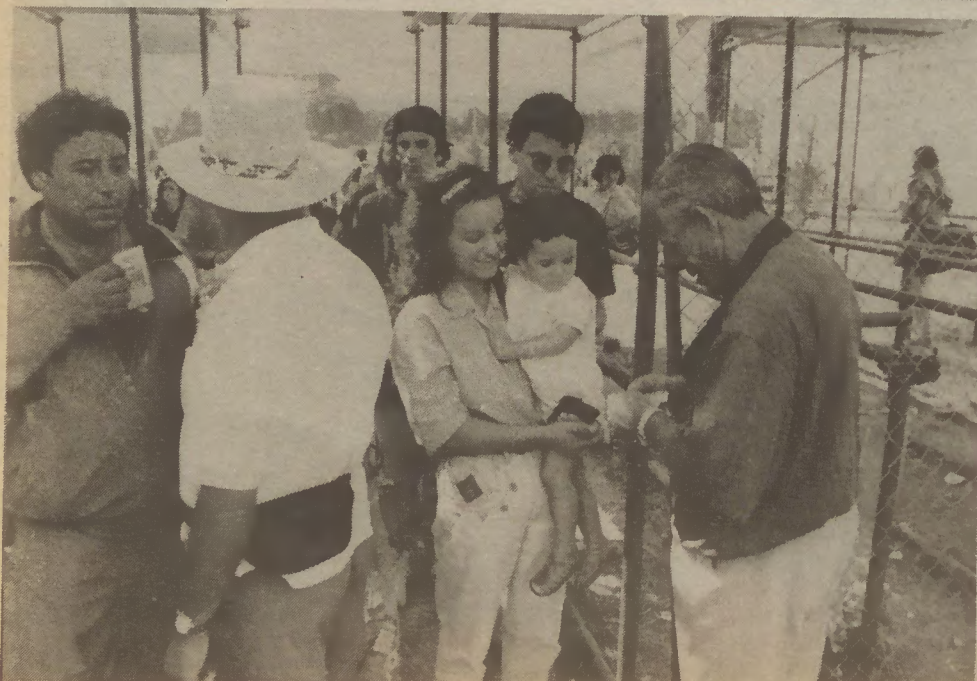
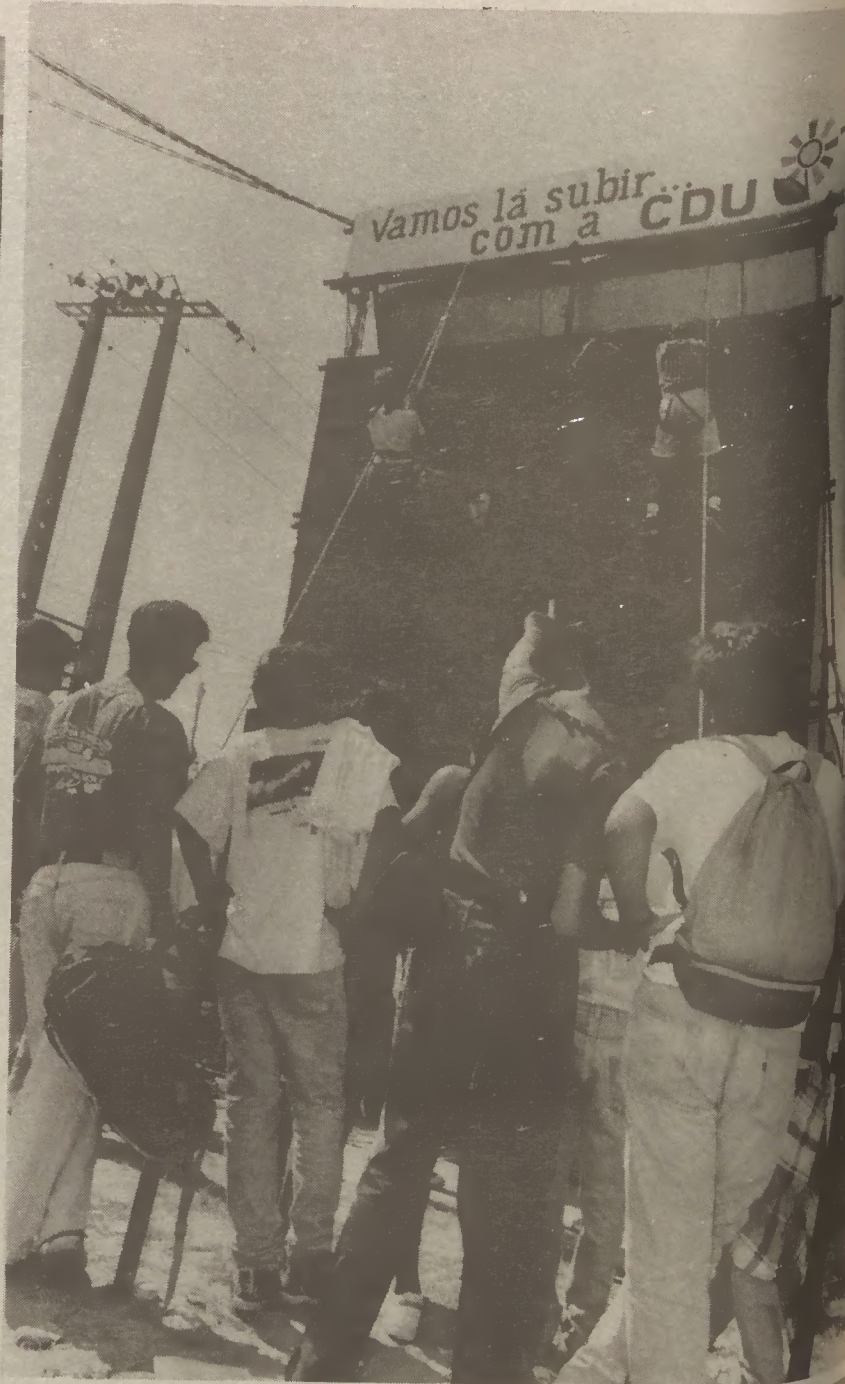
A Imprensa do Partido tinha o seu espaço próprio, em cujo **Auditório** decorreu um conjunto de cinco conversas **"Em torno da situação na Comunicação Social e a importância da imprensa do Partido"**. As "conversas" - entre as quais foram projectados filmes-vídeo relativos ao 25 de Abril e às actividades do Partido - abordaram, especificamente, os seguintes temas: **"Televisão que temos. Televisão que queremos"**; **"Comunicação Social. Democracia e grupos económicos"**; **"Avante!"**; **"Problemas da Comunicação Social, regional e local"**; **"O Militante e a sua participação na luta"**.

Escusado será dizer que o **Café D'Amizade**, uma das tradições do Pavilhão Central e da própria Festa, marcou adequadamente a sua presença. Fiel aos seus pergaminhos, continuou a ser o local procurado para um encontro tranquilo e aquele *cocktail* especial feito por experimentados *barmen* profissionais. Este ano oferecia também, para os mais sequiosos, a omnipresente "imperial" (ou "fino", se preferirem), a par da gelataria. Tudo num ambiente que qualquer "veterano" da Festa procura com a certeza de não se enganar, onde as mesas, as cadeiras, as sombras e o atendimento personalizado fazem do Café d'Amizade um lugar irresistível.



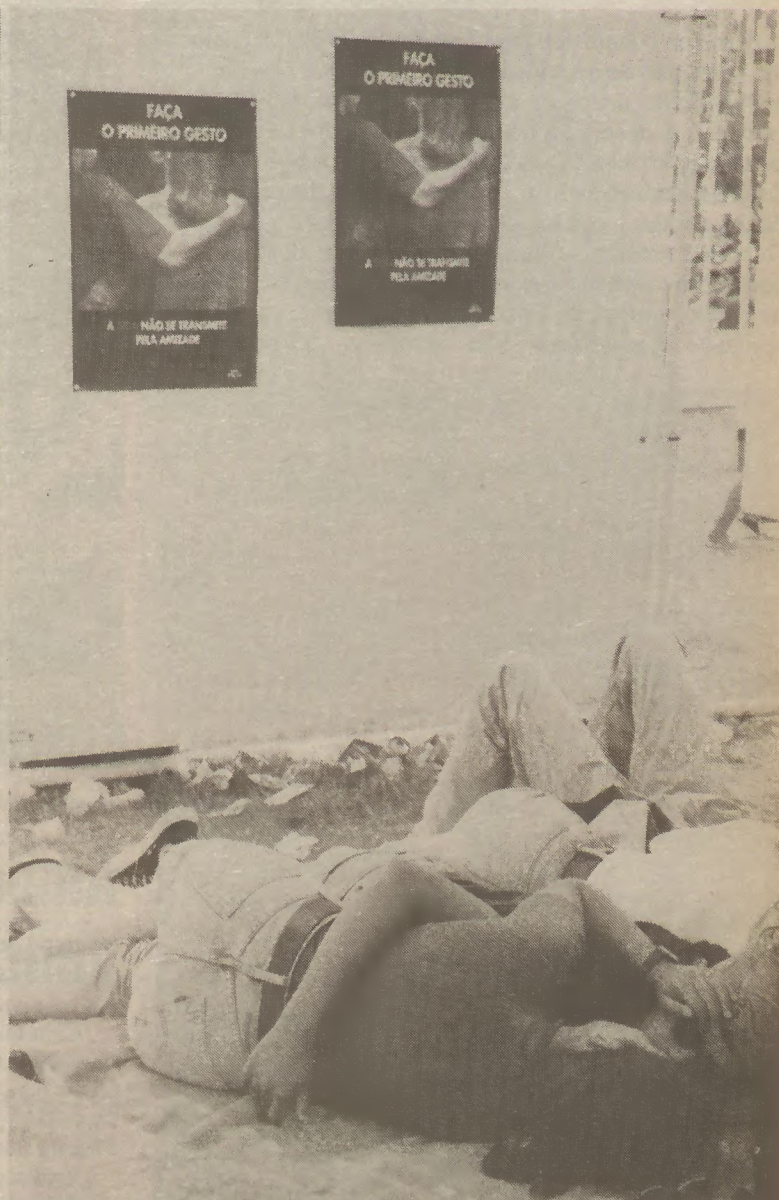
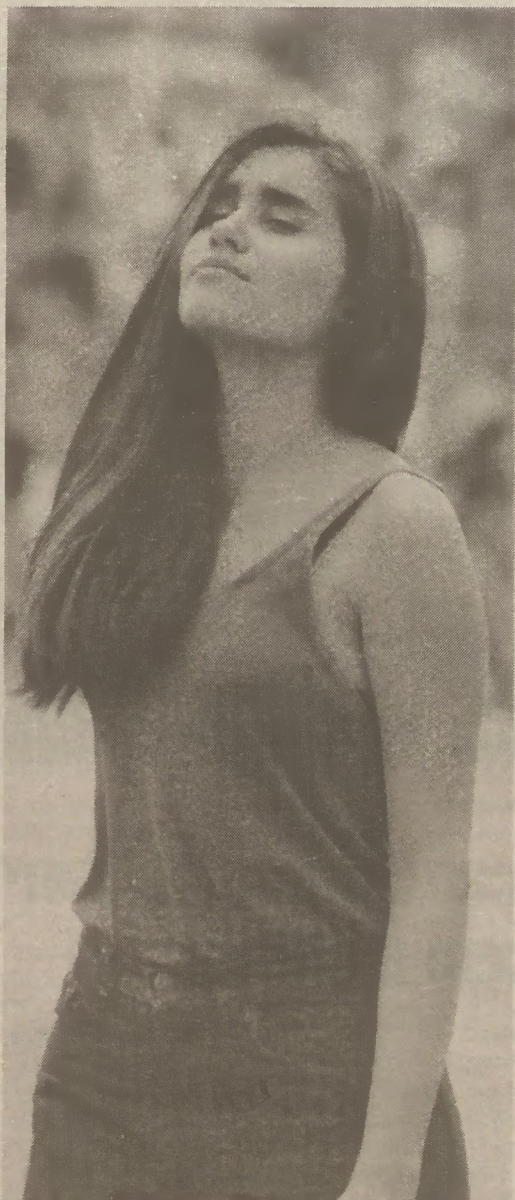


FESTA



FESTA

Dançar, cantar, dizer, ver, tocar...



*... antes
que o Verão acabe*

FESTA

Desporto em festa na Atalaia

O desporto conquistou há muito um lugar privilegiado na imensidão de actividades que são promovidas no âmbito da Festa do «Avante!». Muito antes da Festa começar, já decorria a fase de promoção que envolveu a participação de milhares de atletas em provas de futebol de salão, damas, xadrez, pesca desportiva, tiro com dardo, chinquilho, canoagem e ciclismo. Durante os três dias, decorreram na Atalaia dezenas de outras provas destacando-se a Corrida da Festa e, pela novidade, a prova de Triatlo e o grande sarau desportivo realizado na noite de sábado.



Momento da partida

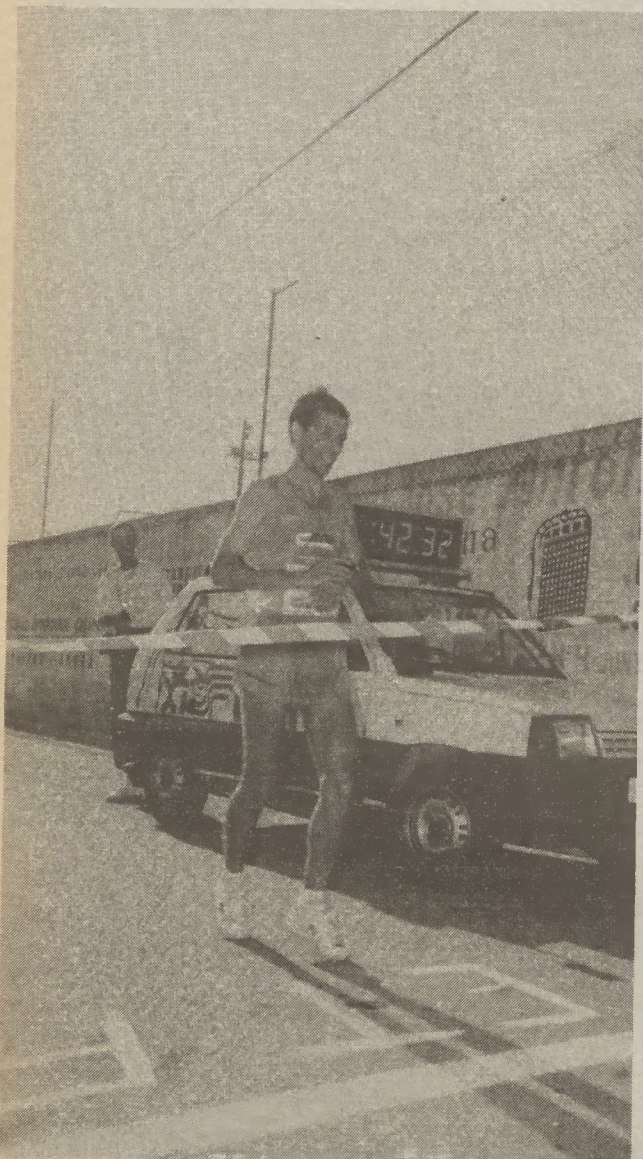
Amílcar Duarte e Albertina Dias vencem a Corrida

Com mais de 950 atletas a cortarem a meta, a prestigiada Corrida da Festa do «Avante!» registou mais de 1600 inscrições e uma formidável adesão de público que assistiu ao tiro de partida, dado este ano por Eufrazio Filipe, presidente da Câmara Municipal do Seixal.

Amílcar Duarte, do Sporting Clube de Portugal (com 0:42:04), e Albertina Dias, do Maratona Clube da Maia (com 0:45:01), foram os atletas que venceram em seniores masculinos e seniores femininos, respectivamente. De destacar

ainda a participação da atleta do Maratona Clube da Maia, Rosa Oliveira, que obteve o segundo lugar em seniores femininos.

No escalão de juniores obteve o melhor tempo (com 0:43:59) Manuel Rocha, do GA Os Tartarugas; em Veteranos 1, venceu António Ferro, do GDR da Reboleira (com 0:45:21); em Veteranos 2, venceu Inácio Pires, da Casa de Pessoal da RTP (com 0:47:32); em Veteranos 3, o vencedor foi Carlos Silva (com 0:48:24), do EMC do Barreiro.



Amílcar Duarte corta a meta em primeiro



A atleta Rosa Oliveira na meta



Mais de 1600 atletas inscreveram-se na Corrida



Albertina Dias vence em femininos



Depois da Corrida, o banho

Os 100 primeiros a cortar a meta

Nome	escalão	Equipa
1- Amílcar Duarte	SN	SC Portugal
2- António Araújo	SN	individual
3- Paulo Félix	SN	UR Juv F. Ferro
4- Manuel Rocha	JN	GA Os Tartarugas
5- Óscar Santos	SN	CCD CM de Loures
6- Luís Serrano	SN	individual
7- Cardoso Santos	SN	Desport-Tires
8- Manuel Galdes	SN	SUC
9- João Alves	SN	Lissa Transitários
10- João Sousa	SN	C. Imp. Montingense
11- F. Marmeleira	SN	Estrela FC-V Novas
12- António Ferro	V1	GRD Reboleira
13- João Ambrósio	SN	SFOA
14- José Manuel	SN	UR Juv F. Ferro
15- Joaquim Delgado	SN	UR Juv F. Ferro
16- Fernando Guerra	SN	SCV Torreense
17- Vítor Simões	V1	Lissa Transitários
18- José Raimundo	SN	UR Juv F. Ferro
19- José Fernandes	SN	GD Vandelsa
20- Albertina Dias	SF	Maratona C da Maia
21- Nelson Gameiro	SN	GD Vandelsa
22- José Rosado	SN	CR Cruz de Pau
23- António Nunes	SN	SUC
24- Joaquim Antunes	SN	SFUAP
25- Luís Duarte	SN	Os Caixienses-GDUC
26- João Bugarim	JN	CR Alcovela Cima
27- Henrique Dias	V1	Ídolos da Praça
28- Mário António	SN	GD O Independente
29- Francisco Aragonez	SN	CCD CM Almada
30- José Pereira	V1	CCD CM de Loures
31- José Fernandes	V1	Lissa Transitários
32- António Pinto	SN	FC Fonte Santa
33- Álvaro Francisco	SN	individual
34- Jorge Fialho	SN	Os Aliados Brandoa
35- José Araújo	SN	GDR Reboleira
36- Alexandre Monteiro	SN	UR Juv F. Ferro
37- Celestino Semedo	SN	GDR Reboleira
38- Luís Allen	SN	GDR Reboleira
39- Paulo Gomes	SN	CR Cruz de Pau
40- Armindo Santos	SN	B. Totta e Açores
41- António Salsinha	V1	SS CM Seixal
42- Luís Pereira	V1	C. Imp. Montingense
43- Inácio Pires	V2	Casa de Pessoal RTP
44- Armando Fitas	SN	AMAL
45- Aníbal Coelho	SN	individual
46- Rui Neves	SN	GD Macedo Oculista
47- Joaquim Almeida	SN	individual
48- João Neves	SN	C. Imp. Montingense
49- Armindo Cardoso	SN	individual
50- Manuel Figueiro	SN	G ATL Pontinha
51- Venâncio Guerreiro	SN	Os Zatopeques
52- António Joaquim	SN	Academia R Ajuda
53- Domingos Penedo	SN	GRD Reboleira
54- Carlos Vilaça	SN	Academia R Ajuda
55- Carlos Silva	V3	EMC Barreiro
56- Américo Beirão	SN	GD Vandelsa
57- Carlos Nunes	SN	AMAL
58- José Maria	V1	Os Zimbros
59- José dos Santos	V3	individual
60- Paulo Pires	SN	GD União Bancos
61- Rosa Oliveira	SF	Maratona C. Maia
62- Manuel Calisto	V1	CTH
63- Mário Marques	SN	individual
64- Abel Glória	SN	Os Aliados Brandoa
65- Rui Martins	SN	Brincas N Areia
66- Francisco Barreiros	SN	UR Juv. F. Ferro
67- Carlos Lopes	SN	CCDT Metro Lisboa
68- Carlos Alves	V2	Lissa Transitários
69- Joaquim Ruivo	SN	GRD Reboleira
70- Orlando Lopes	V2	Lissa Transitários
71- Silvino Antunes	V1	individual
72- Pedro Sousa	SN	individual
73- Sérgio Gouveia	JN	GR Qta. Lomba
74- Manuel Sousa	SN	Desport-Tires
75- Albano Correia	SN	Olímpicos Restelo
76- Rui Marques	SN	GDC Trab. da Neste
77- Joaquim Silva	SN	Jovens Serra Minas
78- Paujo Fernandes	JN	Lissa Transitários
79- José Romão	JN	CCD CM Alportel
80- Manuel Samarro	V3	CC do Marquês
81- Armindo Santos	SN	individual
82- Carlos Silva	JN	UR Juv F. Ferro
83- João Heitor	V1	GD O Independente
84- Manuel Gonçalves	SN	G Atl. Furnas
85- João Vasconcelos	SN	individual
86- José Fernando	V1	SC Lourel
87- Francisco Farropes	V2	CR Cruz de Pau
88- José Zorro	V2	GD Alcântara Açúcar
89- Sérgio Mónica	SN	AMAL
90- Vítor Duarte	V2	individual
91- José Madeiro	V1	CR Cruz de Pau
92- Joaquim Guerreiro	SN	Lissa Transitários
93- Luís Silveira	SN	individual
94- Domingos Neca	SN	Jovens Serra Minas
95- Luís Apolinário	SN	Os Caixienses GDUC
96- Raul Luz	V2	individual
97- Manuel João	V2	C Atl Vale Figueira
98- Joaquim Pereira	V2	CCD C. Cervejas
99- Arquimínio Brás	SN	UR Juv. F. Ferro
100- Lucínio Cruz	JN	C Atl. B. Banheira.



Malha corrida

Malhas

A malha é sempre um jogo que atrai muitos praticantes e entusiastas das suas diferentes variedades: malha grande, malha pequena, malha corrida - todas elas se disputaram no terreno da Festa envolvendo perto de 100 jogadores.

Na malha grande, que registou 27 participantes, classificou-se em 1º lugar a equipa de Vale Milhaços/Seixal; em 2º Lagoinha; 3º Aljeruz/Setúbal.

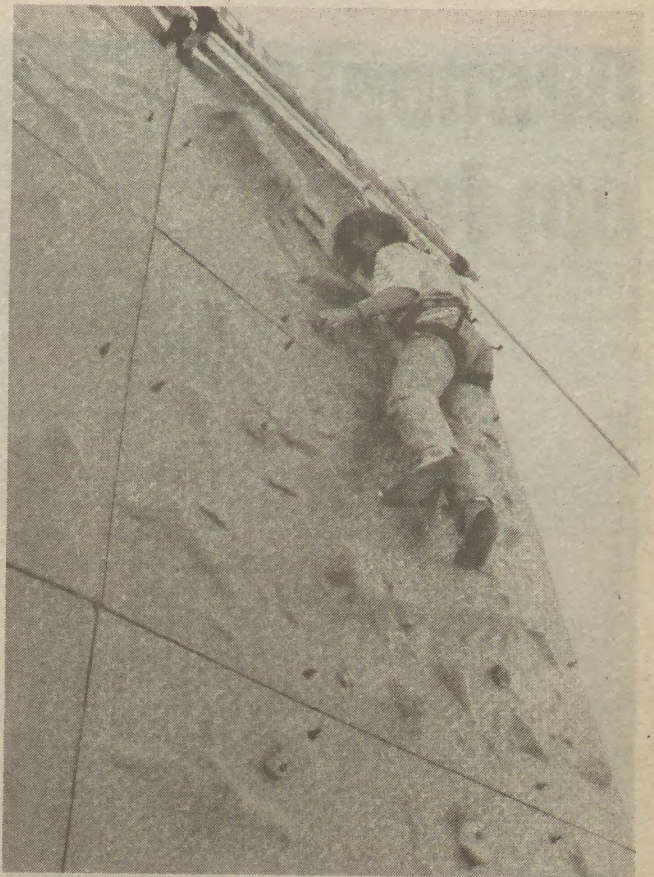
Na malha pequena, com 28 participantes, ficou em 1º a equipa Sempre-Fixe, do Barreiro; em 2º o Arroiteense, de Alhos Vedros; em 3º a Pluricoop, também de Alhos Vedros, e por último em 4º a União Banheirense, da Baixa da Banheira.

Na malha corrida, com 20 participantes, as equipas ficaram assim classificadas: em 1º Santo André/Santiago do Cacém; 2º Ademas/ S. Cruz de Santiago do Cacém; 3º Música Filarmónica União Artística/Santiago Cacém; 4º Val-Verde/Santiago do Cacém. O praticante mais jovem tinha 13 anos.

De referir, por último, a classificação nos jogos para concorrentes individuais (em número de 16): 1º Joaquim Simão; 2º Armando Nicolau; 3º Henrique Pereira e em 4º José Ramos.



Malha pequena

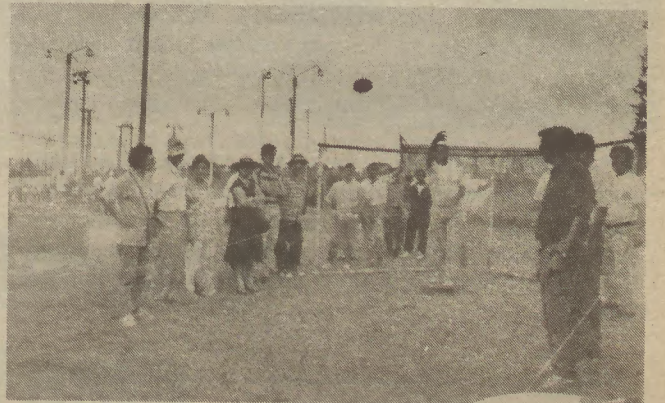


Triatlo: a escalada da parede

Triatlo

Pela primeira vez, realizou-se o Triatlo Avante!, prova que se compôs de três modalidades - o xadrez, a escalada de uma parede artificial e o tiro com dardo. Nos três dias das provas, participaram 37 jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos, tal como estipulava o regulamento.

A classificação dos cinco primeiros desta difícil competição ficou assim ordenada: 1º Luís Santos, de Almada, com 154 pontos; 2º Nuno Guedelha, de Torres Novas, com 138 pontos; 3º Humberto Afonso, de Almada, com 132 pontos; 4º Jorge Costa, de Almada, com 129 pontos; 5º Nelo Sardinha, de Almada, com 127 pontos.



Malha grande

Futebol de Salão

Disputados em oito distritos, numa primeira fase que decorreu ao longo do Verão e que envolveu 166 equipas, os torneios de futebol de salão da Festa do «Avante!» envolveram este ano mais de dois mil participantes do Porto, Viseu, Guarda, Coimbra, Castelo Branco, Lisboa, Setúbal e Beja. Destas equipas, quatro foram apuradas para disputarem as meias-finais e finais no polidesportivo da Atalaia, que foi também animado com jogos de exibição de duas equipas juvenis masculinas e duas equipas juniores femininas.

Nos lugares do pódio ficaram as equipas de Castelo Branco, em primeiro, Lisboa, em segundo, e Beja, em terceiro. A organização atribuiu ainda à equipa de Lisboa a taça de disciplina e o troféu para o jogador mais jovem (com 15 anos).



O espectáculo do futebol

A equipa vencedora veio de Castelo Branco



Desporto em festa



Damas

Damas

O tradicional e concorrido torneio de damas voltou mais uma vez a acontecer na Festa do «Avante!». A modalidade arrancou na sexta-feira com uma Simultânea de Damas que contou com o mestre Veríssimo Dias, vencedor do Torneio de 1992.

No sábado, disputou-se um torneio em duas fases culminando o programa com um torneio para mestres, em que sagrou campeão José Pereira. Seguiu-se, em segundo lugar, Veríssimo Dias, que como, referimos acima, venceu a anterior edição do torneio, e em terceiro classificou-se Vítor Cunha.

Xadrez

28 participantes animaram o torneio de Xadrez realizado no sábado, ficando a classificação assim ordenada: 1º Carlos Fernandes, de Lisboa; 2º Fernando Pena, do GDC de Almada; 3º Filipe Rodrigues do GDR das Cavaquinhas; 4º Rini Luyks, do SL Benfica; e em 5º lugar Jesus Coelho, do GDC de Almada.

O participante mais jovem foi Vania Rodrigues, de 12 anos, que pertence ao GDR das Cavaquinhas, o mais idoso, com 57 anos, foi Sílvio Soares, do SM 5 de Outubro-Paió-Pires.

Ainda nesta modalidade, foi disputada no domingo uma simultânea com o mestre João Leonardo, que contou com 24 concorrentes, obtendo 23 vitórias e 1 empate.

Tiro

Culminando os torneios de promoção, em que competiram mais de 150 atiradores, 28 participantes disputaram as provas finais de tiro da Festa do «Avante!» em femininos e masculinos e individuais e equipas.

A modalidade teve ainda na sexta-feira e no sábado provas de demonstração, realizando-se a final em masculinos, na noite de sábado e a final em femininos, na manhã de domingo. A classificação ficou assim ordenada:

Femininos/equipas: 1º Clube de Futebol da Trafaria (A); 2º Clube de Futebol da Trafaria (B); 3º Clube Recreativo Pombalense.

Femininos/individuais: 1ª Eugénia, CF da Trafaria; 2ª Sandra, BV da Trafaria; 3ª Susana Butão, BV da Trafaria; 4ª Cidália Henrique, BV da Trafaria; 5ª Helena, CF da Trafaria.

Masculinos/equipas: 1º CF Trafaria (B); 2º CF Trafaria (A); 3º BV Trafaria.

Masculinos/individuais: 1º Acúrcio; 2º Omim Monteiro; 3º Manuel Fernandes, todos do CF da Trafaria; 4º Liberto Henriques e 5º Rui Santos, ambos dos BV da Trafaria.

Modalidades em exibição

Como nem só de competição vive o desporto na Festa, à semelhança dos anos anteriores, a organização promoveu provas de demonstração em várias modalidades. Foi assim que vieram jogar na Festa equipas de basquetebol do Atlético Clube de Portugal; as equipas de basquetebol das secções de Sintra e de Lisboa da Associação Portuguesa de Deficientes; equipas de andebol feminino do Seixal Futebol Clube e os juvenis do Almada Atlético Clube; o Futebol feminino da CR Alagoa e Unidos do Cacém e os juvenis de Sines.

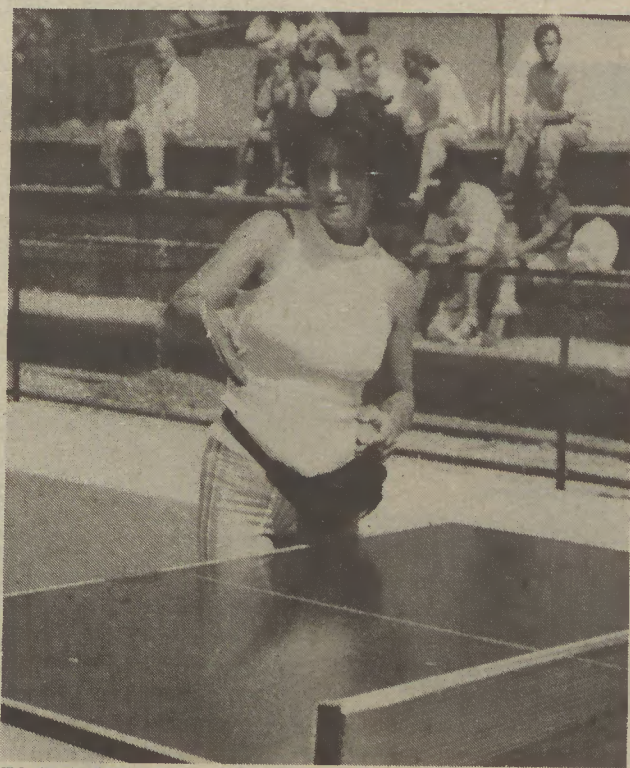
O Jogo do Pau esteve representado pelo Ateneu Comercial Lisboa, o Judo pelo CCD do Pragal, o Karaté pelo CR Charnequense e a ginástica pela Casa do Povo de Aveiras de Cima e pelo CIR do Laranjeiro. Por seu turno, a luta greco-romana e livre olímpica contou com a exibição das selecções nacionais da Federação Portuguesa de Lutas Amadoras, enquanto o ténis de mesa foi demonstrado pelas selecções nacionais.



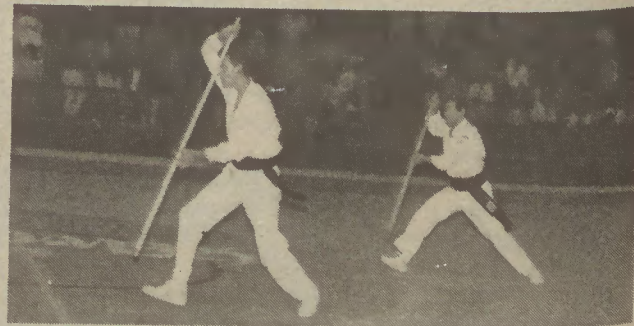
Basquetebol com os jogadores do Atlético Clube de Portugal



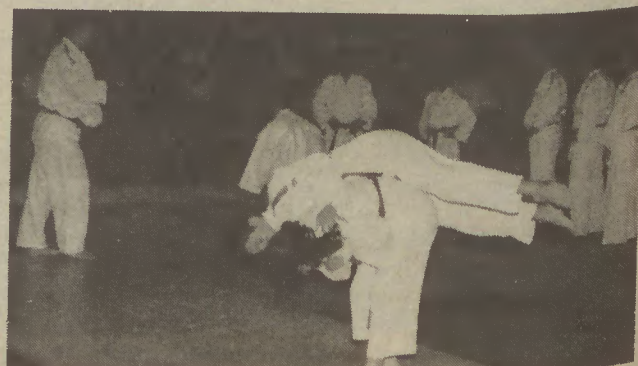
Jogo de demonstração de Andebol



Ténis de Mesa



O Ateneu de Lisboa trouxe o Jogo do Pau



O Judo com o CCD do Pragal



Basquetebol entre equipas da APD

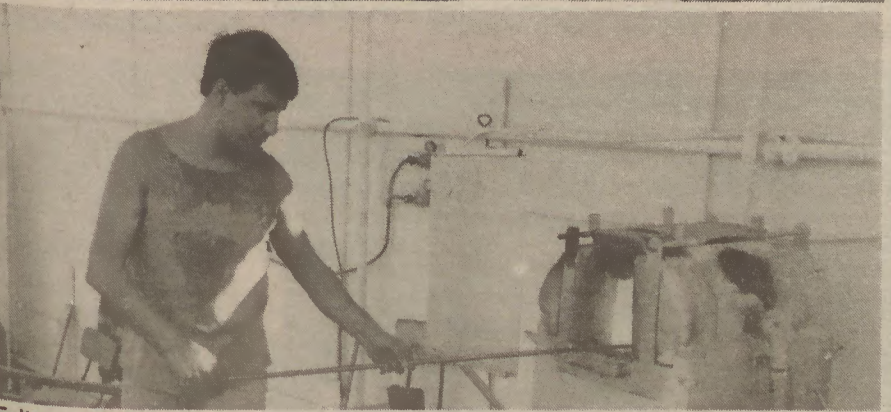


Sarau de ginástica, sábado no polidesportivo

FESTA



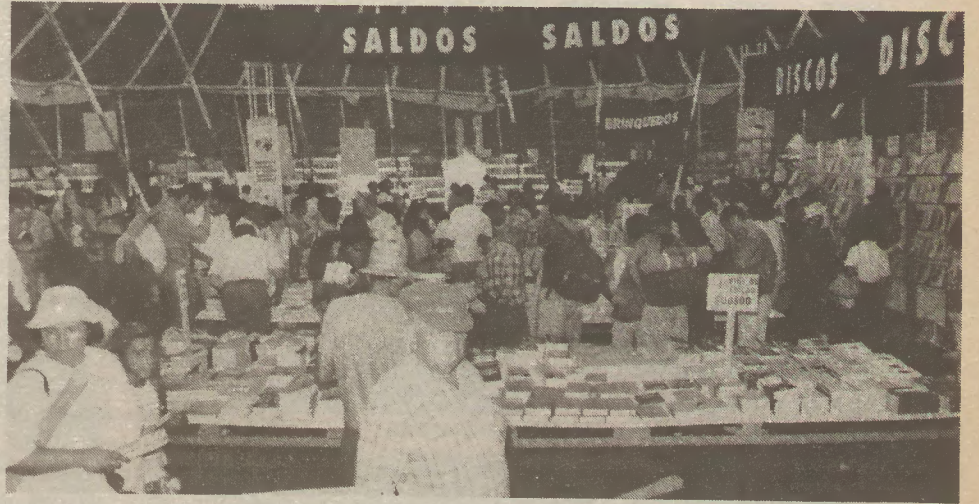
Feito à mão



Feito com atenção



Feito com carinho



A Festa do Livro e do Disco

Quem chegava à Festa do «Avante!» pela Quinta da Princesa reparava obrigatoriamente na grande tenda de circo que, em lugar nobre, anunciava a «Festa do Livro e do Disco». De anos anteriores, já muita gente sabia que ali se poderia encontrar livros a preços excepcionais, escritores ao alcance da mão para dois dedos de conversa ou apenas um autógrafo, novidades e fins-de-edição, páginas de colorir e jogos para as crianças, discos e escritos sobre música...

Este ano, numa área superior - mas que esteve sempre cheia, com filas permanentes para o recinto das músicas - a novidade foi para a exposição, logo à entrada, sobre os 50 anos da «Vértice» e o neo-realismo, iniciativa que teve o apoio do Museu do Neo-Realismo e da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.



Uma das conversas no Café-Concerto, na circunstância com a presença de José Saramago, Modesto Navarro e João Amaral

Especialmente para a Festa

Pela primeira vez, o «Avante!» publicou uma edição especial que foi posta à venda durante a Festa, a partir da hora de almoço de sábado. Incluindo já notícias frescas da abertura e do que se passou nos palcos e na Quinta da Atalaia na noite de sexta-feira, o «Avante!» especial ofereceu uma retrospectiva, em fotos e crónicas, das 16 festas anteriores, bem como extractos das intervenções de Álvaro Cunhal nos comícios e artigos sobre as exposições políticas, as artes plásticas, a presença regional, a Cidade Internacional, o desporto, o Avanteatro e os espectáculos na Festa, e uma colaboração especial de Mário Castrim. Neste número especial foram ainda recordados todos os artistas que passaram pelos palcos da Festa.

O «Avante!» especial esteve à venda no

espaço do livro e do disco, nos pavilhões das organizações regionais, no Pavilhão Central, entre outros locais. Merece especial referência o contributo de um grupo de jovens da Arrentela, que só à sua conta venderam 2500 exemplares - como nos adiantou o camarada Francisco Melo, salientando que isto foi possível com um trabalho de uma camarada que se inscreveu no Partido há cerca de dois meses e desatou a contactar os outros jovens da sua freguesia. O bom resultado do trabalho que fizeram na Festa - e que levou este grupo de jovens a dirigirem-se ao centro de trabalho do Partido manifestando a vontade de formar na Arrentela um núcleo da juventude comunista - é motivo de justa alegria e um incentivo para continuar a trazer gente jovem ao PCP e à JCP.

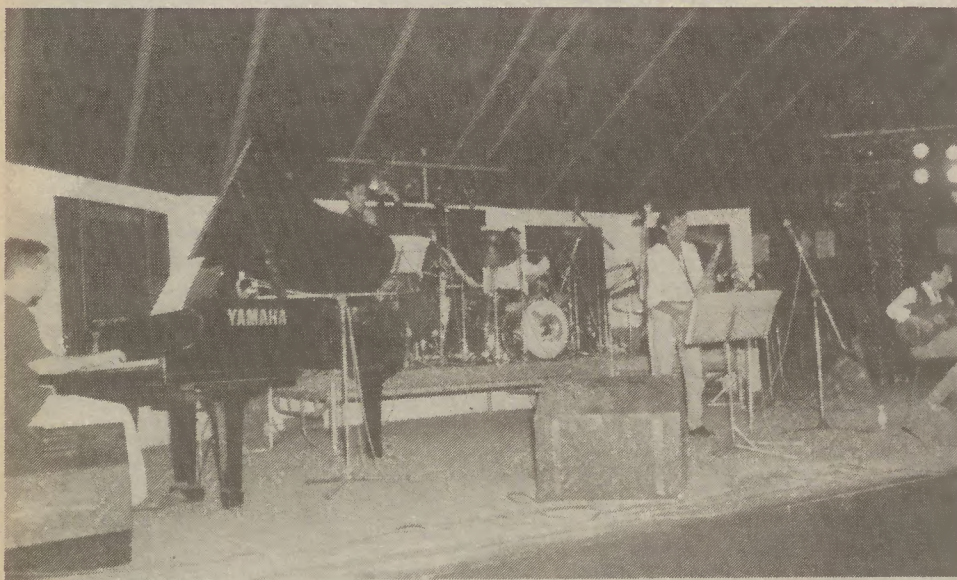


Espectáculos

A impossível eleição da vedeta da Festa

Qual foi o melhor espectáculo da Festa? Todos os anos a pergunta faz-se, depois dos três dias de música e concertos intensos que originam as mais descontraídas, vibrantes e por vezes injustas opiniões. O mesmo sucederá, nesta altura, nas múltiplas conversas que a esse propósito terão alguns dos que estiveram no fim-de-semana passado na Atalaia. Provavelmente há quem indique os **Sitiados**, os **Xutos** ou os **Delfins**. Outros terão preferido **Madredeus**, a **Brigada**, **Manuel Freire**, ou **Fernando Girão**. Outros ainda terão gostado mais dos espectáculos do Auditório 1.º de Maio, haverá quem nomeie **Ron Kavana** ou a **Wolfstone** e, quem sabe, talvez haja quem não tenha gostado de nada!!! Todas as opiniões são legítimas e, obviamente, de legítima discussão. A escolha unânime será impossível. Por nós, uma vez sem exemplo, elegemos uma vedeta: o som do Palco 25 de Abril!

dos nos ares pela potência de amplificação. Trata-se de um avanço tecnológico que coloca um novo referencial em patamar bem mais elevado para este tipo de exhibições. Sem querermos ir atrás de um hipotético entusiasmo momentâneo, quase teríamos o atrevimento de afirmar estarmos, no domínio dos espectáculos, perante uma revolução semelhante à introduzida pelo disco compacto na alta fidelidade doméstica. O futuro dirá da justeza da afirmação, mas na memória fica esse facto indesmentível



José Eduardo e Lusitânia Expresso: jazz ibérico e uma «perninha» de Fernando Girão

O novo sistema Meyer, adoptado pela primeira vez numa produção portuguesa, para além de todas as especificações técnicas que estão na base de uma nova teoria de amplificação sonora para espectáculos ao vivo, passou com nota máxima esta dura prova de ser manipulado, consecutivamente, durante quatro dias, por vários engenheiros e técnicos de som, vários músicos, várias formações criadoras das mais diversas sonoridades, das mais simples às mais complexas, em horas e horas de ensaios e espectáculos. Nunca o som do palco principal da Festa do «Avante!» teve tão elevados índices de definição e clareza, uniformi-



Laurent Filipe e a Orquestra Som do Mundo: eclectismo

dade e capacidade de resposta a tão variados impulsos: características bem mais importantes do que o simples sumatório dos decibéis lança-

do prazer que nos deu ouvir as palavras dos cantores, os dedilhados dos guitarristas, os ataques dos sopros, o desenho das notas dos baixos, as gaita-de-foles ou as percussões e baterias. Tudo com o equilíbrio que se deseja, quase sempre só alcançado em recintos de acústica privilegiada, muito raramente ao ar livre ou em aparelhagens especialmente concebidas para satisfazer as necessidades de um único grupo de músicos.

Irish Way

E tanta música boa saiu daquele Palco 25 de Abril! Por exemplo, no domingo com os irlandeses do **Alias Ron Kavana**, o grupo estrangeiro que neste ano chegou à Festa com maiores referências elogiosas da crítica internacional, com a prestigiada revista *Folkroots* a indicá-lo como a melhor banda folk do mundo em espectáculos ao vivo. Podemos confirmar: é verdade. Canções gaélicas mas tam-



Alias Ron Kavana: a melhor banda folk do mundo em espectáculos ao vivo e um «viva o Partido Comunista Português»



Bernardo Sasseti: o Ronnie Scott's na Atalaia



Fernando Girão: música do Mundo



Amélia Muge: com que voz...

bém da folk americana e até com uma referência à África do Sul, tornaram inequívocas as palavras de **Ron Kavana**: a *Irish Way* do músico canta a solidariedade, a justiça, a luta por um mundo melhor, mas também o amor, a paixão. Violino e gaita-de-foles, excelentemente executados, acompanham o virtuosismo da guitarra de Ron Kavana, numa mistura feliz entre o eléctrico e o acústico que produziu um espectáculo vibrante, de impacte inesquecível, ainda por cima ampliado quando Ron Kavana, perante a plateia a preparar-se para o comício, desfez

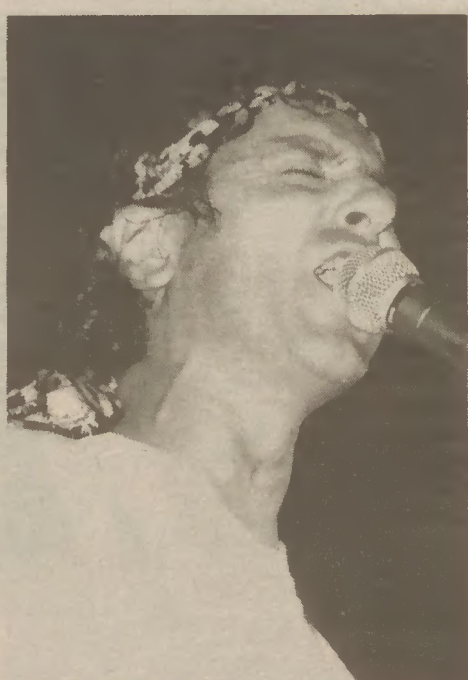


Carlos Clara Gomes: assi se fazem as cousas...



Quadrilha: música popular portuguesa

FESTA

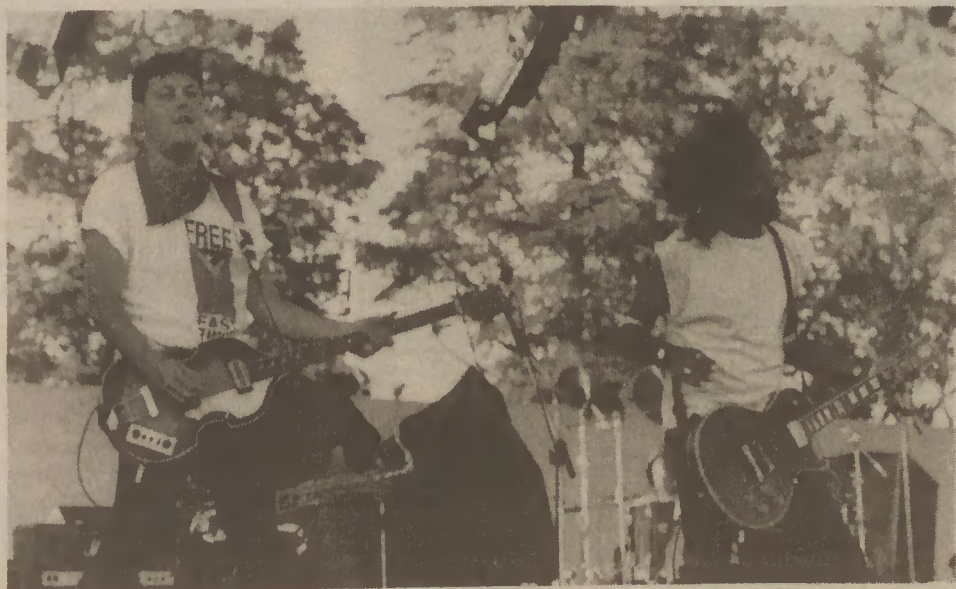


Jorge Palma: a maior enchente do Auditório

Madreus: saudade



Sitiados: corrida de fundo



Xutos & Pontapés: rock puro

qualquer dúvida que existisse sobre as suas próprias opções políticas ao gritar, no intervalo entre dois temas: «viva o Partido Comunista Português». Refira-se que o espectáculo de eleição de Ron Kavana, que actuou ainda no Café-Concerto e no Auditório 1.º de Maio, foi uma demonstração de cultura musical, dada a consistência nas misturas de ritmos, a diversidade de abordagens seriamente adaptada às exigências das canções escolhidas e a diferença de tratamento do que foi tocado na Atalaia e os registos discográficos do cantor, onde para os mesmos temas, outros ambientes foram criados.

Fernando Girão abriu na sexta-feira a longa série de espectáculos de três dias. Girão trouxe a música do Mundo à Atalaia: a mistura de influências que desde sempre estão na base do trabalho do músico - harmonias, ritmos e melodias entrecruzados, provenientes do Brasil, África e também do jazz e da pop/rock - bem podiam servir de síntese à própria música da Festa, caso um dia quiséssemos representar num único exemplo, o espírito que tem norteado a presença da música ao longo das já 17 edições.

Girão escolheu um reportório que inteligentemente ultrapassou os limites do seu último trabalho discográfico,

potencialmente perigosos para uma exibição num palco com as dimensões do «25 de Abril» e perante uma plateia de milhares de pessoas. A preponderância no disco «Outros Fados» de alguma melancolia e tristeza - coerentes com o projecto que serviu de base a essa gravação - foi na Atalaia substituída por uma alegria contagiante, um evidente prazer de estar naquele palco (Girão insistiria várias vezes em sublinhar «a honra» que sentia com esta presença na Festa), uma viagem pelos modos de expressão do músico ao longo de qualquer coisa como duas dezenas de anos de carreira, ao mesmo tempo capaz de explicar o que é essencial no seu último disco e dizendo o porquê da convivência do fado com as outras músicas.

Junte-se à receita o salzinho da personalidade e maneira de estar num palco de Girão - energia, alta qualidade em improvisos vocais, paixão, saber fazer «show» - com um lote de músicos de eleição, onde se destacou a exuberância de uma enfiada e bem tocada guitarra eléctrica.

Jazz

Para se entender Fernando Girão, a sua personalidade -

reflectida na música que faz e nas coisas que diz - talvez seja bom ficarmos a saber que nos dois dias seguintes o cantor, cidadão anónimo, vagabundeou pela Festa, viu com curiosidade tudo o que ela tinha para oferecer e teve tempo para, extraprograma, fazer «uma perninha» no espectáculo de sábado à noite de José Eduardo & Lusitânia Expresso onde, curiosamente, o eixo temático era o cruzamento de músicas - no caso entre o flamengo e o jazz - perante uma plateia do Auditório 1.º de Maio entusiasmada pelos improvisos dos músicos, pontificando a «surpresa» da presença da guitarra flamenga numa formação jazz. Girão integrou-se no espectáculo do seu amigo José Eduardo, e o divertimento resultante espalhou-se, com proveito, entre músicos e público.

O jazz de sábado à noite chamou, de resto, um público especialmente interessado ao Auditório, evidentemente conhecedor, como se reconhecia pelos aplausos oportunos no final dos solos instrumentais, pelo respeitoso silêncio durante a sua execução ou, até, pelo acompanhamento físico aos ritmos que se sucediam: leitura retirada na observação de dezenas de cabeças que abanavam ao tempo certo da música. Nítido contraste com a exuberância

Espectáculos

cia ruidosa de outros públicos em outros espectáculos, mesmo neste espaço destinado a momentos musicais com exigências de recolhimento.

Bernardo Sassetti actuaria neste Auditório, depois de José Eduardo, com uma formação clássica para um jazz brilhante, colorido, explicativo da recente projecção internacional do pianista, a permitir também que quem ali esteve se deleitasse com um saxofonista de primeira água.

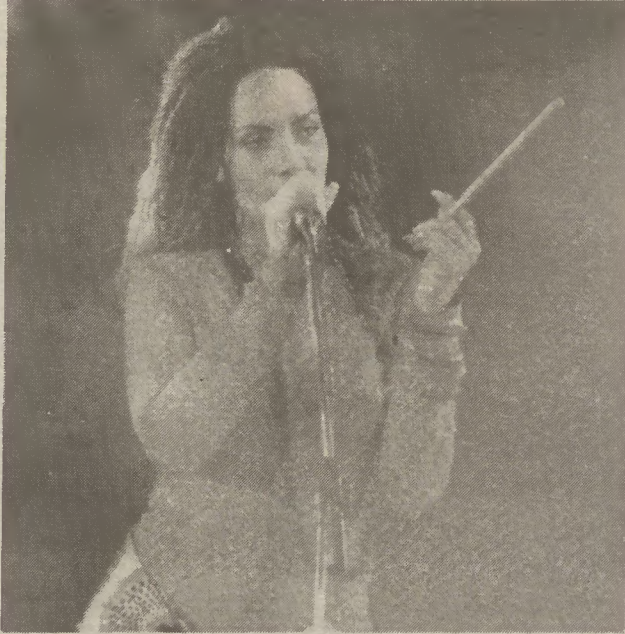
Depois um punhado de músicos, seleccionados entre os melhores do nosso país, formariam a **Orquestra Som do Mundo** (outra vez o Mundo, repararam?), liderada pelo trompetista **Laurent Filipe**, para uma ecléctica exibição de ritmos dançantes: tropicais, latinos, sul-americanos, africanos mas também com muito blues e muito jazz. Tanto virtuosismo, tanta garra!

Palmas para Palma

Já que estamos a falar da programação de sábado no Auditório, diga-se que o maior sucesso de público registado naquele espaço (ou, na circunstância, naquela falta de espaço) aconteceria depois de **Carlos Clara Gomes**, com a presença de



Mafalda Velga: viagem por três álbuns



Teresa Maiuko: África na Europa



Tito Paris: cretcheu



Paulo Gonzo: voz e duelo de guitarras



Luísa Basto: busca de outros sons



Grupo de Yunnan: variedades chinesas

Jorge Palma, um sabedor construtor de canções, dos poucos que são simultaneamente excelentes compositores e autores, mas também possuidor de um aguçado sentido de espectáculo, invulgar na capacidade de compreender e manipular as suas dinâmicas próprias, adaptando-se ao público e fazendo este mergulhar nas correntes líricas e melódicas por onde quer navegar este

cantor e músico. As pessoas cantaram com Jorge Palma, quase todas as canções deste mas também, em homenagem oportuna, o «Traz Outro Amigo Também» de **José Afonso**. Homenagem repetida por muitos outros artistas nos mais diversos palcos, num exercício de memória que renova que teria exemplos grandes no domingo, neste mesmo Auditório com **Amélia Muge** e com a **Quadrilha**. Duas actuações que provam das potencialidades da música popular portuguesa. Voz excelente para o vocalista da Quadrilha, também autor e compositor da maioria dos temas. **Amélia Muge**, para além da voz, tem o argumento de se apresentar com uma abordagem principalmente apoiada em instrumentos acústicos, o acompanhamento de músicos cultos e versáteis.

Viagens

Mas não nos adiantemos e voltemos à ordem cronológica dos acontecimentos: **Mafalda Veiga** faria o segundo espectáculo do «25 de Abril» recordando os temas mais importantes dos três discos editados e terminando com o seu hino: Pássaros do Sul. **Teresa Maiuko**, moçambicana vinda de Londres, fez-se recordar ao público português com uma

música dançante, onde a sua voz mostrava as influências da *soul* norte-americana dos nossos dias com «cheirinhos» de música africana, reggae e pop.

O Auditório 1.º de Maio iniciou a sua programação com **Luísa Basto**, numa primeira de três actuações na Festa - seguir-se-iam nos dias seguintes o Café-Concerto e o Palco Lisboa - onde interpretou um repertório renovado com passagem por vários estilos - fado, canção de texto, música tradicional -, vários autores (entre os quais alguns dos melhores poetas portugueses) e a surpresa de uma nova formação de músicos, de boa qualidade, capazes de criar uma nova sonoridade para enquadrar a privilegiada voz da cantora. Pena que, segundo a própria, a exiguidade dos ensaios tenha obrigado à utilização de alguns *playbacks* instrumentais durante a actuação no «1.º de Maio», um facto felizmente de carácter totalmente excepcional na Festa.

Surpresas viriam da China, com o grupo artístico de minorias da Província de Yunnan. Se alguém esperaria um aborrecido espectáculo de divulgação etnográfica ou folclórica, ficaria certamente desconcertado com momentos verdadeiramente hilariantes proporcionados pelos músicos, cantores e dançarinos chineses que, a par da honesta e rigorosa

FESTA



Wolfstone: revitalizar a Folk/rock



Divertimento com a Old Rope String Band



Issabary: sodade



Sétima Legião: raiz popular, música para urbanos

entre o seu actual guitarrista e aquele que o acompanhou na extinta Go Graal Blues Band. Pelo meio houve ainda tempo para lembrar Iggy Pop.

A partir das 19 horas de sábado o público acotovelava-se em redor do palco principal da Festa para assistir aos espectáculos poderosos dos Xutos & Pontapés - puro rock em música e palavras - os Sitiados - que independentemente da música que gravam e cantam, serão neste momento a melhor banda portuguesa ao vivo pela encenação e energia empregues - e Madreus - um contraste com as actuações dos grupos anteriores, de melancolias exaltadas na voz de Teresa Salgueiro, aceite e bem recebida pelo público.

Wolfstone

Wolfstone é o nome da banda escocesa que fez voltar à Atalaia a melhor tradição da Folk/Rock, renovando o casamento de violinos, gaitas-de-foles e percussões da folk com a guitarra eléctrica, bateria e baixo eléctrico do rock.

Com a Wolfstone houve quem se tenha lembrado dos Fairport Convention que nos anos 70 estiveram na Festa e com quem, certamente, a banda de jovens escoceses não recusará comparações.

Finalmente no domingo, a tarde começou com os Issabary, na formação-base já conhecida do público da Festa acrescentada por vários músicos que imprimiram um novo balanço e um novo impacto à música africana do grupo que, entretanto, apresentou um novo conjunto de canções e recriou alguns clássicos, como, por exemplo, o tema *Sodade*, que este ano foi sucesso na voz da cabo-verdiana Cesária.

Depois do comício, o grupo Sétima Legião mostrou a sua música que parte de raízes populares para a construção de um som original e os Delfins qualificaram-se, mais uma vez, no topo do som pop português fazendo um espectáculo cheio de energia onde os milhares e milhares de espectadores cantaram, do princípio ao fim, as letras das músicas, novas e mais antigas, do grupo.

Tantos palcos!

Por toda a Festa as músicas nos mais diversos palcos cruzavam-se pelos ares, impressionando os aglomerados de pessoas que encheram as diversas plateias, provando que há lugar para todas as expressões artísticas porque à Atalaia vão todos os públi-



Tuna da Faculdade de Direito no Café-Concerto de Lisboa



Delfins: milhares de vozes fazem coro



Los Talnos, de Cuba: Guantanamera



Espaço Solidariedade: Amal do Sahara Ocidental

reconstrução de algumas tradições do seu país, teria rasgos desconcertantes como a interpretação do célebre «*O sole mio*» através do sopro de uma simples folha de arbusto...

De África ao rock

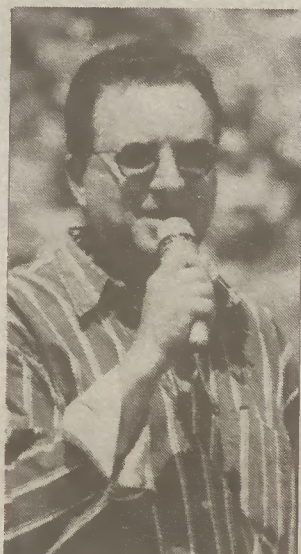
Tito Paris mostrou música africana na abertura do Palco 25 de Abril no sábado, juntando um conjunto de músicos que ao longo de uma hora actuaram em crescendo, terminando a sucessão de ritmos em verdadeira apoteose, correspondida pelo público em aplausos e danças que se multiplicavam em vários pontos do recinto.

Paulo Gonzo lembrou a razão de ser uma das melhores vozes masculinas portuguesas, mostrando as suas referências musicais enraizadas no *rythm'n'blues* e *blues*, e dando espaço para um fabuloso duelo de guitarras

FESTA

Espectáculos

cos: pessoas sequiosas de ouvir e ver o mais variado leque de acontecimentos, participando com aplausos, dançando nos bailes, vendo as peças do Avanteatro, intervindo nos mais diversos debates. Não houve palco ou espaço que não tivesse razão de ser: para ver a Tuna Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, cantar o «Guantanamera» com o grupo cubano «Los Tainos», ou ouvir canções do Sahara pelo grupo Amal. Pequenos auditórios como os do Espaço Internacional ou do Pavilhão Central, ou palcos maiores como o de Lisboa, Arraial, Pátio dos Petiscos em Setúbal, auditório do Porto ou Café-Concerto (sempre cheio), apresentaram programas diversificados de música portuguesa e internacional, com pontos altos que, caso sucedessem em outros contextos, obteriam um impacto ainda maior. Para além dos destaques já referidos, teremos de referenciar a programação de folclore e as manhãs infantis do Palco Arraial, as diversas participações da Old Rope String Band - música popular da Irlanda aos Estados Unidos temperada com humor, ironia, e sentido de espectáculo

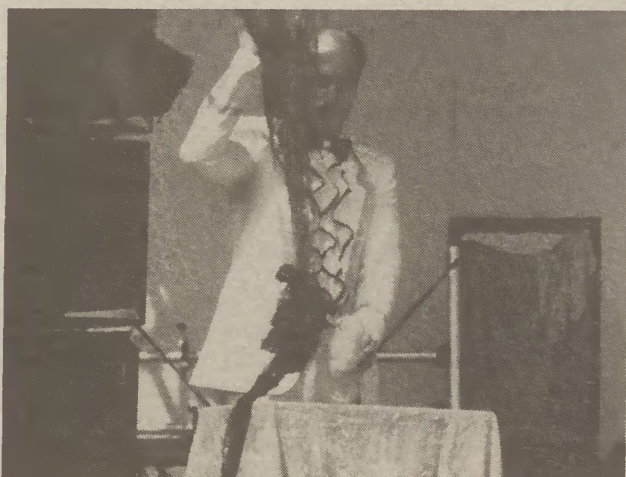


Cândido Mota: anfitrião

- o Grupo de Metais do Seixal, o quarteto Chalumeau, a Camerata Juvenil do Barreiro e a Orquestra da Banda do Barreiro no Avanteatro, os momentos de música africana nos Palcos Lisboa e Café-Concerto e a divulgação de novas bandas rock no Palco Lisboa (Tropa de Choque, Vera Cruz, e Pagem). E tantos, tantos outros momentos sucederam ao longo daqueles três dias...

O sonho...

A Brigada Victor Jara começou o fim de noite e



Yoamanh: no Palco Arraial para além dos ranchos folclóricos, houve manhãs infantis com palhaços e ilusionismo

de Festa. A música tradicional portuguesa do grupo mereceu os favores do público, que fez coro nos temas mais populares de uma Brigada que entendeu manifestar publicamente o prazer que tinha em tocar na Festa do «Avante!». Finalmente, um comovido Cândido Mota, que ao longo dos três dias apresentou os espectáculos do palco principal, apresentaria Manuel Freire, o cantor e compositor da Pedra Filosofal que em 45 minutos encheu de palavras portuguesas, escritas por alguns dos nossos melhores poetas, as estrelas que alumiam a noite de uma Festa que chegava ao fim, cantando: «Eles não sabem nem sonham/ que o sonho comanda a vida...»

Para o ano o sonho será de novo comemorado.



Pedro Tadeu Rap numa pista de skate



Música de Timor no Espaço Solidariedade



Noite africana no Palco Lisboa



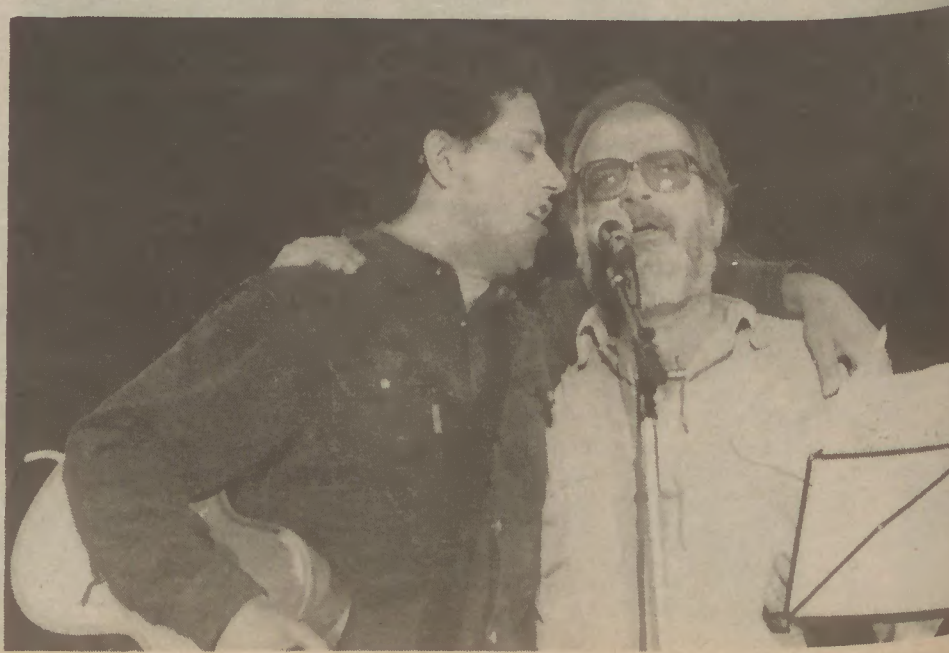
Um grupo coral de Alentejanos residentes na Amadora



Classe de flamenco da Associação Tiro-Liro



Brigada Victor Jara e os convidados: pauliteiros na noite



Manuel Freire: os poetas portugueses

FESTA

Salas cheias no Avanteatro

Com um feliz e rigoroso cumprimento de horários, as peças apresentadas no Avanteatro sucederam-se, para os mais pequenos nas manhãs de sábado e domingo, para graúdos no resto da programação, sempre com enorme afluência de um atento e respeitoso público naquele que será o melhor auditório, em equipamento, existente na Festa. A programação de Teatro na Festa incluiu actuações dos grupos de teatro Marionetas de Lisboa, o Cénico - Grupo de Teatro Popular, o Teatro Municipal de Almada, o grupo Papa-Léguas, o CDIAG-Teatro da Malaposta e o grupo Intervalo. A homenagem do actor e encenador, Rogério Paulo, foi feita através de uma exposição de recortes da imprensa que ilustraram a longa carreira de um dos maiores actores contemporâneos portugueses, bem como as suas posições sobre a actividade cultural e teatral no nosso país. Para além disso, na própria sala, durante alguns minutos o público participou numa breve evocação de um homem de cultura, comunista e desde sempre entusiasta apoiante do projecto Avanteatro.



Rogério Paulo foi recordado numa exposição sobre a sua carreira



Centro Cultural de Almada: «O Juiz Aprendiz»



«A Travessia» no Avanteatro pelas Marionetas de Lisboa



O Cénico levou a peça «Onde Vaz Luiz?»



O D. Quixote de «o Judeu» foi encenado pelo Teatro de Almada



O grupo Intervalo levou Brecht: «A Boda - os noivos e os convidados»



«Sorte Malvada» foi o título levado pelo Teatro da Malaposta



Os Papa-Léguas apresentaram «Hoje sou rel... amanhã não sel».



O Avanteatro teve música: Grupo de Metais do Seixal, a Banda do Barreiro e a Camerata Juvenil da cidade, Quarteto Chalumeau

África do Sul Milhões de pessoas manifestam-se pela Paz

Pelo menos 63 pessoas morreram na África do Sul, em actos de violência política, desde o passado dia 2, em que milhões de sul-africanos se manifestaram nas ruas das cidades pela paz.

Mas o dia 2 de Setembro, Dia Nacional da Paz na África do Sul, ficará sem dúvida a assinalar um momento histórico, de repúdio pela violência objectivamente dirigida contra o processo de democratização e liquidação do apartheid, e que nos últimos três anos já ceifou a vida de pelo menos 10 500 pessoas.

Durante 60 segundos, ao meio-dia do dia 2, milhões de sul-africanos, de diferentes raças e opções políticas, observaram um minuto de silêncio pela paz.

Os autocarros e os automóveis pararam, os trabalhadores também, e milhões de pessoas baixaram a cabeça, parados no meio da rua, pelo fim da violência que entretanto prossegue.

Quando os 60 segundos terminaram, milhões de sul-africanos em todo o país começaram a cantar hinos de paz e dançaram e desfilaram pelas ruas das principais cidades do país.

No World Trade Center de Joanesburgo, os participantes no Foro negocial da Multipartidária sobre o futuro político da África do Sul também observaram o minuto de silêncio. "Este é um momento histórico para nós, para a paz na nossa terra. Temos de enterrar as nossas diferenças e afastarmo-nos da violência que grassa no nosso país", disse o presidente da sessão desse dia, Baleka Kgotsits, dirigente do Congresso Nacional Africano (ANC).

A Cidade do Cabo ficou praticamente paralisada durante cinco minutos quando deu o meio-dia. Os sinos das igrejas repicaram e, assim que tudo terminou, espontaneamente, a população bateu palmas, cantou e dançou e, só muito mais tarde é que tudo regressou à rotina normal.

"A beleza deste dia é ver que a mensagem de paz se espalhou a todo o país", afirmou John Hall, secretário-geral do Comité Nacional de Paz, frisando que estas iniciativas não deverão resolver os problemas da África do Sul, mas que,

"pelo menos, conseguiu-se enviar uma poderosa mensagem ao país".

Uma demonstração clara de que a paz é possível e que há milhões de pessoas que apostam nela, mesmo no difícil e contraditório quadro político da África do Sul.

De sublinhar que apenas o Partido Conservador (CP, de direita) e os brancos do Sindicato dos Mineiros se recusaram a participar na Campanha da Paz, que consideram ser de "inspiração comunista".

O mesmo Partido Conservador que considera a instalação de um Conselho Consultivo Transitório (TEC) na África do Sul como uma "declaração de guerra".

O Conselho Executivo de Transição, que deveria estar operacional até Junho deste ano, será integrado por brancos e negros, e deverá gerir a África do Sul até à realização de eleições.

Para a extrema-direita sul-africana, que ameaça com o desencadear de acções de violência, este primeiro órgão de partilha do poder seria anti-democrático... por ignorar um Parlamento eleito apenas com os votos da minoria branca.

Angola Governo reafirma disponibilidade para o diálogo

O chefe da diplomacia angolana, Venâncio de Moura, enviou uma carta ao Conselho de Segurança da ONU, em que é reafirmada a disponibilidade do governo de Luanda em "reiniciar o diálogo com a Unita em local escolhido por consenso".

O ministro angolano coloca como condições a essa retomada do diálogo que a Unita "dê provas inequívocas do seu interesse em negociar um cessar-fogo definitivo".

Na carta, Venâncio de Moura sublinhou ao representante especial do secretário-geral da ONU em Angola, que o reatar de conversações se deverá basear no respeito dos acordos assinados em Bicesse, do protocolo de Abidjan e das resoluções do Conselho de Segurança.

A carta de Venâncio de Moura surge como uma resposta do governo de Luanda à afirmação de disponibilidade, por parte de Jonas Savimbi, para o reinício das conversações sem condições.

Venâncio de Moura expressa as "reservas" do governo angolano sobre as reais intenções da Unita que, conforme se afirma

na carta ao Conselho de Segurança da ONU, "ao invés de demonstrar um desejo sério de negociar com o governo no restabelecimento da paz, pretende exactamente o contrário".

O ministro angolano acusa a Unita de pretender "ignorar pura e simplesmente os resultados de todos os esforços desenvolvidos pela ONU e comunidade internacional (...) ao insinuar a necessidade do reinício deste processo a partir do zero".

Entretanto, os efeitos da guerra continuam a fazer-se sentir a todos os níveis. Um exemplo concreto - a província de Huíla necessita de 100 milhões de dólares para reabilitar a rede eléctrica danificada sobretudo pela guerra, segundo informações divulgadas pelo "Jornal de Angola".

A Huíla está administrativamente dividida em 14 municípios e destes apenas seis beneficiam do fornecimento de energia eléctrica. Oito municípios, e um número não calculado de comunas, estão privados de energia eléctrica como consequência da ocupação destes pela Unita.



Momento fugaz de paz, quando o povo angolano foi às urnas

Moçambique Prepara-se concretização do processo de Paz

O processo de negociações para a paz em Moçambique tem vindo a dar passos sensíveis, estando previsto para breve novo encontro entre o presidente Joaquim Chissano e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, onde deverão ser debatidos alguns problemas ainda por resolver.

Em causa, nomeadamente, a composição da Comissão Nacional de Eleições.

O representante da ONU para Moçambique, Aldo Ajello, defendeu "novas regras e procedimentos (para a Multipartidária), que aprovelem todos os artigos que não são controversos e ponham de lado os que são controversos".

Aldo Ajello anunciou que vai apresentar um novo calendário para a aplicação dos acordos, tão cedo quanto possível, para se avançar na concretização do processo de paz, que entretanto está em vias de ser analisado no Conselho de Segurança da ONU.

O objectivo imediato é avançar rapidamente na aplicação do que foi acordado entre o governo de Moçambique e a Renamo e encetar as novas fases do processo de paz, iniciando o acantonamento e desmobilização de tropas e aprovando o anteprojecto da lei eleitoral.

No que respeita ao acantonamento de tropas, alguns passos fundamentais foram dados.

Os 49 postos de acantonamento - 29 para o governo de Maputo e 20 para a Renamo - estão já operacionais e prontos a nível sanitário para o início do processo de desmobilização, informou Michel Bar-

ton, porta-voz do director-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Nos diferentes postos de acantonamento existem "stocks" de material médico e estão em funções as equipas de saúde da OMS, integradas, cada uma, por dois médicos, quatro enfermeiros e vários funcionários, que vão examinar todos os desmobilizados ou reintegrados no Exército único moçambicano.

Simultaneamente a OMS preparou serviços móveis de saúde e postos sanitários de apoio às deslocações dos desmobilizados nos principais eixos de repatriamento.

A reabilitação da rede de saúde fará parte de um plano mais complexo a organizar pelas Nações Unidas e para o qual será lançado um apelo internacional (durante a guerra, cerca de 700 unidades de saúde foram destruídas).

O programa da OMS em Moçambique compreende a assistência médica às forças militares do governo e da Renamo nos pontos de acantonamento e desmobilização e às populações refugiadas que retornam ao país, bem como a reabilitação a longo prazo das estruturas de saúde destruídas pela guerra.

Os soldados acantonados vão fazer a prevenção da sida e usufruir de cuidados ambulatoriais.

A OMS está instalada em Moçambique desde a independência, em 1975, e tem um implementado um conjunto de programas de vigilância epidemiológica e vacinação.

África em notícias

SENEGAL

A greve geral no Senegal, que paralisou o país e que visava protestar contra as medidas de austeridade apresentadas pelo governo de Habib Thiam, foi entretanto desconvocada pelos sindicatos, dado que o governo senegalês aceitou analisar a situação, em reunião marcada para estes próximos dias.

No cumprimento desta greve geral, convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores Senegaleses e apoiada pelos partidos de oposição, os estabelecimentos comerciais e os bancos encerraram e os transportes paralisaram ao longo de 24 horas.

A greve destinou-se a protestar contra o plano de relançamento económico apresentado pelo governo e que prevê a redução dos salários dos cerca de 66 000 funcionários públicos em 15 por cento e dos ministros e deputados em 25 por cento. A medida afecta também os trabalhadores das empresas privadas, aos quais o plano prevê que seja retirado um dia de salário por mês, durante dois anos e meio.

As autoridades senegalesas justificam a medida afirmando ser ela necessária para o saneamento das finanças públicas.

Os grevistas exigem melhores condições de vida e salariais.

NIGÉRIA

A União Sindical da Nigéria decidiu suspender a greve geral, que se prolongou por seis dias, devido a se ter chegado a um acordo com o governo relativamente à manutenção dos preços dos combustíveis, uma das principais reivindicações feitas pelos trabalhadores.

A decisão de suspender a greve não foi entretanto apoiada pelo Sindicato dos Bancários e pelo Sindicato dos Trabalhadores do Petróleo e Gás (NUPENG), que optaram por prolongar ainda a paralisação.

O principal motivo que levou a União Sindical Nigeriana, que congrega 41 sindicatos, a convocar uma greve geral, foi a validação dos resultados das eleições presidenciais de 12 de Junho, anuladas pelo

regime do ex-presidente Ibrahim Babangida.

A adesão registada por parte dos trabalhadores do NUPENG, sobretudo ao nível de distribuição de combustíveis, foi responsável por um dos efeitos da greve que maior repercussão teve desde o início, afectando, a nível nacional, o sector dos transportes.

SOMÁLIA

O secretário-geral das Nações Unidas pediu pessoalmente à Itália que atrase a retirada dos seus "capacetes azuis" de Mogadíscio.

As tropas italianas deveriam ser de imediato retiradas da Somália, por divergências de Roma com a ONU e os Estados Unidos quanto à forma de pacificação do país.

Em recente entrevista ao jornal "La Stampa", de Turim, o ministro italiano da Defesa questionou: "Talvez devamos todos reflectir um pouco. Porque é que há soldados que continuam a morrer na Somália quando os resultados, em termos de pacificação, ainda não se viram?"

Direitos

A Convenção Europeia dos Direitos do Homem, subscrita actualmente por 31 países, assinalou dia 3 de Setembro 40 anos de existência.

Constituída por 66 artigos, a Convenção, redigida em 1950, entrou em vigor a 3 de Setembro de 1953, tendo sido na altura subscrita por 10 países (Dinamarca, Alemanha, Grécia, Irlanda, Islândia, Luxemburgo, Noruega, Reino Unido, Suécia e Sarre, que na época era independente da Alemanha).

Esta Convenção europeia abre a possibilidade a qualquer cidadão que sinta os seus direitos violados actuar juridicamente contra o seu país recorrendo a instâncias independentes, a Comissão e o Tribunal Europeu.

Até ao momento, mais de 60 000 "dossiers" sobre queixas foram apresentados, mas apenas 18 mil chegaram à Comissão, e raros foram aqueles que foram analisados pela instância suprema, o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem.

Camboja

O príncipe Norodom Sihanouk, chefe do Estado interino do Camboja, pretende voltar a ser rei, 38 anos depois de ter abdicado do trono.

O anúncio foi feito pelo seu filho, Norodom Ranariddh, no regresso a Phnom Penh, depois de uma reunião em Pyongyang com Sihanouk e dirigentes dos Khmer Vermelhos (responsáveis, quando no poder, de um verdadeiro genocídio do povo do Camboja) sobre o projecto da nova Constituição do país.

Ranariddh é um dos co-presidentes do governo interino cambojano, juntamente com Hun Sen.

Uma comissão especial da Assembleia Constituinte, saída das eleições de Maio, elaborou um projecto de Constituição que não previa a restauração da monarquia, mas o partido de Ranariddh pôs objecções e remeteu a "decisão final" para Sihanouk.

Responsáveis da ONU e grande parte dos membros da Assembleia Constituinte lamentaram não terem tido acesso ao projecto de Constituição. O regresso à monarquia surge como um enorme recuo e teme-se que o poder de Sihanouk assuma um carácter ditatorial.

A nova Constituição deve ser aprovada antes de 15 de Setembro, quando Sihanouk regressar ao Camboja.

Chile

O presidente do Chile, Patricio Aylwin, resolveu retirar do Parlamento um projecto de lei que visava acelerar os julgamentos dos militares envolvidos em violações dos direitos humanos.

A decisão de Aylwin ocorreu pouco tempo depois de não ter conseguido a adesão dos partidos da coligação governamental.

O projecto de lei tinha por objectivo acelerar o julgamento de militares que são acusados de estarem envolvidos no desaparecimento de mais de mil pessoas durante o regime fascista de Augusto Pinochet, entre 1973 e 1990.

Nicarágua

O Conselho Militar das Forças Armadas da Nicarágua rejeitou qualquer plano para um golpe de Estado contra a presidente Violeta Chamorro e desmentiu a existência de insubordinação ao poder civil.

O Conselho afirmou que os militares nicaraguenses somente não aceitam que o general Humberto Ortega seja substituído em 1994 no cargo de chefe do Exército.

"Não há nenhuma insubordinação" das Forças Armadas já que a actual lei estabelece que "é ao Conselho Militar que cabe a nomeação de um novo comandante-chefe".

A posição da cúpula militar ocorreu horas depois de Violeta Chamorro ter anunciado que pretende substituir, em 1994, o general Humberto Ortega, no comando do Exército.

A destituição do general Ortega foi várias vezes pedida pela oposição nicaraguense e pelos Estados Unidos.

Entretanto, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), o maior partido da Nicarágua, acusa Chamorro de ceder a pressões da extrema-direita e dos Estados Unidos e rejeita o recurso à Organização dos Estados Americanos (OEA) para se tentar solucionar a crise no país.

Alemanha

O governo do chanceler Helmut Kohl adoptou um programa económico cujas ideias basilares são: flexibilidade e alongamento das horas de trabalho, redução dos impostos e subvenções, desburocratização, aceleração das privatizações, diminuição da duração do ensino e reorganização dos trabalhos de utilidade pública.

As organizações patronais reagiram ao programa considerando que vai "na boa direcção", mas é ainda "insuficiente".

Os sindicatos acusam o governo de aproveitar um ambiente de recessão para preparar uma vasta desmontagem de direitos sociais.

Palestina

Negociações em torno de um acordo possível

Está em curso, nestes dias, o processo de debate, em paralelo a iniciativas diplomáticas, que tudo indica irá levar à assinatura do duplo acordo entre a OLP e Israel, de reconhecimento mútuo e autonomia nos territórios ocupados.

Depois da concordância expressa pelo Comité Central da Fatah, principal componente da OLP, está agora reunido o Comité Executivo da Organização de Libertação da Palestina.

Antes de ser assinado o acordo com Israel, deverão ainda pronunciar-se o Conselho Central Palestino e o Parlamento no exílio.

Elemento fundamental em todo este processo - a posição das populações nos territórios ocupados. Segundo Faïçal Hussein, destacado dirigente palestino do interior, em recentes declarações à rádio, os palestinianos começam a aceitar o projecto "Gaza-Jericó".

Não é entretanto uma aceitação fácil. Não apenas por alguns sectores palestinianos estarem de facto contra o próprio processo de paz, como pela própria complexidade da situação e ambiguidades e incertezas que marcam um acordo que surge entretanto como um elemento novo no quadro político do Médio Oriente.

No plano diplomático, alguns avanços foram também obtidos. Após uma reacção crítica inicial, o presidente sírio reconheceu, na sequência de um encontro com Yasser Arafat, que os palestinianos e as suas instituições têm "o direito de tomarem as decisões que lhes convêm". O Conselho de Cooperação do Golfo (que cortou os fundos à OLP quando da guerra do Golfo) aprovou o acordo como "um primeiro passo na via da solução justa, duradoura e global da causa palestiniana e do conflito israelo-árabe".

Uma linha fundamental do acordo é o estabelecimento de uma autoridade provisória palestiniana de autonomia, por um período transitório não superior a cinco anos, que conduza a uma solução permanente, baseada nas resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança da ONU.

A autonomia palestiniana começará primeiro em Gaza e na cidade de Jericó (Cisjordânia) e o Exército palestiniano começará a retirar dos centros populacionais árabes logo a seguir à assinatura do acordo, para zonas previamente definidas entre as partes, ficando porém incumbido

da segurança de tudo o que diga respeito a cidadãos de Israel.

A autonomia será progressivamente alargada ao resto dos territórios ocupados e as negociações sobre o estatuto final dos territórios começarão, o mais tardar, dois anos após a assinatura do acordo sobre o período de autonomia provisória.

evolução em Israel, e naturalmente da própria evolução da cena política internacional.

Para já, de par de reacções violentas, nomeadamente por parte dos sectores mais direitistas em Israel, há também manifestações de apoio há paz, e algumas posições de maior realismo, como o admitir explicitamente a

O secretário-geral da ONU, Butros Ghali, discutiu estes dias em Paris, com o ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, Shimon Peres, os problemas do relançamento económico dos territórios palestinianos, sublinhando que "à autonomia política deve corresponder uma autonomia económica".

O secretário-geral da ONU vai analisar com os organismos especializados da organização as formas de reforçar a ajuda a conceder a Gaza e Jericó.

Entretanto, o Banco Mundial elaborou um estudo prevendo 2,95 mil milhões de dólares para o financiamento dos projectos públicos e três mil milhões de dólares para os projectos privados na Cisjordânia e Gaza.

O estudo foi elaborado a pedido dos participantes nas negociações bilaterais, e os seus autores deverão encontrar-se a 20 de Setembro com a parte palestiniana e responsáveis jordanos para examinarem a possibilidade de o incluir como documento oficial no pacote económico das conversações multilaterais.

O projecto deverá ser apresentado a todas as partes em Novembro para aprovação definitiva e abrange um período de oito a dez anos, com uma primeira fase para os projectos considerados prioritários e uma segunda para os serviços públicos essenciais.

Naturalmente também aqui, no plano dos projectos e opções económicas, há interesses bem diversos em jogo. E também aqui as opções que se virão a afirmar, em termos de desenvolvimento, dependem de factores idênticos aos que marcam a evolução política da Palestina e do Médio Oriente.



A Intifada abriu caminho às negociações de paz

O estatuto de Jerusalém (cuja parte leste, de maioria árabe, Israel anexou em 1980) será decidido quando da definição sobre o estatuto final dos territórios ocupados.

Um processo de futuro ainda incerto, que em muito dependerá da luta do povo palestiniano, da

criação de um Estado palestiniano, por parte do embaixador israelita em Washington.

Neste momento, é paralelamente ao acordo e aos debates no plano político, estuda-se a questão fundamental do relançamento económico de Gaza e Jericó.

Massacre no Rio de Janeiro

O massacre de 21 habitantes de uma "favela" do Rio de Janeiro, no passado dia 30 de Agosto, foi obra de polícias militares implicados no tráfico de droga, revela um inquérito oficial divulgado pela imprensa brasileira. As investigações levaram entretanto à prisão de 13 membros da polícia militar.

Foi ainda apurado que o assassínio, um dia antes do massacre, de quatro polícias, compromete igualmente membros da corporação, noticia o jornal "O Estado de São Paulo".

As investigações parecem indicar que os assassinos pertencem a um grupo de extermínio, composto por agentes da polícia militar e membros de empresas privadas de segurança.

A gravidade dos factos precipitou uma reestruturação da polícia militar, com a passagem à reserva de grande número de oficiais superiores.

De sublinhar - pelo que revela do nível e teia de cumplicidades na acção destes grupos de extermínio - que cerca de 60 coronéis em postos de chefia deverão ser dispensados.

Gazetilha

Epigrama

Dizem que Leonor Beleza
já em leis se doutorou.
Os meus parabéns lhe dou
por tão difícil proeza.

Faz este verso uma pausa
num conselho por medida:
não defenda a sua causa
que é uma causa perdida.

PSD na RTP

Que se saiba e avise
da grande novidade:
também a publicidade
está em crise.

Pois claro. É uma praga.
Quem a faz não a paga...

Couto na pauta

Ministro Couto
sem ilusões
um saco roto
de confusões.

Vai, desgraçado:
chumbado!

Quem se descarta?

Foi tanta a pata na poça
do Ramos e do Jardim
tanta foi a casaca grossa
que o chefe, o Cavaco, enfim
uma carta lhes mandou.
Mas tal carta não se achou
e ninguém a recebeu.
Que a carta seguiu, seguiu
há quem diga até que a viu
isso não garanto eu.
Porém se a tal carta rara
inda não foi recebida
onde raio é que ela para?
Onde é que ela está metida?

Se é que tal carta houve
se foi carta mal mandada
fazendo a prova dos nove
sempre é nove fora - nada...

Atalaia

Era a festa do abraço e da alegria
era a festa no rosto da amizade
era a festa a viver a liberdade
era a festa do alvor de um novo dia,

era a festa presente da memória
era a festa da marcha resolvida
era a festa pacífica da luta
era a festa a certeza da vitória,

era a festa a pureza da criança
era a festa feliz do velho honrado
era a festa de amar sem ser pecado
era a festa nas veias da esperança:

Festa do povo, amigos meus, amai-a
sempre na frente, sempre de atalaia!

■ IGNOTUS SUM

PONTOS CARDEAIS

A Festa e a miopia

A 17ª Festa do "Avante!"
teve, sem dúvida, uma
projectão na comunicação
social raramente verificada
pelas Festas anteriores.
O mérito é sobretudo da
Festa e do interesse popular
que a sua realização
desperta.

Por muito que custe a
alguns, a Festa é notícia.
Há, no entanto, aquele
jornalista que sente
necessidade de misturar
observações correctas com
estafados clichés de
inventadas personagens de
alentejanos obtusos,
fabricadas histórias sobre a
organização sufocante, a
gasta acusação que o PCP
não diz nada de novo.

Há, também, aquele
comentarista que revelando
progressos assinaláveis, que
apraz registar, na forma de
ver e compreender a Festa,
não consegue disfarçar uma
certa relutância pelo povo e
um angustiado horror pelas
multidões. Para ele o
grande problema da "Festa"
é o "gigantismo
incontrolado", pois "a
população continua a
acorrer em número
impressionante". Por isso
assinalou alarmado: "um
mar compacto de gente...
engoliu-nos de imediato."

Há, por fim, aquele cronista
que tem medo de dizer a
verdade e por isso fecha os
olhos perante a pujança
impressionante da Festa.
Depois faz umas frases
tolas, deste tipo: "talvez já
não sejam tantos como os
que acorreram ali [à
Atalaia] em anos
anteriores". E ainda de
maneira mais ridícula:
"Várias centenas
assentaram praça na
Atalaia, logo na sexta-
feira".

Repare-se que o rapaz fazia
a crónica de sábado, o
mesmo sábado (e o mesmo

jornal) do outro que falou
do "mar de gente".
Impossível debelar esta
miopia.

Lá diz o povo que o maior
cego é o que não quer ver.

Ligações perigosas

O "Expresso" do passado
fim-de-semana fazia-se eco
da balbúrdia que vai por
Cascais em torno da
candidatura do PS
encabeçada por José Luís
Judas.

É acusada, como já se sabe,
de representar, nem mais
nem menos, que os
interesses económicos do
senhor do jogo de Macau,
Stanley Ho, grande
empresário no concelho,
com posições dominantes
em algumas das principais
empresas, como a
Sociedade Estoril-Sol, e
importantes projectos de
investimentos futuros.
A circunstância de Carlos
Monjardino, presidente da
Fundação Oriente, grande
empresário e sócio do
capitalista de Macau, ser
candidato à Presidência da
Assembleia Municipal na
lista de Judas, dá uma
grande credibilidade à
acusação.

Acresce que Monjardino
passa subitamente do
mundo dos negócios
fabulosos para um
intervenção política numa
lista do PS ao lado de
Judas.

Acresce ainda que o próprio
Judas é funcionário de uma
empresa controlada por Ho,
a OPCA.

As listas do PSD e do CDS
também são acusadas de
ligação com outros grupos
capitalistas.

O que admira é a rapidez
com que o ex-sindicalista
Judas se apresenta
envolvido nesta teia de

ligações, pelos vistos,
perigosas.

Lara na TSF

Na nova grelha da TSF
merece reparo a abundância
de Vasco Graça Moura
(já não bastava na
televisão) e o recrutamento
de António Sousa Lara.
Lembram-se dele? É o
censor do livro de José
Saramago "Evangelho
Segundo Jesus Cristo".
É o ex-secretário
de Estado da Cultura do
Governo de Cavaco Silva
que afirmou na Assembleia
da República ter eliminado
o livro de Saramago
da lista portuguesa de
candidatura ao prémio
europeu da literatura
porque "o livro ofende
os sentimentos católicos
do povo português".
Na TSF, o Lara aí está
na maior, a fazer a
propaganda do Governo,
do ministro das polícias e a
atacar a esquerda, pois
claro.

O jeito que David Borges
tem para descobrir estas
revelações "culturais"!
Ou será, como consta,
que a ideia partiu do
coronel Luís Silva, da
Lusomundo, que agora
controla a estação das
Amoreiras, atendendo aos
dotes de censor revelados
por Lara?

A escolha do capital

Em relação ao cartaz de
propaganda de Macário
Correia, é caso para dizer:
fugiu-lhe o cartaz para a
verdade.

Há apenas um pequeno
lapso. Em vez de "escolha
capital", o que é correcto
dizer é "escolha do capital".

frases da Semana

**"Só governava com
Manuel Monteiro
numa situação muito
crítica."**

☞ (Jorge Lação, PS - «O
Diabo», 7.09.93)

**"O Dr. Manuel Mon-
teiro não se assume
como intelectual nem
pode assumir-se."**

☞ (António Lobo Xavier,
líder parlamentar do CDS
«Independente», 3.09.93)

**"Os riscos de contami-
nação por sida só atin-
gem quem peca contra
os mandamentos."**

☞ (D. António José Ra-
fael - «O Independente»,
3.09.93)

**"Há "gangs", banditis-
mo a soldo de interes-
ses claramente desesta-
bilizadores, inclusive
de cariz social. De
momento, ainda como
algo de embrionário
que precisa de imedia-
ta resposta, para não se
agravarem as coisas.
Uma resposta policial à
altura da ameaça em
causa e cuja primeira
fase o ministro da
Administração Interna
acaba de anunciar."**

☞ (Martinho de Castro -
«Diário de Notícias»,
5.09.93)

**"Os pequenos cava-
quinhos de hoje foram,
antes, os pequenos bal-
seminhos. Os governos
mudam, os líderes
mudam, mas eles são
sempre fiéis, venerado-
res e obrigados. Qual-
quer dirigente político
precisa de pessoas em
quanto tem o poder.
São necessárias para os
fretes, para receber
guias de marcha, a que
obedecem cegamente
porque sabem que têm
mais a ganhar do que a
perder. Não têm estado
de alma."**

☞ (José Miguel Júdice -
«Visão», 2.09.93)

**"Também não sei
quem são os senhores
dessa Comissão Per-
manente (do PSD),
porque para baixo de
Cavaco Silva não estou
a recordar-me de nin-
guém."**

☞ (Alberto João Jardim -
«Diário de Notícias»,
1.09.93)

**"Não comentamos as
declarações de Alberto
João Jardim."**

☞ (Nunes Liberato, Se-
cretário-Geral do PSD -
«Expresso», 4.09.93)



Quinta, 9

- 08.05 Notícias
08.10 Rua Sésamo
08.40 Bucky O'Hara
09.05 Ginástica
09.15 A Grande Saga dos Animais
09.40 Os Esquilos Vão ao Cinema
10.10 Caminhando pelo Himalaia
10.30 Beautiful South
11.00 O Treinador
11.25 Notas para Si
11.55 Culinária
12.10 Bebê a Bordo
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Vizinhos
14.00 Notas de Viagem
14.30 As Aventuras de Robin Hood
15.00 Dilúvio do Medo
16.25 Os Esquilos Vão ao Cinema
16.55 Brinca Brincando
17.30 E.N.G. - Imagens Vivas
18.30 Roda da Sorte
19.00 A Banqueira do Povo
20.00 Telejornal
20.30 O Dono do Mundo
21.40 Isto Só Vídeo
22.20 Palavra Puxa Palavra
23.10 O Último Verão de Camomille Lawn
01.00 24 Horas

Sexta, 10

- 08.05 Notícias
08.10 Rua Sésamo
08.40 Bucky O'Hara
09.05 Ginástica
09.15 A Grande Saga dos Animais
09.40 As Diabruras do Pimentinha
10.10 Caminhando pelo Himalaia
10.30 Isto é Magia
11.00 O Treinador
11.25 Notas para Si
11.55 Culinária
12.10 Bebê a Bordo
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Vizinhos
14.00 Pátria
14.20 As Aventuras de Robin Hood
15.00 Passeio no Campo
16.30 Bucky O'Hara
17.00 Brinca Brincando
17.35 Northern Lights
18.30 Roda da Sorte
19.00 A Banqueira do Povo
20.00 Telejornal
20.30 O Dono do Mundo
21.40 Marina, Marina
22.10 Nadine - Um Amor à Prova de Bala
23.40 24 Horas
00.10 Os Vagabundos

Sábado, 11

- 08.00 Programa Infantil e Juvenil
12.10 Luta Livre Americana
13.05 Crônicas de Narnia
13.30 Cientificamente
13.50 A Minha Gente
14.15 Fort Boyard
15.35 Terra dos Faraós
17.15 Chefe Mas Pouco
17.30 Floradas na Serra
18.30 Marés Vivas
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
20.30 Câmara do Cãndido
21.00 Despedida de Solteiro
22.50 Tarzan, o Homem-Macaco
00.45 O Erro do Assassino
08.00 Caminhos
08.30 Novos Horizontes
09.00 Universidade Aberta
12.00 A Marca de Fogo
13.35 Parceiros no Crime
14.30 Pé Grande e os Amigos
15.00 O Uivo do Lobo

Domingo, 12

- 08.00 Programa Juvenil
10.30 70 x 7
11.00 Missa
11.50 Programa Juvenil
13.00 Notícias
13.10 A Família Twist
13.35 Top +
14.20 Notas de Viagem
14.50 Marés Vivas
15.50 Um Pacto do Demónio
17.25 Tequila & Bonetti
18.20 Beverly Hills 90210
19.15 Clube Paraíso
20.00 Jornal de Domingo
20.30 Programação 93/94
21.00 Casa Cheia
21.50 Despedida de Solteiro
23.30 Oficial e Cavalheiro
08.00 Clínica Veterinária
09.00 Terra Frágil
10.00 Arte Fantástica
10.30 Programa Infantil/Juvenil
11.25 Regiões
12.30 Pierre Boulez - A Música do Séc. XX
11.05 Infantil
12.00 Uma Família no Jardim Zoológico

Segunda, 13

- 08.00 Bom Dia
09.00 Rua Sésamo
09.30 O Treinador
10.00 Pela Manhã
12.00 Culinária
12.10 Bebê a Bordo
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Vizinhos
14.00 No Fundo do Mar
14.25 Quantum Leap
15.10 Guerrilheiros nas Filipinas
16.55 Agora, Escolha!
18.25 A Roda da Sorte
19.05 A Banqueira do Povo
20.00 Telejornal
20.30 Direito de Antena - "Os Verdes"
20.40 O Dono do Mundo
21.40 Os Inocentes
22.10 Jogos Sem Fronteiras
23.50 Querido John
00.15 24 Horas
11.05 Infantil
12.00 Uma Família no Jardim Zoológico

Terça, 14

- 08.00 Bom Dia
09.00 Rua Sésamo
09.30 O Treinador
10.00 Pela Manhã
12.00 Culinária
12.10 Bebê a Bordo
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Vizinhos
14.00 Q.E.D.
14.25 Quantum Leap
15.15 Honra a um Homem Mau
16.55 Agora, Escolha!
18.25 A Roda da Sorte
19.05 A Banqueira do Povo
20.00 Telejornal
20.35 O Dono do Mundo
21.30 Cuidado com as Imitações
22.00 As Noivas de Copacabana
23.00 De Caras
00.10 24 Horas
11.05 Infantil
12.00 Uma Família no Jardim Zoológico
12.50 Livres e Selvagens
13.40 As Aventuras de Robin Hood
14.10 Departamento S
15.05 Ponto por Ponto
16.00 Para Além do Ano 2000
16.50 A Malta de Degrassi
17.15 Jogo de Damas
18.00 Vamp
18.55 Um, Dó, Li, Tá
19.25 Magazine de Teatro
19.50 Futebol: Antuérpia-Marítimo
22.05 Deus Nos Acuda
22.50 TV2 Jornal
23.35 Remate
23.45 Rotações

Quarta, 15

- 08.00 Bom Dia
09.00 Rua Sésamo
09.30 O Treinador
10.00 Pela Manhã
11.55 Culinária
12.10 Bebê a Bordo
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Vizinhos
14.00 Terras do Noroeste
14.25 Quantum Leap
15.15 Winchester 73
16.50 Agora, Escolha!
18.30 Roda da Sorte
19.00 A Banqueira do Povo
20.00 Telejornal
20.35 O Dono do Mundo
21.35 Sozinhos em Casa
21.55 Vamos Jogar no Totobola
22.15 Assalto ao Aeroporto
00.20 24 Horas
11.05 Infantil
12.00 Uma Família no Jardim Zoológico
12.40 Livres e Selvagens
13.40 As Aventuras de Robin Hood
14.05 Departamento S
14.55 Futebol: Kocaelispor-Sporting
16.55 A Malta de Degrassi
17.20 Jogo de Damas
18.00 Vamp
18.50 Futebol: Benfica-Katowice
20.50 Magazine de Artes Visuais
21.30 Deus nos Acuda
22.30 TV2 Jornal
23.15 Remate
00.15 A Ponte de Brooklin



«Caminhando pelo Himalaia», «Terra Frágil», «Antes de Colombo»: paisagens, costumes e civilizações remotas constam da programação de todos os canais

- 11.00 Infantil
11.40 Anos 90 - "Japão"
12.30 Sexta-Feira
13.30 Agora Escolha
14.55 Whoopi Goldberg Show
15.25 Infantil
16.25 Comemoração
17.20 O Amor Magoa
18.15 Vamp
19.10 Peter Gabriel and Friends
20.00 Mies - Arquitecto
21.35 Deus nos Acuda
22.30 TV2 Jornal
23.15 Remate
23.25 Clarissa
00.20 O Vigilante da Estrada

- de Nova Iorque
11.05 Infantil
12.00 Grandes Tormentos
12.35 Segredos da Natureza
13.30 Agora Escolha
14.55 Whoopi Goldeberg Show
15.25 Infantil
16.20 Terra Frágil
17.10 O Amor Magoa
18.00 Vamp
18.55 Rotações
19.55 O Jardim das Sombras
20.25 François Mitterrand
21.30 Deus Nos Acuda
22.30 TV2 Jornal
23.15 Remate
23.25 As Aventuras de Jean Galmon
00.20 A Passageira

- 16.00 TV2 Desporto
22.45 Tauromaquia
23.15 No Cumprimento do Dever
00.10 Ópera: «Adriana Lecouvreur»
01.30 Resistentes
12.00 O Soldado Joe
12.30 Aventuras dos T-Rex
13.00 Stingray, o Super Submarino
13.30 Batman
14.00 Notícias
14.10 As Mais Belas Máquinas
14.35 Terras Virgens
15.00 O Tesouro de Sierra Madre
16.40 Tracey Ullman
17.10 Dra. Quinn
18.00 Grandes Planos
18.25 Portugal Radical
18.50 Príncipe de Bel Air
19.10 Cara Chapada
19.30 Contos de Verão
20.45 Jornal da Noite
21.30 Belezas de Verão
23.35 Último Jornal
24.00 Agua na Boca
00.50 Boxe

- 13.25 Realce
14.15 A Família Chisholms
15.00 TV2 Desporto
23.20 Paul McCartney
00.20 A Mulher Discreta
12.50 Livres e Selvagens
13.40 As Aventuras de Robin Hood
14.10 Departamento S
15.05 Ponto por Ponto
16.00 Antes de Colombo
16.55 A Malta de Degrassi
17.25 Jogo de Damas
18.15 Vamp
19.00 Um, Dó, Li, Tá
20.00 Magazine de Cinema
20.30 Coisas de Homens
21.35 Deus nos Acuda
22.30 TV2 Jornal
23.15 Remate
23.25 Ouvir e Falar
00.25 Piazza Navona

- 16.30 Notícias
16.40 Corridas de Camiões
17.25 Santa Bárbara
18.00 Notícias
18.10 Roque Santeiro
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 A Brincar, a Brincar
22.00 Polícias e Espiões
23.00 Spielberg em Jurassic Park
23.35 Último Jornal
23.55 Donos da Bola
24.00 Internacional Sic
00.30 Superbykes
01.30 MTV
12.00 Rica Saúde
12.30 A Casa do Tio Carlos
13.00 A Amiga Olga
13.30 Uma Casa na Pradaria
14.15 O Jardim Mágico
17.05 A Casa do Tio Carlos
17.40 Lágrimas
18.30 Lassie
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação
20.05 Quem Sai aos Seus
20.30 Parker Lewis
21.05 Parker Lewis
21.35 Pacto Fatal
23.15 Informação
23.30 Sirenes
00.25 Fórum
00.55 Meteorologia

- 16.30 Notícias
16.40 Corridas de Camiões
17.25 Santa Bárbara
18.00 Notícias
18.10 Roque Santeiro
19.00 Praça Pública
19.30 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Minas e Armadilhas
22.20 Repórter da Mela-Noite
23.10 Corações em Chamas
23.45 Último Jornal
00.10 Sangue & Orquídeas
01.10 MTV

- 16.30 Notícias
16.40 Corridas de Camiões
17.25 Santa Bárbara
18.10 Notícias
18.20 Roque Santeiro
19.00 Praça Pública
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Labirinto
22.05 Armadilha Mortal
00.05 Último Jornal
00.30 Playboy
01.40 MTV

- 10.10 Os Construtores da História
10.40 Vida Selvagem
12.00 Punky
12.35 Lassie
13.00 Informação
13.10 Desporto
14.05 Cagney & Lacey
14.55 Lágrimas (compacto)
19.30 Informação
20.05 Espião à Vista
20.35 Pearl Harbour
21.35 Os Bastidores do Espectáculo
22.05 Liberdade: A História de uma Estátua (2ª parte)
23.45 O Preço do Desafio
01.30 Meteorologia

- 10.00 A Casa do Tio Carlos
11.00 Animação
12.00 Vaticano em Directo
12.15 Missa
13.30 Rica Saúde
14.00 A Saga do Ouro
16.00 África Nossa
16.55 Viagem Fantástica
18.40 Ao Lado da Lel
19.30 Informação Quatro
20.05 Espião à Vista
20.35 Covington Cross
21.25 Fado - História de Uma Cantadeira
23.20 O Melhor do Fado
23.50 Meteorologia

- 12.00 Rica Saúde
12.30 A Casa do Tio Carlos
13.00 A Amiga Olga
13.30 Uma Casa na Pradaria
14.05 O Jardim Mágico
17.00 A Casa do Tio Carlos
17.40 Lágrimas
18.30 Lassie
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação
20.05 Fórum
20.35 Quem Sai aos Seus
21.05 Parker Lewis
21.35 Desporto
22.05 A Longa Espera
23.40 Informação
23.55 Saia do Parlamento
00.25 Fórum
01.05 Meteorologia

- 12.00 Rica Saúde
12.30 A Casa do Tio Carlos
12.55 A Amiga Olga
13.25 Uma Casa na Pradaria
14.15 O Jardim Mágico
17.05 A Casa do Tio Carlos
17.30 Animação
17.45 Lágrimas
18.30 Lassie
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação
20.05 Fórum
20.35 Quem Sai aos Seus
21.05 Parker Lewis
21.35 Marés Vivas
22.25 Glória
00.30 Infirmaria
00.45 Fórum
01.25 Meteorologia

- 12.00 Rica Saúde
12.30 A Casa do Tio Carlos
13.00 A Amiga Olga
13.30 Uma Casa na Pradaria
14.05 O Jardim Mágico
17.05 A Casa do Tio Carlos
17.30 Animação
17.45 Lágrimas
18.30 Lassie
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação
20.05 Fórum
20.35 Quem Sai aos Seus
21.05 Parker Lewis
21.35 Desporto - «Na Malor»
22.05 Liberdade: A História de uma Estátua (1ª parte)
23.45 Informação
24.00 Taggart
00.55 Charley Hannah
02.40 Fórum
03.05 Meteorologia



Segunda-feira à noite, no Canal 1, a finalíssima dos Jogos sem Fronteiras 1993

Filmes na TV

QUINTA, 9

Dilúvio do Medo

«Floods of Fear» (Gr.Br./1958). Real.: Charles Crichton. Int.: Howard Keel, Anne Heywood, Cyril Cusak, Harry H. Corbett. P/B, 81 min. «Thriller». (15.00, Canal 1)

Glória

«Gloria» (EUA/1980). Real.: John Cassavetes. Int.: Gena Rowlands, Buck Henry, Julie Carmen, John Adames, Lupe Guarnica. Cor, 121 min. Ver Destaque. (22.25, Quatro)

SEXTA, 10

Passeio no Campo

«Une Partie de Campagne» (Fr./1936). Real.: Jean Renoir. Int.: Sylvia Bataille, Jane Marken, Gabriello, Georges Darnoux. P/B, 40 min. Ver Destaque.

Purga-se o Bebê

«On Purge Bébé» (Fr./1931). Real.: Jean Renoir. Int.: Jacques Louvigny, Marguerite Pierry, Sacha Tarride. P/B, 46 min. Ver Destaque. (15.00, Canal 1)

Armadilha Fatal

«Deathtrap» (EUA/1982). Real.: Sidney Lumet. Int.: Michael Caine, Christopher Reed, Diane Cannon, Irene Worth. Cor, 116 min. Ver Destaque. (22.05, SIC)

Nadine - Um Amor à Prova de Bala

«Nadine» (EUA/1987). Real.: Robert Benton. Int.: Jeff Bridges, Kim Basinger, Rip Torn, Gwen Verdon, Glenn Headly. Cor, 80 min. Ver Destaque. (22.10, Canal 1)

A Passageira

«Pasazerka» (Pol./1963). Real.: Andrzej Munk e Witold Lesiewicz. Int.: Aleksandra Slaska, Anna Ciepielowska, Jan Kreczmar. P/B, 59 min. Ver Destaque. (00.20, TV 2)

Os Vagabundos de Nova Iorque

«The Wanderers» (EUA/Hol./1979). Real.: Philip Kaufman. Int.: Ken Wahl, John Friedrich, Karen Allen, Toni Kalem. Cor, 113 min. Ver Destaque. (00.10, Canal 1)

Charley Hannah

«Charley Hannah» (EUA/1986). Real.: Peter H. Hunt. Int.: Robert Conrad, Shane Conrad, Christian Conrad, John Leslie, Red West. Cor, 100 min. Telefilme. (00.55, Quatro)

SÁBADO, 11

A Marca de Fogo

«Forfaiture» (Fr./1937). Real.: Marcel L'Herbier. Int.: Victor Francen, Sessue Hayakawa, Lise Delamare, Louis Jouvet. P/B, 96 min. Ver Destaque. (12.00, TV 2)

O Tesouro de Sierra Madre

«The Treasure of the Sierra Madre» (EUA/1948). Real.: John Huston. Int.: Humphrey Bogart, Walter Huston, Tim Holt, Bruce Bennett. «Colorizado», 124 min. Ver Destaque. (15.00, SIC)

Terra dos Faraós

«Land of the Pharaohs» (EUA/1955). Real.: Howard Hawks. Int.: Jack Hawkins, Joan Collins, James Robertson Justice. Cor, 101 min. Ver Destaque. (15.35, Canal 1)

Tarzan,

O Homem-Macaco

«Tarzan, the Ape Man» (EUA/1981). Real.: John Derek. Int.: Bo Derek, Richard Harris, John Phillip Law, Miles O'Keefe. Cor, 108 min. Aventuras. (22.50, Canal 1)

O Preço do Desafio

«Stand and Deliver» (EUA/1987). Real.: Ramon Menendez. Int.: Edward James Olmos, Estelle Harris, Mark Phelan, Andy Garcia. Cor, 105 min. Ver Destaque. (23.45, Quatro)

O Erro do Assassino

«The Woman Who Sinned» (EUA/1992). Real.: Michael Switzer. Int.: Michel Dudikoff, Tim Matheson, Susan Lucci, John Vernon. Cor, 90 min. «Thriller». (00.45, Canal 1)

Resistentes

«Que Vivan Los Crotos» (Arg./Esp./Gr.Br./Can./1990). Real.: Ana Poliak. Int.: Udo Ghezzi, Filisberto Satti, Uda Conti, Mário Perone. Cor, 63 min. Ver Destaque. (01.30, TV 2)

DOMINGO, 12

Mudanças

«Moving» (EUA/1988). Real.: Alan Metter. Int.: Richard Pryor, Beverly Todd, Beverly Todd, Randy Quaid, Dave Thomas, Dana Carvey. Cor, 89 min. Comédia. (14.50, SIC)

Um Pacto dos Demónios

«The Devil and Max Devlin» (EUA/1981). Real.: Elliott Gould, Bill Cosby, Susan Anspach, Adam Rich, Julie Budd. Cor, 92 min. Comédia. (15.50, Canal 1)

Viagem Fantástica

«Fantastic Voyage» (EUA/1966). Real.: Richard Fleischer. Int.: Raquel Welch, Stephen Boyd, Edmond O'Brien. Cor, 100 min. Aventuras. (16.55, Quatro)

Fado, História de Uma Cantadeira

(Por./1947). Real.: Perdigão Queiroga. Int.: Amália Rodrigues, Virgílio Teixeira, Vasco Santana, António Silva. P/B, 104 min. Drama. (21.25, Quatro)

O Padrasto Assassino

«Stepfather II» (EUA/1989). Real.: Jeff Burr. Int.: Meg Foster, Terry O'Quinn, Jonathan Brandis, Caroline Williams, Mitchell Lawrence. Cor, 86 min. «Thriller». (21.30, SIC)

Oficial e Cavalheiro

«An Officer and a Gentleman» (EUA/1981). Real.: Taylor Hackford. Int.: Richard Gere, Debra Winger, David Keith, Robert Loggia, Louis Gossett, Jr. Cor, 129 min. Ver Destaque. (23.30, Canal 1)

A Mulher Discreta

«La Discrète» (Fr./1990). Real.: Christian Vincent. Int.: Fabrice Luchini, Judith Henry, Maurice Garrek, Maria Bunel. Cor, 90 min. Ver Destaque. (00.20, TV 2)

Inocência Perdida

«Shattered Innocence» (EUA/1988). Real.: Sandor Stern. Int.: Jonna Lee, Melinda Dillon, John Pleshette, Kris Kamm. Cor, 100 min. Drama. (00.45, SIC)

SEGUNDA, 13

Guerrilheiros Americanos nas Filipinas

«American Guerrilla in the Philippines» (EUA/1950). Real.: Fritz Lang. Int.: Tyrone Power, Micheline Presle, Tom Ewell. Cor, 100 min. Ver Destaque. (15.10, Canal 1)

A Longa Espera

«Runaway Father» (EUA/1991). Real.: John Nicolella. Int.: Donna Mills, Jack Scalia, Chris Mulkey, Jenny Lewis. Cor, 94 min. Drama. (22.05, Quatro)

Perigosa Sedução

«Sea of Love» (EUA/1989). Real.: Harold Becker. Int.: Al Pacino, Ellen Barkin, John Goodman, Michael Rooker. Cor, 112 min. Ver Destaque. (22.00, SIC)

TERÇA, 14

Honra a um Homem Mau

«Tribute to a Bad Man» (EUA/1956). Real.: Robert Wise. Int.: James Cagney, Don Dubbins, Stephen McNally, Irene Papas. Cor, 95 min. Ver Destaque. (15.15, Canal 1)

Pacto Fatal

«Best Seller» (EUA/1987). Real.: John Flynn. Int.: James Woods, Brian Denehy, Victoria Tennant, Allison Balson. Cor, 95 min. «Thriller». (21.35, Quatro)

QUARTA, 15

Winchester 73

«Winchester 73» (EUA/1950). Real.: Anthony Mann. Int.: James Stewart, Shelley Winters, Dan Duryea, Stephen McNally. P/B, 88 min. Ver Destaque. (15.15, Canal 1)

Assalto ao Aeroporto

«Die Hard II» (EUA/1990). Real.: Renny Harlin. Int.: Bruce Willis, Bonnie Bodelia, William Atherton, Reginald Veljohnson. Cor, 124 min. Ver Destaque. (22.15, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

— Por isto e por aquilo... —

Glória (Quinta, 22.25, Quatro)

Realizador e actor ímpar no moderno cinema americano, John Cassavetes - com algumas poucas excepções durante o seu percurso criativo - raramente deixou que a sua carreira se subjugasse aos cânones e ditames dos grandes estúdios e da grande indústria cinematográfica, erguendo as suas melhores obras precisamente à sua margem. *Glória* - o filme que a Quatro hoje transmite - é uma das excepções que confirmam a regra, um filme com tons de melodrama que conta a história da fuga, por Nova Iorque, da ex-mulher de um chefe da Mafia protegendo o jovem sobrevivente de uma família porto-riquenha aniquilada pela organização. Misto de *filme de acção* e *melodrama*, o ritmo da sua progressão padece de alguma lentidão, mas a fabulosa interpretação de Gena Rowlands supera esse senão e é uma das principais qualidades do filme.

Passeio no Campo e Purga-se Bébé

(Sexta, 15.00, Canal 1)

O constante e reiterado *autismo* com que os responsáveis pela programação cinematográfica da RTP fecham os olhos e os ouvidos às razoáveis observações que a crítica faz em frequentes ocasiões acerca dos critérios de colocação de alguns dos seus filmes de qualidade - cuja cuidada divulgação (como *serviço público* que é) lhe competiria preservar - é um sintoma claro da sobrançeria pacóvia que constitui a postura de autoritarismo e desprezo pela opinião pública que a todos os níveis se vai instalando no país. Só assim se compreende que seja indiferente a esses «responsáveis» surgirem publicamente como *irresponsáveis* ao programarem para uma *primeira mainée* de um dia de semana duas obras importantes (a segunda das quais, completamente inédita entre nós) de um grande cineasta europeu - Jean Renoir - que qualquer televisão do mundo não desdenharia em colocar em plano de relevo (mesmo que num espaço especializado) no seu «horário nobre». *Passeio no Campo*, datado de 1936, é uma adaptação, inspirada nos seus enquadramentos e temática interna pela pintura impressionista, de um conto de Maupassant que o realizador sempre previu como um pequeno filme mas nunca chegou propriamente a finalizar, sendo apenas estreado dez anos após a sua rodagem com a inclusão de duas legendas substituindo as cenas que ficaram a faltar. *Purga-se o Bebê*, datado de 1931, é uma farsa irresistível, construída sobre as múltiplas confusões vividas pelas personagens, e adaptada a partir de um original de Feydeau - apresentando a suplementar curiosidade de ser, só, a primeira experiência de Renoir no *cinema sonoro*. Tratando-se de duas obras de visão imprescindível, a solução é gravar e ver mais tarde ao serão.

Armadilha Fatal (Sexta, 22.05, SIC)

Um famoso escritor policial atravessa um momento de baixa de forma necessitando desesperadamente de ultrapassar esta situação com a publicação de mais um grande êxito. E eis que a solução se lhe apresenta através da oportunidade de se aproveitar do notável original que um dos seus antigos alunos lhe traz para uma opinião autorizada - aluno que o escritor convida a sua casa e, inspirado pela intriga do romance, acaba por matar... O facto de aqui desvendarmos ao leitor o enredo do filme, tem a ver precisamente com a circunstância de, não sendo *Armadilha Fatal* das obras maiores de Sidney Lumet, o filme nunca deixar de se transformar, para o espectador, num exercício de fruição cinematográfica que desperta imenso prazer. O que principalmente contribui para este inevitável *agarrar ao écran* é ter o realizador conseguido transportar para o cinema, numa encenação tremendamente eficaz - servida por superiores interpretações - uma situação de *suspense* de que o espectador vai conhecendo antecipadamente (!) todos os *cordelinhos*, não deixando, mesmo assim, de perder o interesse no confronto com as surpresas de que são objecto as próprias personagens e que vão determinando a modificação nos seus comportamentos.

Nadine - Um Amor à Prova de Bala

(Sexta, 22.10, Canal 1)

Comédia ligeira e superficialmente realizada por um especialista em melodramas, *Nadine* é ao mesmo tempo o nome da sua principal personagem - uma cabeleireira que, tendo em tempos pouso nua e pretendendo recuperar as provas do acto de que se arrependera, testemunha um crime e mete-se em terríveis sarilhos. As interpretações de Jeff Bridges e, sobretudo, Kim Basinger (num surpreendente papel) são os principais motivos de interesse do filme.

Os Vagabundos de Nova Iorque

(Sexta, 00.10, Canal 1)

Começam aqui os tradicionais problemas das sextas-feiras, quando os «saldos de Verão» parecem chegar ao fim. É que este filme dos bons tempos de Philip Kaufman, estando longe das indigências com que o Canal 1 nos tem presenteado nos últimos tempos, merece que se lhe dedique visão atenta, sendo que, à mesma hora, um outro filme na TV 2 merece uma visão imprescindível.

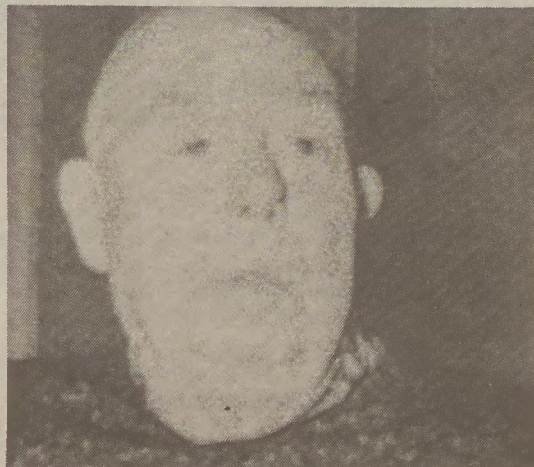
Mais uma vez o gravador poderá ajudar a resolver o problema, pois seria pena perder-se este filme de teinática violenta que se debruça sobre o meio sociológico dos *gangs* de adolescentes em plena década de 60 - os anos do assassinio de Kennedy, da guerra do Vietname, das lutas pelos direitos cívicos.

A Passageira (Sexta, 00.20, TV 2)

Durante uma viagem num pacote de luxo, uma das passageiras cruza-se acidentalmente com uma outra que acaba por reconhecer de um passado terrível e dramático, que ressurgue, em *flash-back*, aos olhos do espectador: trata-se, afinal, do reencontro de duas mulheres em tempos confrontadas numa situação bem diferente, a primeira como guarda de um campo de concentração das SS nazis, a segunda como prisioneira que lhe sofre as suas indescritíveis sevícias. Dramaticamente desaparecido num acidente de viação, Andrzej Munk (um grande realizador polaco de que a TV 2 tem ultimamente revelado algumas obras) não chegaria a terminar aquela que é uma das suas obras maiores - a fortíssima e sensível evocação de uma tragédia cujas terríveis imagens nos subju-



Gena Rowlands, em «Glória» de John Cassavetes, na Quatro



Jean Renoir, realizador de «Passeio no Campo» e «Purga-se o Bebê», a não perder no Canal 1



«A Passageira», a última longa-metragem de Andrzej Munk, na TV 2

gam pela sua impressionante demência - tendo o filme sido acabado de montar por um seu amigo e coladorador, Witold Lesiewicz.

A Marca de Fogo (Sábado, 12.00, TV 2)

Tudo começou em 1915, com a versão muda de Cecil B. DeMille da história de uma mulher fatal que, perdendo ao jogo uma enorme quantia destinada à Cruz Vermelha, promete os seus amores a um rico japonês, em troca do dinheiro que perdera, sendo depois vingada pelo marido que assassina o japonês depois deste a marcar na espádua com um ferro em brasa. Mas o *remake* de L'Herbier é bem menos interessante do que aquela peça histórica e apresenta, apenas, a curiosidade de o principal intérprete, Sessue Hayakawa, aqui desempenhar o mesmo papel.

O Tesouro de Sierra Madre (Sábado, 15.00, SIC)

A seguir à obra-prima de John Ford, *Cavalcada Heróica*, que parcialmente reabilitou a programação cinematográfica da SIC perante os seus espectadores, nada há a apontar quanto à (plausível) hora de transmissão desta outra obra-prima, de John Huston, embora não possa deixar de lamentar-se (não há bela sem senão...) a sua profunda transfiguração pelo inqualificável processo de «colorização» com que fomos surpreendidos ao vermos o *spot* de promoção. Tendo como pano de fundo o mundo, feito de ambição, rivalidade e violência, das aventuras de um punhado de pesquisadores de ouro terminadas em fracasso, o filme conta com brilhantíssimas interpretações de Humphrey Bogart, Tim Holt e Walter Huston, pai do realizador e contemplado com um Oscar para o Melhor Actor Secundário, tal como o foi John Huston, pela realização e pelo argumento.

Terra dos Faraós (Sábado, 15.35, Canal 1)

Que o prestigiado nome do realizador deste filme (Howard Hawks) não desviem o leitor da visão indispensável do filme de Huston. Quando muito, muna-se de mais uma *cassette*, já que *Terra dos Faraós*, é, no campo dos filmes-de-espectáculo sobre



Um plano de «O Tesouro de Sierra Madre», uma obra-prima de John Huston, na SIC

o Egipto antigo, naturalmente bastante superior aos produtos seus congêneres, pelos requintes da movimentação da câmara e da encenação, ao serviço de uma outra profunda reflexão - que se sobrepõe à superfície do espectáculo - sobre a ambição, a opressão, o poder e a morte. Ainda com um outro bónus suplementar: a secreta satisfação com que vemos **Joan Collins** acabar «emparedada» no interior da pirâmide de *Cheops*, o Faraó... E um imenso receio: a de que a cópia, como é triste hábito nas nossas televisões, encurte forçadamente o indispensável formato largo do *Cinemascope*.

O Preço do Desafio (Sábado, 23.45, Quatro)

As referências são nada menos do que entusiásticas acerca deste filme empenhado que se debruça sobre a oprimida comunidade hispânica em Los Angeles e um caso verídico em que um professor consegue que os seus alunos, que a sociedade transformou em desordeiros e marginais, transponham todas as dificuldades e ultrapassem com êxito uma prova de matemática particularmente complexa. Em primeiro plano está, ainda, uma excelente interpretação de **Edward James Olmos**.

Resistentes (Sábado, 01.30, TV 2)

Outra chamada de atenção para este «documentário ficcionado» de origem argentina, mas co-produzido com outros países, que viu a sua projecção nos Festivais de Cinema de Havana (1990) e de Tróia (1991) despertar os elogios da crítica e do público, e que duramente retrata a vida nómada de milhares de trabalhadores argentinos que, na primeira metade do século, percorriam os imensos espaços do seu país em busca de um trabalho precário que lhes permitisse subsistir.

Oficial e Cavaleiro (Domingo, 23.30, Canal 1)

Erguer ao mesmo tempo um grande êxito comercial e de público e um filme com algumas qualidades é obra de quem todos os cineastas se podem gabar, mas é o que aconteceu a **Taylor Hackford** ao transpor para o cinema um argumento de **Douglas Day Stewart** que se debruça, à boa maneira de Hollywood, sobre um tórrido *melodrama* entre dois inadaptados - um estudante rebelde, oficial da marinha, e uma jovem operária farta de uma vida sem perspectivas. A interpretação do grande actor negro **Louis Gossett, Jr.**, valeu-lhe um Oscar para os «secundários», mas o filme consagrou definitivamente **Richard Gere** que aqui é excelentemente acompanhado por **Debra Winger**.

A Mulher Discreta (Domingo, 00.20, TV 2)

A curiosidade deste filme, que em absoluto desconhecemos, é a de se ter já transformado num *filme de culto*, embora se trate do primeiro filme do seu realizador, **Christian Vincent**, que, adoptando o estilo de **Eric Rohmer** (e indo buscar um excelente e favorito actor deste realizador - **Fabrice Luchini**), encena uma comédia romântica em que um sedutor inveterado acaba por apaixonar-se por um das suas «discretas» conquistas. Um filme a descobrir.

Guerrilheiros Americanos nas Filipinas (Segunda, 15.10, Canal 1)

Interessantes pelos motivos os mais diversos e até opostos, eis que três curiosos exemplares de uma época de crise do cinema americano, aos anos 50, surgem programados para as primeiras três *matinées* da semana. O primeiro, um filme menor de **Fritz Lang** com argumento situado durante a II Grande Guerra nas Filipinas, destacou-se negativamente pelas polémicas posições militantes do cineasta.

Perigosa Sedução (Segunda, 22.00, SIC)

Filme psicologicamente violento, altamente representante do género *suspense*, esta obra de **Harold Becker**, com excelentes interpretações de **Al Pacino** e de **Ellen Barkin**, conta a história de um polícia de Nova Iorque que, atravessando um período de crise típica da meia-idade, se mete numa história de paixão escaldante pela principal suspeita de uma série de crimes, com as inevitáveis consequências que se adivinham.

Honra a um Homem Mau (Terça, 15.00, Canal 1)

Segundo clássico do início da semana, *Honra a Um Homem Mau* é também um filme relativamente menor, mas agora de **Robert Wise**, transformando uma típica história de acção em um

ambicioso *western* psicológico em que a figura sinistra de um rico proprietário em luta pela posse das suas vastas terras é interpretada, com algum exagero, por **James Cagney**.

Winchester 73 (Quarta, 15.15, Canal 1)

Finalmente, eis o melhor dos três filmes das primeiras *matinées* desta semana, mais um *western* clássico, este notável, realizado por **Anthony Mann** a partir de uma história de **Stuart N. Lake** que se debruça sobre o percurso de uma arma emblemática - a espingarda *Winchester 73* - que permite a evolução da narrativa pelas figuras de várias personagens e das situações típicas dos filmes sobre o Oeste americano em que elas se vêem envolvidas. Destaque para as cenas de antologia do tiroteio na montanha e do duelo final e uma chamada de atenção para o elenco, em que avultam as interpretações de **James Stewart** e de **Shelley Winters**.

Assalto ao Aeroporto (Quarta, 22.15, Canal 1)

Dois anos depois desse espantoso êxito de bilheteira que foi o espectacular filme de **John McTiernan** *Assalto ao Arranha-Céus*, era inevitável surgir uma *sequela* em que a mesma personagem - o agente de polícia **Bruce Willis** - mais uma vez vê o seu Natal estragado pelas terríveis e violentas ocorrências que o surpreendem no Aeroporto de Washington - um grupo de temíveis terroristas que pretende criar uma situação de chantagem que leve à libertação de um ditador latino-americano. Tão ou mais inverosímil que o primeiro, este filme, agora realizado por **Renny Harlin**, é igualmente um espectáculo de acção e entretenimento fabulosamente posto em cena com os inexecutíveis meios do cinema industrial de grande público. Um divertimento que mais não pretende do que entreter, com competência.

Cinema

	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Culpa Formada	★★	-	★★
B O Último Grande Herói	★★★	-	★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. Sidney Lumet — *Alfa/2* (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), *Amoreiras/2* (13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45, 0.15), *Mundial/2* (14.15, 16.45, 19.15, 21.45), *Quarteto/2* (14.45, 17.00, 19.15, 21.45, 24.00) — Lisboa
- B — Real. John McTiernan — *Alfa/5* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), *Amoreiras/4* (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), *Cine 222* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa

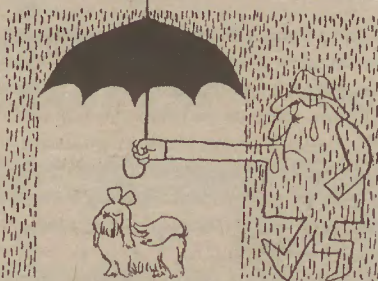
Teatro

TEATRO ABERTO

Lisboa, Pç. de Espanha. Tel. 770969. De 3ª a sábado. às 21.30, domingo às 16.00. **TOP GIRLS**, de Caryl Churchill, encenação de Fernanda Lapa.

TEATRO MIRITA CASIMIRO

Estoril, Av. Fausto de Figueiredo. Tel. 4670320. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **OS BIOMBOS**, de Genet, encenação de Carlos Avilez, pelo Teatro Experimental de Cascais.



Tempo

Nos próximos dias, o céu vai estar muito nublado. Continuarão os períodos de aguaceiros e vai registar-se uma descida de temperatura, sobretudo nas regiões do Norte e do Centro.

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														

HORIZONTAIS: 1 — Célebres; produto que se extrai do ásaro. 2 — Ilha tipicamente anular; título dos descendentes de Mafoma. 3 — Pêlo de certos animais; determinaram o valor de; Cobre (s.q.). 4 — Íntima; liguei; utensílio de cozinha (pl.). 5 — Mulher nobre; instrumento cortante composto de lâmina e cabo (pl.); engaste de pedra preciosa. 6 — Estimar; lavras. 7 — Dás as cores do arco-íris; converte em massa. 8 — Nome de letra (pl.); tosta. 9 — Uso corrente; local onde se secam os cereais (pl.); passa para outro dia. 10 — Origem (fig.); oceano; rio da Suíça. 11 — Nota musical; designação familiar de cama (pl.); nociva. 12 — Planta medicinal, da fam. das liliáceas; fileiras. 13 — Pavimento feito de ladrilhos variados; lugar plantado de álamos.

VERTICAIS: 1 — Que faliu; afiam no rebolo. 2 — Patroa; ovário de peixe. 3 — Cânhamo de Manila; pousado no mar; Césio (s.q.). 4 — Base aérea; aliada; pássaro comum em Portugal. 5 — Tareia; membro de ave; prova automobilística. 6 — Remoinho de água (prov.); reunião de palavras que formam sentido; nome escocês. 7 — Satélite da Terra; profunda. 8 — Instrumento de dois ramos articulados, utilizado para prender; ave trepadora. 9 — Dama de companhia; argola. 10 — Criatura; agulhas de pinheiro; semelhante. 11 — Adorar; dignatário etíope; aposento de religioso. 12 — Viscera dupla; fruta seca, especialmente de uvas; o fio americano. 13 — Caminhar; antiga medida de quatro palmos; igreja episcopal. 14 — Protóxido de cálcio; compareciam. 15 — Denunciam; quieta.

SOLUÇÕES DO NÚMERO 1028

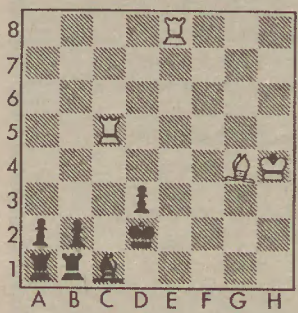
HORIZONTAIS: 1 — Socorro; almeida. 2 — Ari; sol; avo. 3 — Ré; asa; ria; em. 4 — Ora; ossadas; imo. 5 — Sé; aulas; BA. 6 — Av.; mó; CO; ia. 7 — Orada; solar. 8 — Pá; lê; ás; AM. 9 — Fá; caras; AL. 10 — Sam; varolas; ola. 11 — AS; mal; iam; ar. 12 — Mel; gás; mar. 13 — Cansara; ocasião.

VERTICAIS: 1 — Rola; pisa. 2 — ER; voa; OS. 3 — Cã; ás; FM; MN. 4 — Ora; emala; mês. 5 — Riso; ode; vala. 6 — Asa; cal. 7 — Os; sua; par; GA. 8 — Otal; rota. 9 — Al; dar; mal; só. 10 — Rás; sai. 11 — Mais; coa; sama. 12 — Eva; bolsa; más. 13 — Io; ia; lô; ri. 14 — Em; ira; lá. 15 — Mora; miar.

XADREZ

CDXXVII - 9 de Setembro de 1993
PROPOSIÇÃO Nº 1993X071
Por: HERBERT GRASEMANN
Berliner Morgenpost, 1961

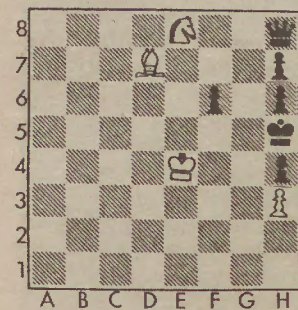
Pr.: [7]: Ps.a2, b2, d3-Bç1-Ts.a1, b1-Rd2
Br.: [4]: Bg4-Ts.c5, e8-Rh4



Mate em 14 lances

PROPOSIÇÃO Nº 1993X072
Por: S. GRUBER
Magyar Sakkvilág, 1932

Pr.: [6]: Ps.f6, h4, h6, h7-Dh8-Rh5
Br.: [4]: Ph3-Ce8-Bd7-Ré4



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDXXVII

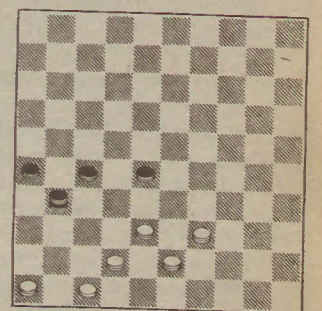
Nº 1993X071 [H.G.]: 1. Bd7, Rd1; 2. Ba4+, Rd2; 3. Bc6, Rd1; 4. Bf3+, Rd2; 5. Bd5, Rd1. 6. Bb3+, Rd2; 7. Bf7, Rd1; 8. Bh5+, Rd2; 9. Rg4f, Rd1; 10. Rg3+, Rd2; 11. Rf3, Rd1; 12. Rg2+, Rd2; 13. Be2l, d3:e2; 14. Td8++
Nº 1993X072 [S.G.]: 1. Rf5, Df8; 2. Cg7+, D:C; 3. Bè8+, Dg6+; 4. B:D+; P:B+; 5. R:P, g5; 6. Rf5, g4; 7. P:P+++

A. de M.M.

DAMAS

CDXXVII - 9 de Setembro de 1993
PROPOSIÇÃO Nº 1993D071
Por: HENRI CHILAND
Secrets et Merveilles du Jeu de Dames, Paris, 1968

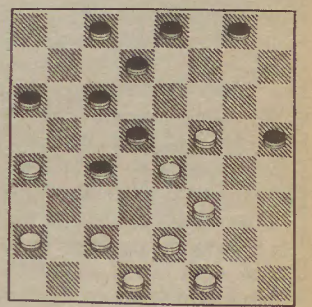
Pr.: [4]: 26-27-28-(31)
Br.: [6]: 38-39-42-43-46-47



Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO Nº 1993D072
GOLPE Nº 3593
Por: W. ROCKWELL

1. 11-14, 21-18; 2. 14-21, 25-18; 3. 7-11, 23-19; 4. 10-14, 19-10; 5. 5-21, 26-17; 6. 1-5, 22-19; 7. 5-10, 28-23; 8. 9-13, 32-28; 9. 11-14, 24-20; 10. 12-16, 28-24; 11. 4-7, 20-15; 12. 13-18
DIAGRAMA:



Pretas jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº CDXXVII

Nº 1993D071 [H.Ch.]: 1. 38-33l, (31x48); 2. 33x31, (26x37); 3. 47-42, (37-41); 4. 46x37+
Nº 1993D072 [W.R.]: 12. 17-13; 13. 10-17, 19-10; 14. 6-13, 15-12; 15. 8-15, 23-20; 16. 16-23, 27-4=D+

A. de M.M.

a talhe de FOICE

A Convocação

Os ministros e ajudantes já tinham chegado. O parque privativo de S. Bento abarrotava de motoristas à conversa, junto aos carros oficiais, quando José Veludo, candidato do PSD à Câmara do Seixal, entrou, na sua viatura particular. Atrapalhou-se quando lhe exigiram a identificação, mas acalmou quando descobriu Macário Correia, seu homólogo por Lisboa, a assertoar o casaco e a arrumar o cabelo à boca das escadarias. Deteve-o com um breve assobio e deu uma corridinha.

- Viva, Macário, então também foi convocado, hã?!... O candidato da escolha capital perscrutou-o sobre o ombro e respondeu vagamente, começando a subir as escadas:

- Sabe, as minhas visitas a S. Bento não são propriamente uma raridade...

- Não duvido, não duvido! Mas no meu caso...

O outro já não o ouvia. Entrara salão dentro, de mão e sorriso de betão apontados ao primeiro que lhe apareceu, o ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral.

- Meu caro engenheiro, mas que bom aspecto, mas que bom aspecto!

Brilhando como sempre, o queixo de Mira Amaral quase fêscou sob os abanões do cumprimento, mas Macário estava imparável; puxando o ministro ainda mais para si, apontou o polegar displicente sobre o ombro na direcção de José Veludo, e cochichou:

- Evidentemente que vamos discutir a estratégia sobre Lisboa, só não vejo o que é que o Seixal vem ao caso...

O responsável pela Indústria e Energia olhou-o tão gelidamente que Macário se apressou a largar-lhe a mão.

- Então você não viu?!...

- Não vi o quê? — Macário já tremia e arrependeu-se logo de ter manifestado tão espontânea ignorância.

- Que diabo, não tem televisão em casa?

Macário não atinava uma resposta. Estava cada vez mais a zero com a conversa, pelo que se virou para José Veludo à espera de ajuda, numa aflição verdadeiramente capital. O outro não lhe perdoou:

- Oh, Macário... Então você não soube do meu golpe de mestre na Atalaia, e perdoem-me a imodéstia?

Mas que Atalaia? Onde é que raio fica isso? E Macário puxava pelas meninges, espremendo tudo o que aprendera na colecção "Lisboa Desaparecida". Entretanto, o incidente levantara os outros dos cadeirões à volta da sala, onde remoíam uma preocupação expectante, e uma larga roda, vagamente hostil, já cercava o grupo.

- Os comunistas, homem! - tonitrou o ministro do Território, Valente de Oliveira, com o vigor de quem acabara de perceber um silogismo. - Então você não os viu nas televisões todas, uma matulagem tenebrosa, parecia o gonçalvismo!

- Televisões, vírgula! - rompeu Marques Mendes por entre os cotovelos de Santana Lopes e Braga de Macedo. - RTP-1 principalmente! Um escândalo! Uma televisão pública a transmitir directamente da Festa do Avante!

- Não sei do que se está à espera para sacudir o Moniz... Já deu o que tinha a dar, nunca me enganou... - sibilou Santana Lopes.

- Mas o problema fundamental é que eram muitos, aquilo até metia medo! - berrava o ministro da Educação Couto dos Santos, traumatizado com tudo o que seja manifestações a bater-lhe à porta. O ambiente já fervia, quando uma porta do fundo se fechou com estrondo. Era Cavaco Silva que entrava. O grupo desfez-se e o silêncio engoliu a discussão numa bocada. - Meus senhores - começou o chefe -, a questão é rápida e nem precisa de sala de reuniões. Os comunistas estão aí. O perigo é real e já nem sei qual dos exageros é maior, se a propaganda da Comunicação Social à Festa do "Avante!", se aquela avalanche de gente de punho no ar a querer derrubar o Governo. A coisa é grave e já tive de travar o João Jardim, que queria proibir a compra de televisores em toda a Madeira.

Um sorriso confiante instalou-se, largamente, no rosto de José Veludo. Sentia que era a altura de intervir.

- Se me permite a expressão, Sr. Primeiro-Ministro, por isso é que eu decidi sair para o covil da fera...

- Você saiu foi do covil da besta! Não bastava a propaganda do jornalismo do bloqueio, que você ainda havia de lhes dar uma ajuda com a sua visita idiota!

Era isto que lhe queria dizer. E virou-se para os outros.

- É preciso agir depressa. O segredo desta Festa ainda deve estar por aí em Lisboa. É para isso que conto consigo, ó Macário! Veja lá se ganha a Câmara e me descobre o truque, que há-de estar para aí entre a FIL, o Vale do Jamor e o Alto da Ajuda. Olhou para o outro, desconfiado, e acrescentou: - É claro que terá todo o apoio do meu Governo.

O seu Governo, solícito, aquiesceu com todas as cabeças. E, de repente, Cavaco explodiu:

- EU QUERO UMA FESTA DO "AVANTE!"

TAMBÉM PARA MIM!!!

■ HC

Coligação de Esquerda reunida em Sintra

Ambiente, economia e desemprego no centro das preocupações

«As áreas metropolitanas e os fundos comunitários» e «o Fundo de Coesão e a problemática ambiental» foram os temas centrais da reunião que de segunda a quarta-feira ocorreu em Seteais (Sintra) e que juntou os eurodeputados do Grupo de Coligação de Esquerda no Parlamento Europeu, onde se integram os eleitos do Partido Comunista Português, PCF e PCG. A título de observadores estiveram membros do PDS alemão.

A reunião ocorreu no âmbito da preparação da intervenção do Grupo Coligação de Esquerda na próxima sessão plenária do Parlamento Europeu e nela foram analisados também os aspectos que se relacionam com a actual crise do Sistema Monetário Europeu (SME) bem como a crise geral a nível económico e social que atinge os doze países da Comunidade Europeia, onde avulta o crescente aumento do desemprego.

O Grupo Coligação de Esquerda decidiu solicitar o agendamento, na ordem de trabalhos do plenário que se inicia já na próxima semana, uma discussão sobre a crise do SME. A abordagem destes temas tornou evidente a necessidade de um tratamento integrado, ligando-o à falência da convergência nominal e seus critérios e à elaboração de um livro branco para o Conselho Europeu de Bruxelas, de Dezembro deste ano, sobre a dimensão dos problemas sociais na Europa.

Autarcas e técnicos de diversas áreas participaram nos trabalhos, sobretudo no que dizia respeito aos temas centrais da reunião. Entre essas presenças avultaram as de Daniel Branco, presidente da Junta Metropolitana de Lisboa, e Lino Paulo, anfitrião do evento e vereador da Câmara de Sintra à qual é candidato à presidência nas próximas eleições pela CDU - Coligação Democrática Unitária.

A escolha de Sintra para a reunião deveu-se não só às suas potencialidades ambientais mas também por ali existirem sérios problemas nessa área, com largas responsabilidades para a administração local, de presidência PSD.

«Avante!» especial da Festa

Como tinha sido anunciado, o «Avante!» especial distribuído no sábado e domingo na Festa não foi enviado para os ADE's das organizações distritais.

Porém, dado os pedidos que nos têm chegado de diversos ADE's, verifica-se que muitos camaradas que não puderam vir à Festa ou não tiveram oportunidade de o adquirir nesta desejam obter este número especial para, ao longo das suas 40 páginas, recordarem as 16 Festas já realizadas e completarem as suas colecções do «Avante!».

A Editorial «Avante!» decidiu, por isso, fazer um rateio pelos ADE's das sobras existentes e enviá-las juntamente com o «Avante!» desta semana. Na factura do mês de Setembro, os ADE's descontarão os exemplares efectivamente não vendidos.

Editorial «Avante!»



A reunião decorreu no Palácio de Seteais



Joaquim Miranda e Lino Paulo

Outra questão levantada foi o facto de o Governo não accionar mecanismos eficazes de informação no nosso país sobre as formas de acesso aos vários instrumentos

financeiros postos à disposição dos investidores pela Comunidade Europeia, levando a um subaproveitamento de potencialidades.

Na quarta-feira, as conclu-

sões dos trabalhos seriam apresentadas à comunicação social em conferência de imprensa ocorrida no Centro Jean Monet, em Lisboa. Para além das questões ambientais e do emprego foram ainda abordados os problemas da Comunidade Europeia na área da violência, racismo e xenofobia. O Grupo considerou serem muito preocupantes os níveis já atingidos e ligou-os às consequências sociais, sobretudo causados pelo desemprego, das estratégias e políticas económicas que têm sido seguidas no seio da Comunidade e que o Tratado de Maastricht viria a acelerar.

Professores denunciam

Abertura do ano escolar em causa

A abertura do ano escolar está posta em causa, segundo a opinião expressa pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa num comunicado emitido na terça-feira, que alerta para a suspensão dos concursos de afectação para professores do 1.º ciclo e educadores de infância vinculados, após uma decisão nesse sentido tomada pelos serviços do Ministério da Educação, no dia útil imediato ao final do prazo do concurso. Segundo o SPGL, as direcções escolares aguardam ordens, não procedendo às colocações destes doze mil professores a que se acrescentarão os inevitáveis atrasos do concurso para milhares de professores contratados cujo prazo decorre até 10 do corrente.

«A causa provável desta suspensão prende-se com o atraso na atribuição de des-tacamentos aos professores do quadro geral, atraso este provocado pela saída tardia da legislação necessária e fazendo com que os lugares postos a concurso de 1 a 3 de Setembro possam vir a não corresponder à realidade», diz o comunicado do SPGL.

A nota afirma que os protestos dos professores são

múltiplos e fundados e que até aquela altura nenhum responsável se mostrou disponível para esclarecer o assunto. Com esta suspensão, a normal abertura das aulas estará em causa já que no próximo dia 15 certamente haverá escolas sem professores ou professores com escola mas sem tempo para preparar o ano.

Em causa estão também algumas regalias que a lei

Carlos Carvalhas em Sintra

No próximo domingo, o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, visita, a partir das 12 horas, a Feira de S. Pedro onde será acompanhado por Lino Paulo, candidato da CDU - Coligação Democrática Unitária - à presidência da Câmara Municipal de Sintra.

Prossegue, entretanto, no sábado, a animação do Espaço CDU Sintra, em funcionamento desde há semanas na Rua D. Maria II, no Cacém, com um jantar-convívio promovido pela Juventude que igualmente conta com a presença de Lino Paulo.

Debate em Alverca

Integrado no ciclo de debates "Um programa à nossa maneira" que a Coordenadora da CDU de Vila Franca de Xira tem vindo a promover, realiza-se hoje, no Salão da Misericórdia de Alverca, com início às 21h30, um debate sobre Política Municipal da Juventude.